



Ana Gomes, pese a chacina ocorrida em Liquiçá, está otimista sobre os resultados do próximo encontro entre Gama e Alatas.

Quanto a Timor-Leste considera ser mais necessária uma força de segurança da ONU que um exército, para travar os massacres.

Portugal não vai levantar-se da mesa

Ana Gomes garantiu, em entrevista ao JN, que os governos de Lisboa e de Jacarta estão empenhados nas negociações sobre Timor-Leste

ENVIADO JN JORGE PINTO

A chefe da Secção de Interesses de Portugal na Indonésia insiste na presença de observadores internacionais, designadamente da ONU, em Timor-Leste. Em entrevista ao JN, em Jacarta, Ana Gomes afirmou, no entanto, que este não é o momento certo para 'chamar' uma força de manutenção de paz (militar), considerando que a melhor solução será garantir a presença de uma missão policial. O objectivo, de acordo com a diplomata, é pôr cobro aos ataques bárbaros que têm ocorrido no território. Ana Gomes acusa alguns sectores indonésios, sobretudo das Forças Armadas, de tentarem boicotar o processo negocial que está a decorrer sob a égide da ONU, mas garante que tanto Portugal como a Indonésia estão empenhados em encontrar uma solução pacífica para o problema.

JORNAL DE NOTÍCIAS - Como avalia a actual situação em Timor-Leste?

ANA GOMES - A situação é muito, muito complicada. Este é o período mais crítico em Timor-Leste. Estamos à beira da assinatura de um acordo, em que o Governo português e o Governo indonésio estão empenhados e que resulta da mudança de posição que Jacarta anunciou no passado dia 27 de Janeiro, mas sabemos que há forças indonésias, altamente colocadas, designadamente nas Forças Armadas, determinadas a boicotar esse acordo e a impedir, sobretudo, que seja feita uma consulta ao povo timorense sobre o seu destino. Portanto, esta seria sempre, como em qualquer outro processo, a fase mais crítica. E temos aqui um problema gravíssimo e estranhíssimo: estamos perante um conflito, que a ONU medeia mas no qual não está presente. Do Afeganistão, ao Kosovo, à Bósnia, aos Grandes Lagos, Angola, as Nações Unidas estão lá. Aqui não. Por isso, os militares indonésios e os sectores indonésios que estão interessados em boicotar a posição do Governo de Jacarta aproveitam, devido à ausência de observadores estrangeiros em permanência, para lançar ataques bárbaros como o que aconteceu agora em Liquiçá e que visam, por um lado, intimidar e aterrorizar a população e, por outro, provocar a ruptura das negociações.

- Deixou já várias questões em aberto. Mas, no que diz respeito aos incidentes de Liquiçá, tem dados concretos sobre o que realmente aconteceu?

- Estou a vir ao de cima. O ata-



Ana Gomes: "Os números não interessam. Qual é a diferença entre morrerem 25 ou 50?"

Há em Timor neste momento uma série de criminosos à solta

que a Liquiçá começou na segunda-feira de manhã e prosseguiu durante dois dias. No dia 5, às 17 horas, quando recebi a notícia de que mais 17 pessoas tinham sido mortas, telefonei para o Ministério dos Negócios Estrangeiros indonésio a disse que se estava a passar qualquer coisa de muito grave em Liquiçá. Fui sempre acompanhando a situação, com base nas informações que me chegavam, que eu não sabia se eram verdadeiras ou não, porque a localidade estava com as comunicações e as estradas cortadas. Mas, agora está a vir tudo ao de cima. Com alguma dificuldade, porque já houve muita encenação para encobrir o que efectivamente de gravíssimo se passou. Ainda há pouco recebi um telefonema de um colega seu da BBC que me disse que vinha horrorizado com o que percebeu que tinha acontecido.

- Subsistem, no entanto, grandes diferenças quanto ao número de vítimas apontado pela Resistência timorense e pelas Forças Armadas indonésias.

- Os números não interessam. Qual é a diferença entre morrerem 25 ou 50? Morreram. Foi uma barbaridade. Claro que os números também interessam, mas é relativamente irrelevante que tenham sido 25 ou 50, porque foi horrível, bárbaro, uma chacina, uma coisa miserável.

- A dra. Ana Gomes já defendeu, à semelhança de Xanana Gusmão, a necessidade de ser feita uma investigação aos incidentes. Pensa que essa pretensão será atendida pelo Governo indonésio?

- Considero que é preciso exigila (uma investigação internacional com participação indonésia).

Essa investigação é necessária, não só para se apurarem as responsabilidades de quem as tem, mas, sobretudo, para se individualizarem essas responsabilidades. Há uma série de criminosos à solta em Timor-Leste, neste momento. Essa gente tem de ser apanhada e julgada, não podemos deixar a população à mercê dos criminosos. O padre Rafael, de Liquiçá, que agora é uma das testemunhas do que se passou, disse-me que muitas pessoas das milícias estão drogadas. Mas outros estão ali perfeitamente conscientes e dirigidos e orquestrados por militares indonésios. Não tenho dúvidas disso e é o que me dizem todos os timorenses.

- Todos estes últimos acontecimentos e mais concretamente os incidentes de Liquiçá poderão pôr em risco o processo de negociação entre Portugal e a Indonésia?

- O objectivo é esse. É levar Portugal a dizer que a Indonésia não está de boa fé, porque pensamos que nos vamos levantar da

mesa das negociações. Só que nós já somos suficientemente sofisticados para perceber o que se está a passar. O próprio comandante Xanana Gusmão e os timorenses também não querem esse tipo de solução, mas apenas que se apure a verdade, quem a protecção que a presença internacional implica. Porque é só através do processo negocial que se vai encontrar uma solução para o problema de Timor. Vai ser feita a consulta à população, essa gente não pode ter sucesso numa campanha que visa impedir a consulta das Nações Unidas.

- Não existe, portanto, a ameaça de Portugal abandonar as negociações caso a situação em Timor não se altere, como já foi noticiado em Jacarta?

- Essa notícia é falsa. Já mandei uma carta para o jornal em causa, desmentindo a informação. Escreveram tudo ao contrário. Eu disse exactamente aquilo que acabei de dizer a si. Nessa nós não caímos, porque estamos comprometidos com as negociações.

Enviado JN LEONEL DE CASTRO

IAN TIMBARLANE/EPA



Ana Gomes quer mobilizar ajudas humanitárias para Timor-Leste

Diplomata portuguesa deixou ontem Timor-Leste

Ana Gomes pede apoio imediato

A DIPLOMATA portuguesa Ana Gomes anunciou ontem no final da sua visita de quatro dias a Timor-Leste que vai recomendar ao Governo português o início imediato de ações de apoio de emergência à população do território. Ana Gomes referiu que as ações de auxílio, que Portugal poderá desenvolver sozinho, com outros países ou "através de organizações não governamentais", deverão incidir nas áreas do ensino, da saúde e do fornecimento de produtos de primeira necessidade, como o arroz, cuja "escassez cria instabilidade".

"Penso que podemos fazê-lo através de organizações neutras, como a Igreja ou outras instituições não governamentais que existem aqui, sem favorecer partidos políticos", disse a chefe da secção de interesses de Portugal na Indonésia, momentos antes de viajar para Jacarta.

Ana Gomes segue hoje para Macau para falar no assunto com o Presidente da República, Jorge Sampaio, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, que estarão no território para a inauguração,

na sexta-feira, do Centro Cultural de Macau. "Vou dizer [a Jorge Sampaio e Jaime Gama] que cheguei à conclusão de que há aqui interlocutores muito válidos que estão já a preparar-se e a organizar-se para suprir as carências", referiu.

Segundo Ana Gomes, será fácil mobilizar ajudas humanitárias para Timor-Leste não só da parte de Portugal, mas também de "todos os países" da União Europeia, que "estão dispostos e interessados em ajudar" o povo timorense. "Acho que vai haver muita ajuda para Timor", sublinhou a diplomata, que exortou mesmo os empresários portugueses do sector do café a fazerem negócios no território, onde existe uma cooperativa timorense, com apoios norte-americanos, que "já subtraiu cerca de 25 por cento da produção do café à exploração dos militares" indonésios.

A diplomata referiu igualmente que visitou cerca de 130 desalojados de Maubara que estão em Dili na casa de Manuel Carrascalão e que querem voltar para as suas terras, mas "a situação de segurança não lhes

dá garantias de que possam voltar". "É impressionante, são pessoas tão fracas, tão vulneráveis, tão magrinhas. A população hoje aqui em Timor-Leste sofre sobretudo de doenças como a tuberculose e a malária. Certamente não será difícil elevar o nível de vida com uma administração correcta".

Antes de regressar a Jacarta, acompanhada por Afonso Malheiro e Lucas da Costa, respectivamente número dois e tradutor-intérprete da secção de interesses, Ana Gomes reuniu-se com organizações presentes em Dili, incluindo a Cruz Vermelha Internacional e a Caritas. A diplomata manteve segunda-feira encontros com representantes das forças armadas indonésias e da polícia, da Comissão Nacional dos Direitos Humanos da Indonésia, da Comissão Justiça e Paz (uma organização da Igreja Católica), do Conselho Nacional da Resistência Timorense, do Fórum para a Unidade, Democracia e Justiça (pró-integração), do Movimento de Timorenses para a Paz, do Partido Socialista Timorense e da Fretilin.

"Aquilo que eu recolhi da esmagadora maioria dos interlocutores — não de todos, pois o sector integracionista tem uma opinião diferente — foi a necessidade absolutamente fundamental de assegurar quanto antes uma presença internacional em Timor-Leste", salientou.

Em jeito de balanço da visita a Timor-Leste, a primeira de uma representação oficial do Governo português nas últimas duas décadas, Ana Gomes considerou-a "muito importante, muito comovedor e muito útil". "Do ponto de vista pessoal, devo dizer que senti a carga toda da nossa história em tudo o que tem de bom e de mau. Devo dizer que o mau é muito pouco, é essencialmente bom, e saio daqui com muito orgulho de ser portuguesa", comentou Ana Gomes, salientando ter ficado impressionada com a "dignidade extraordinária" do povo timorense: "Vai ser possível evitar a guerra civil, porque os timorenses estão cansados da guerra e vão entender-se". ■

Paulo A. Nogueira, Lusa, em Dili

Timor e África

Portugal quer melhor cooperação

O SECRETÁRIO de Estado da Cooperação, Luís Amado, passou ontem horas a repetir a palavra "cooperação", para África, nos encontros oficiais que teve em Washington, e o dia não podia ter sido melhor. De manhã, o Presidente Bill Clinton propôs reduzir a dívida dos países africanos aos Estados Unidos.

A visita de Amado, que termina hoje em Nova Iorque, teve como objectivo oficializar o compromisso de Portugal em ajudar Timor-Leste independentemente do futuro do território (autonomia ou independência), propor uma "cooperação mais intensa" com a ONU e os Estados Unidos em relação a África, e promover a "necessidade de integração do continente, a prazo, no sistema internacional".

"Desperdiçam-se muitos recursos pela falta de coordenação e pela diferença de perspectivas e estratégias que cada organização regional e cada Estado desenvolvem", disse o secretário de Estado ao PÚBLICO. A solução? "Cooperação" e "coordenação". Portugal deve colaborar mais estreitamente com a ONU e com os Estados Unidos, disse. Mas, para isso,

"é necessário que a ONU e o Conselho de Segurança acompanhem mais directamente a participação das organizações regionais na resolução dos conflitos", "é necessário que os mandatos se articulem mais rigorosamente", e "que os processos de assistência das organizações regionais sejam acompanhados pelos países contribuintes dessas operações". Ou seja, "é necessário um quadro regulado de assistência".

No primeiro dia, em Nova Iorque, o secretário de Estado

português reuniu-se com Kofi Annan, secretário-geral da ONU, com o responsável das Operações de Paz na ONU, Bernhard Niyet, com representantes dos PALOP e de algumas organizações não governamentais da área do desenvolvimento, com a assistente do secretário-geral para Assuntos Políticos e com os membros da "troika" para Angola (alem de Portugal, Estados Unidos e Rússia). Ontem Luís Amado teve, em Washington, reuniões com o vice-presidente do Banco Mundial para a África, Calisto Mandav, com o vice-secretário de Estado americano para Assuntos Políticos, Thomas Pickering, e com outros funcionários do Pentágono e do Departamento de Estado.

Na Administração Clinton, diz Luís Amado, há uma "nova disponibilidade para identificar uma estratégia política mais activa" para África. E a prova, diz, é que ontem começou em Washington a primeira cimeira entre os Estados Unidos e os países africanos (mais de 50), que abriu, precisamente, com a propositura contínua por aprovar no Congresso.

Os EUA, disse Clinton, estão comprometidos em construir uma nova relação com África, que "reduza os problemas deixados pelos erros do passado". "Durante grande parte deste século, a relação entre os EUA e África foi contaminada pela indiferença da nossa parte", disse Clinton. "Temos estado demasiado separados e desiguais. Temos que acabar com isso e construir um futuro comum melhor." ■

Barbara Reis, em Nova Iorque

Freiras cercadas em Maubara

PARAMILITARES pró-integracionistas cercaram uma residência de madres carmelitas em Maubara, Timor-Leste, e ameaçaram matar as religiosas que ali se encontram, denunciou ontem em Dili o director da Caritas, padre Francisco Barreto.

O cerco da residência, onde se encontram sete madres e dois padres, foi feito segunda-feira à noite (hora local) e continuava ao princípio da tarde de ontem, disse o padre Francisco Barreto. A acção foi desencadeada pela força paramilitar Besi Merah Putih (Aço Vermelho e Branco), uma das milícias "armadas pelos soldados indoné-

sios" que defende a integração de Timor-Leste na Indonésia, referiu o padre.

Eles ameaçaram matar qualquer madre que sair do convento, porque as acusam de estarem só a trabalhar para a resistência" timorense, disse o director da Caritas.

O padre Francisco Barreto considerou, no entanto, que se trata de uma acusação falsa, porque as madres tem assistido todas as pessoas que necessitam de ajuda, sem discriminações "pela cor, pela ideologia ou pela religião". A situação vivida pelas religiosas carmelitas em Maubara, a oeste de Dili, foi já comunicada a diversas autorida-

des do território e também à chefe da secção de interesses de Portugal na Indonésia, Ana Gomes, momentos antes de a diplomata regressar a Jacarta, após uma visita de quatro dias a Timor-Leste.

O director da Caritas referiu ainda que "há semanas atrás" uma freira da Caritas foi a Maubara e elementos das milícias disseram-lhe que matariam os jornalistas que se deslocassem àquela localidade. No entanto, pelo menos três jornalistas estrangeiros foram na segunda-feira a Maubara e regressaram a Dili sem problemas. ■

PÚBLICO

Delegação de Aveiro

Rua Eng. Silvério Pereira Silva, 16 A,
2º A Trás • 3800 Aveiro

Tel. (034) 26457 • Fax. (034) 382507

Delegação de Braga

Rua de S. Marcos, 125, 1º Esq.
4700 Braga

Tel. (053) 619041 • Fax. (053) 617983

Delegação de Coimbra

Avenida Fernão de Magalhães 153/157
2º Dto., sala 6 - 3000 Coimbra

Tel. (039) 29554

Negociação «decisiva» na ONU

Partidos, Governo, PR e conselheiros de Estado concertam posições para a reunião de Nova Iorque entre Gama e Alatas

MARIA JOÃO ROCHA

O Conselho de Estado reuniu-se ontem para analisar a situação em Timor-Leste e definir as balizas negociais, que congregam um amplo consenso nacional, pelas quais se orientará o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, nas negociações com Ali Alatas, amanhã e quinta-feira, em Nova Iorque. O Presidente da República já classificou estas negociações como «decisivas».

É do interesse de Portugal e dos timorenses a assinatura de um acordo que comprometa a Indonésia a aceitar forças da ONU (observadores e técnicos) em Timor para fiscalizar o processo de autodeterminação. Neste contexto, o documento que está em cima da mesa já prevê a presença de forças das Nações Unidas. Este compromisso da Indonésia com a ONU, com a consulta aos timorenses e as acções de fiscalização daí decorrentes, dariam maior legitimidade a Portugal para, perante acções violentas da Indonésia, exigir o envio de «capacetes azuis» para o território.

Não admira que, por estas ra-

António Guterres efectuou ontem vários contactos internacionais de forma a acentuar a pressão sobre Jacarta

zões, os indonésios tentem lançar novas cláusulas de forma a encontrarem pretextos para atrasar a assinatura de um acordo.

Foi a análise destas situações complexas, bem como a informação aos conselheiros sobre as diligências que o Governo e o Presidente têm feito a nível internacional, que estiveram em debate.

O Presidente da República, em concertação com o Governo, promoveu contactos junto dos líderes ou futuros líderes partidários que não têm assento no Conselho de Estado, no sentido de haver uma base de unidade nacional. Sampaio falou pessoalmente com Durão Barroso, e ouviu, em Belém, um representante do PSD, Ferreira do Amaral, e o líder do PP, Paulo Portas.

Ontem, o primeiro-ministro ainda fez dois contactos com os seus homólogos Tony Blair e Wim Kok no sentido de se acentuarem as pressões sobre Jacarta.

António Guterres afirmou que as diligências portuguesa e internacional sobre a Indonésia «já estão a produzir resultados». Sublinhou o facto de o ministro da Justiça indonésio «ter reconhecido responsabilidades nos acontecimentos dos últimos dias». Questionado sobre as negociações, o chefe do Governo disse que «está a ser muito difícil». Quanto ao envio de «capacetes azuis» escusou-se a entrar em detalhes. «O mais importante é que se alcance um acordo sobre a consulta, que preveja a presença da ONU.»

Ontem ainda, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Irlanda, David Andrews, revelou que o Presidente Habibie lhe manifestara estar disposto a aceitar observadores do Japão, Austrália, Filipinas, Estados Unidos e Europa, sob supervisão das Nações Unidas. O ministro irlandês considerou a posição indonésia positiva e defendeu o envio de forças da ONU «tão cedo quanto possível».



EXIBIÇÃO. Armas de fogo, machados e facas foram alguns dos «argumentos» que as milícias exibiram numa manifestação na capital timorense

Tiros de intimidação no centro de Díli

Polícia é local de refúgio para independentistas. Em Jacarta, Mário Carrascalão fugiu de casa

■ Pelo terceiro dia consecutivo, elementos de milícias pró-integracionistas dispararam ontem tiros de intimidação nas ruas de Díli e pelo menos um timorense foi detido por militares indonésios.

«As milícias continuam nas ruas e cerca das 9 e 45 (hora local) dispararam vários tiros de intimidação próximo da igreja de Bécora», disse David Ximenes, do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT).

Esta onda de violência em Díli começou sábado, quando milícias pró-Indonésia atacaram e destruíram várias residências de timorenses que defendem a independência do território, perante a passividade das forças de segurança. Desconhece-se ainda

quantas pessoas foram mortas, mas as estimativas apontam para 20 ou 30 vítimas mortais.

Os ataques seguiram-se a uma cerimónia de juramento de cerca de 1500 milícias, durante a qual o líder de um dos grupos, Eurico Guterres, afirmou, na presença do governador, Abílio Osório Soares, que os seus homens iriam «limpar» Díli de adeptos da independência de Timor-Leste.

Os corpos de 12 das vítimas encontram-se na morgue do hospital militar de Díli, onde se deslocou, no domingo, o administrador apostólico de Díli, Ximenes Belo.

Um dos corpos que ali se encontra é o do filho de Manuel Carrascalão. O comandante da polícia em Timor-Leste, coronel Tim-

bul Silaen, disse à agência de notícias indonésia (Antara) que o corpo do jovem Manelito deverá ser devolvido a Manuel Carrascalão e que este será protegido durante as cerimónias fúnebres.

Carrascalão, 65 anos, e uma filha, 20, assim como dezenas de outros timorenses, encontra-se refugiado no comando da polícia de Díli, local onde também está Fernando Cavattera, um português «esquecido» em Timor desde a saída das tropas portuguesas, em 1975.

O coordenador do CNRT em Díli, Leandro Isaac, encontra-se também sob protecção policial.

Em Jacarta, o ex-governador Mário Carrascalão decidiu sair de casa com a família para um local seguro por considerar «muito sé-

rias» informações de que milícias pró-integracionistas chegaram à capital indonésia com o objectivo de o matar.

«Sei que o meu nome é o primeiro (na lista) e que estão lá incluídos outros timorenses aqui em Jacarta, incluindo o próprio Xanana Gusmão», disse.

O líder timorense apelou no fim-de-semana ao povo de Timor-Leste para que se mantenha calmo, usando uma transmissão de rádio em directo para o território para defender a necessidade de continuar a apostar numa resolução pacífica do problema. «Apelo ao povo de Timor-Leste, sobretudo à população de Díli, para que mantenha a calma», disse Xanana, em declarações transmitidas através da RDP Internacional.

Xanana Gusmão não vai ser transferido

Ministro da Justiça da Indonésia garante permanência do líder da Resistência em prisão domiciliária

■ Xanana Gusmão não vai ser transferido da casa-prisão onde se encontra detido para uma cadeia indonésia, garantiu ontem o ministro da Justiça da Indonésia, Muladi, após um encontro de cerca de 25 minutos com o líder da Resistência timorense. Muladi afirmou ter recebido de Xanana uma clarificação sobre a ordem dada à Falintil para defender a população de Timor-Leste.

«Penso que não é necessário (transferi-lo da casa-prisão de Salemba), uma vez que ele já fez uma clarificação. A única altura em que uma transferência será necessária é em caso de emergência e ameaça à sua própria segurança pessoal», justificou.



FORÇA. Declarações recentes de Xanana irritaram a Indonésia

O ministro indonésio considerou que os comentários de Xanana Gusmão foram «mal interpretados pela imprensa», afirmando que o líder timorense continua a apostar na reconciliação e na paz em Timor-Leste. «Penso que houve excessiva reacção aos comentários de Xanana Gusmão. Os comentários que ele proferiu falavam sobre as más condições que havia em Timor-Leste. Mas penso que, com esta clarificação, a situação se vai acalmar», disse.

«A imprensa terá noticiado erradamente o que Xanana Gusmão disse. Acredito que a autodefesa é um direito de toda a gente, mas não defendo que isso se estenda a criar combates. Penso que

Xanana Gusmão tem um entendimento das condições em Timor-Leste e reconhece que não é útil haver combates entre grupos pró e anti-integração», afirmou.

Em declarações à Lusa, Muladi afirmou ter «fortes laços» com o líder timorense, desde o tempo em que fazia parte da Comissão de Direitos Humanos da Indonésia. O ministro indonésio garantiu ainda que continua a acreditar na possibilidade de resolução pacífica do problema de Timor. Xanana, ladeado pelos seus advogados, disse ter clarificado as declarações que proferiu relativamente à situação em Timor-Leste, afirmando que continua a apostar no diálogo e na reconciliação.

29/6/98

O MUNDO 27

Autoridades fazem pressão pela paz no Timor Leste

ONU, UE e EUA pedem libertação de líder da resistência na região

• LISBOA. Paz e liberdade no Timor Leste. Essa é a tecla que vem sendo dedilhada com mais insistência por organismos, autoridades e políticos de vários países desde a queda do general Suharto, na Indonésia, em maio. O recente anúncio da libertação de alguns presos políticos foi saudado pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Só que ele, a União Europeia e o Congresso americano continuam insistindo para que também saia da cadeia o líder da resistência timorense, Xanana Gusmão.

Em editorial, o jornal britânico "Financial Times" criticou o sucessor de Suharto, Yusuf Habibie, por insistir na tese de que o Timor é território indonésio. Ele afirmou que "de todas as suas ações (de Suharto), a anexação do Timor Leste em 1975 e os métodos usados posteriormente para manter esta situação são as menos defensáveis". O jornal britânico decreta ainda que, para obter apoio internacional, Habibie deveria libertar Xanana, iniciar diálogo com os líderes timorenses e convocar um plebiscito.

Por sua vez, Habibie diz que só liberta Xanana se for reconhecida a anexação do Timor pela Indonésia. E Xanana diz que só sai da prisão se houver plebiscito. Ganhadores do Prêmio Nobel da Paz em 1996, o jornalista José Ramos Horta e o bispo D. Carlos Ximenes Belo têm procurado navegar nessas águas turbulentas. Depois de um encontro recente com Habibie, o bispo anunciou que o Governo indonésio prometeu retirar as tropas do Timor aos poucos, mas não falou sobre Xanana ou o plebiscito.

— Ele é um dos políticos mais experientes que já conheci, é cauteloso como deve ser — definiu o embaixador José Aparecido de Oliveira, convidado pela Universidade de Évora para saudar D. Ximenes Belo em uma conferência especial sobre Timor Leste.

Aparecido contou que o bispo soube da queda de Suharto quando estava ao seu lado. Ramos Horta acabara de sair da mesa ao lado para dar-lhe a notícia.

— E sabe o que o bispo me disse? 'Enquanto não houver um pronunciamento militar, a notícia ainda está por confirmar'. É um grande animal político, com grande equilíbrio — disse Aparecido, acrescentando que enquanto Xanana não for libertado o Timor permanecerá como o grande escândalo moral do nosso tempo. (Monica Torres Maia)

JORNAL DO BRASIL 13

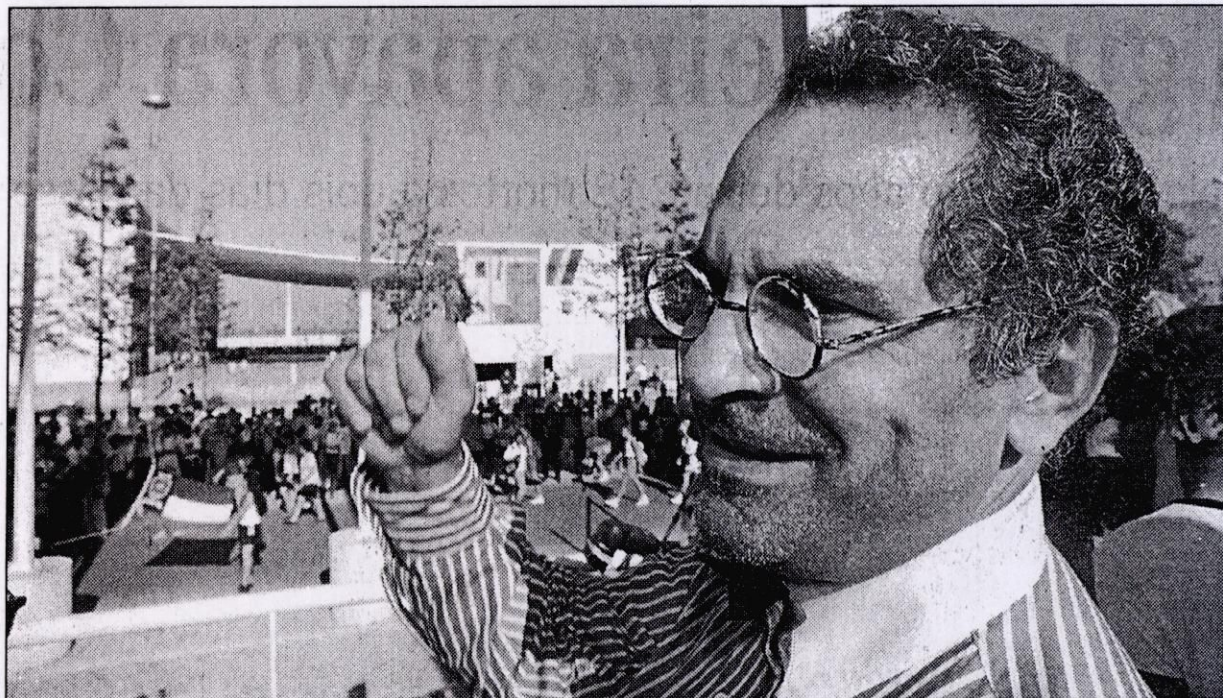
Brasileiro visita líder timorense

JANES ROCHA

BRASÍLIA — O subsecretário geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Ivan Cannabrava, fez ontem o primeiro contato diplomático e a primeira visita de um representante da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) a José Xanana Gusmão, preso desde 1992 em Jacarta, capital da Indonésia. Gusmão liderava a Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (Fretilin), de esquerda, que derrotou em 1975 os conservadores que queriam a integração da ex-colônia portuguesa à Indonésia. O movimento foi posto na ilegalidade em seguida, quando as tropas indonésias invadiram Timor. A visita é um sinal do Itamarati de que existe disposição concreta, tanto da parte do governo da Indonésia quanto do de Portugal, de resolver a questão do território, que se arrasta há mais de 20 anos.

A anexação de Timor pela Indonésia nunca foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e, muito menos por Portugal, de quem Timor ficou independente em 1975, pouco antes de ser invadido pelas tropas indonésias. A Fretilin continuou resistindo à ocupação numa guerra civil que já deixou milhares de mortos. A posição brasileira na questão, segundo fontes diplomáticas, é de ajudar a encontrar uma saída pacífica que atenda aos interesses da população local, sem entrar na questão da forma jurídica para essa solução (independência ou anexação). Isso porque — de acordo com as mesmas fontes — nem o próprio povo timorense chegou a uma conclusão sobre se quer ficar independente ou ganhar um status especial dentro da Indonésia.

O tema será discutido também entre os chanceleres do Brasil, Luiz Felipe Lampreia, e de Portugal, Jaime Gama, no próximo dia 7. Gama virá ao Brasil para a inauguração das novas instalações do consulado de Portugal no Rio de Janeiro.



JOSÉ RAMOS HORTA, Prêmio Nobel da Paz, comemora em Lisboa o acordo: há anos ele luta pelo início do diálogo

Indonésia e Portugal fazem acordo sobre o Timor Leste

Rivais aceitam discutir plano de autonomia para o território

Barbara Crossette

Do New York Times

• NOVA YORK. Indonésia e Portugal anunciaram ontem, nas Nações Unidas, as linhas gerais de um plano de autonomia para o disputado território do Timor Leste, que poderá permitir aos timorenses ter um Governo local e desenvolver programas educacionais e culturais. Pelo acordo, a Indonésia manterá o controle de assuntos militares e de política externa e de algumas normas monetárias e fiscais do Timor.

Annan quer chegar a um acordo até o fim do ano

Trata-se do maior passo diplomático em duas décadas de disputa entre Portugal, que abandonou o território após a Revolução dos Cravos (1974), e a Indonésia, que o invadiu no ano seguinte. As duas nações também darão o pri-

meiro passo para o restabelecimento de relações diplomáticas, com a abertura de escritórios de representação na capital de cada um dos países até o fim do ano.

Segundo anunciaram os chanceleres de Portugal e Indonésia ontem, a Holanda representará Portugal em Jacarta e a Tailândia responderá pelos interesses da Indonésia em Lisboa.

Os timorenses participarão de todas as conversas sobre o futuro do território, o que, segundo o ministro de Relações Exteriores da Indonésia, Ali Alatas, abrirá caminho para quem se encontra no exílio voltar ao Timor.

— Teremos profundas discussões sobre esses assuntos e esperamos aparar todas as arestas e chegar a um acordo até o fim do ano — disse ontem o secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

O movimento pela independência do Timor Leste ainda é muito

forte entre exilados e dentro do território, onde a população é etnicamente muito diferente dos indonésios. No entanto, muitos timorenses, inclusive líderes exilados, aceitam um acordo transitório e poderiam ter de esperar até cinco anos para a realização de um referendo sobre o status final do território.

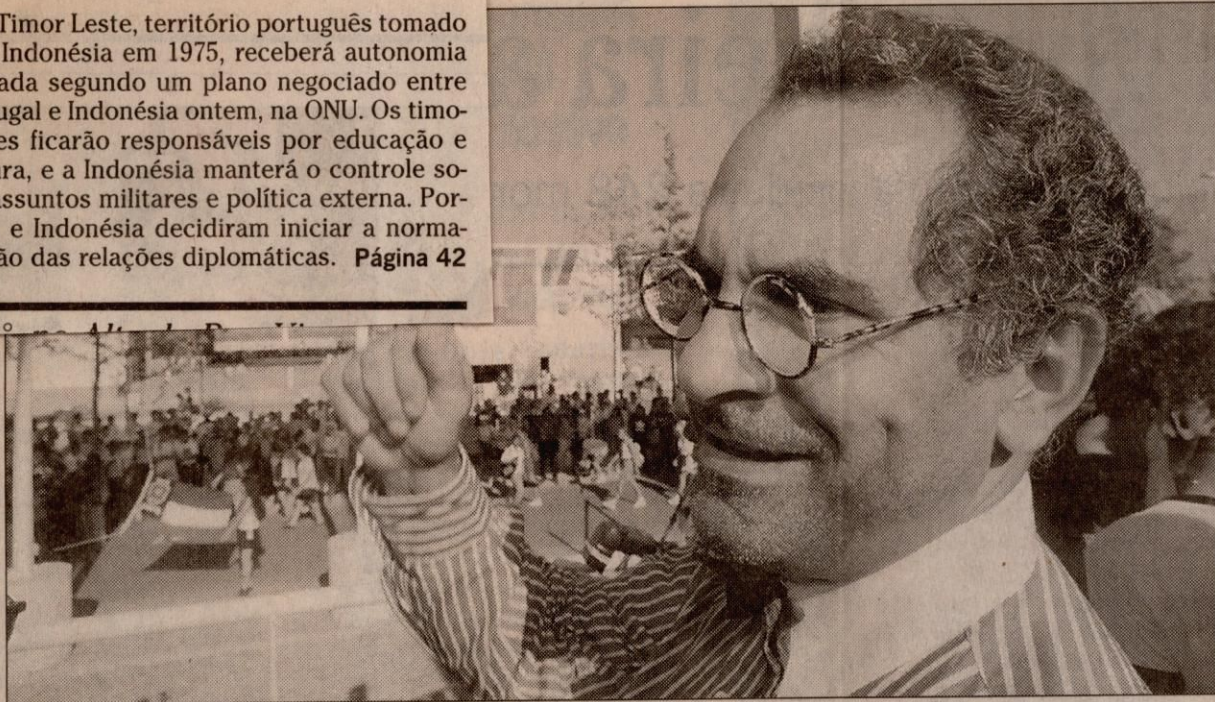
Novo Governo da Indonésia reconhece opinião mundial

O chanceler indonésio disse que a Indonésia está preparada para dar ao Timor total autonomia. Os portugueses interpretam isso como um reconhecimento pelo novo Governo da Indonésia de que a opinião mundial deve ser levada em conta. José Ramos Horta, Prêmio Nobel da Paz em 1996 por sua luta pelo Timor, saudou o acordo. Horta visitou ontem a Expo-98, em Lisboa, na qual o Timor está representado. ■

Indonésia e Portugal acertam autonomia para Timor Leste

• O Timor Leste, território português tomado pela Indonésia em 1975, receberá autonomia limitada segundo um plano negociado entre Portugal e Indonésia ontem, na ONU. Os timorenses ficarão responsáveis por educação e cultura, e a Indonésia manterá o controle sobre assuntos militares e política externa. Portugal e Indonésia decidiram iniciar a normalização das relações diplomáticas. **Página 42**

Reuters



JOSÉ RAMOS HORTA, Prêmio Nobel da Paz, comemora em Lisboa o acordo: há anos ele luta pelo início do diálogo

Indonésia e Portugal fazem acordo sobre o Timor Leste

Rivais aceitam discutir plano de autonomia para o território

Barbara Crossette

Do New York Times

• NOVA YORK. Indonésia e Portugal anunciaram ontem, nas Nações Unidas, as linhas gerais de um plano de autonomia para o disputado território do Timor Leste, que poderá permitir aos timorenses ter um Governo local e desenvolver programas educacionais e culturais. Pelo acordo, a Indonésia manterá o controle de assuntos militares e de política externa e de algumas normas monetárias e fiscais do Timor.

Annan quer chegar a um acordo até o fim do ano

Trata-se do maior passo diplomático em duas décadas de disputa entre Portugal, que abandonou o território após a Revolução dos Cravos (1974), e a Indonésia, que o invadiu no ano seguinte. As duas nações também darão o pri-

meiro passo para o restabelecimento de relações diplomáticas, com a abertura de escritórios de representação na capital de cada um dos países até o fim do ano.

Segundo anunciaram os chanceleres de Portugal e Indonésia ontem, a Holanda representará Portugal em Jacarta e a Tailândia responderá pelos interesses da Indonésia em Lisboa.

Os timorenses participarão de todas as conversas sobre o futuro do território, o que, segundo o ministro de Relações Exteriores da Indonésia, Ali Alatas, abrirá caminho para quem se encontra no exílio voltar ao Timor.

— Teremos profundas discussões sobre esses assuntos e esperamos aparar todas as arestas e chegar a um acordo até o fim do ano — disse ontem o secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

O movimento pela independência do Timor Leste ainda é muito

forte entre exilados e dentro do território, onde a população é etnicamente muito diferente dos indonésios. No entanto, muitos timorenses, inclusive líderes exilados, aceitam um acordo transitório e poderiam ter de esperar até cinco anos para a realização de um referendo sobre o status final do território.

Novo Governo da Indonésia reconhece opinião mundial

O chanceler indonésio disse que a Indonésia está preparada para dar ao Timor total autonomia. Os portugueses interpretam isso como um reconhecimento pelo novo Governo da Indonésia de que a opinião mundial deve ser levada em conta. José Ramos Horta, Prêmio Nobel da Paz em 1996 por sua luta pelo Timor, saudou o acordo. Horta visitou ontem a Expo-98, em Lisboa, na qual o Timor está representado. ■

Iraque suspende cooperação com os inspetores da ONU

Saddam Hussein volta a exigir mudanças na composição da Unscm

• BAGDÁ e NOVA YORK. O Iraque anunciou que vai encerrar sua cooperação com os inspetores da Comissão Especial das Nações Unidas (Unscm), que verificam o desmantelamento do programa de armas químicas e biológicas do país. Bagdá acusa a Unscm de estar sob influência direta dos Estados Unidos e exige a total reformulação do órgão para voltar a cooperar com ele.

O vice-primeiro-ministro iraquiano, Tareq Aziz, enviou cartas ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, informando-o da decisão de seu país, tomada numa reunião do Comando do Conselho Revolucionário do Partido Baath, presidido por Saddam Hussein.

Governo iraquiano quer sede da comissão fora dos EUA

O Parlamento iraquiano também votou unanimemente pela interrupção do trabalho de inspeção da Unscm. Bagdá quer mais representantes de outros países na comissão e a mudança de sua sede de Nova York para Genebra, na Suíça, ou Viena, na Áustria.

O chefe da comissão, Richard Butler, que encerrou abruptamente uma visita ao Iraque anteontem quando as negociações entraram em colapso, vai ao Conselho de Segurança hoje fazer seu relatório sobre a situação.

Ele disse ter dado ordens para que as equipes de inspeção continuem seu trabalho normalmente e lamentou o surgimento de novos problemas quando o Iraque já estava tão próximo de receber um julgamento favorável.

Em Washington, a Casa Branca anunciou que vai continuar pressionando o Iraque para que se submeta às inspeções. O Iraque informou que vai permitir a continuação da inspeção da Unscm em caráter limitado. ■

Vera

Racionais MCs cantam de graça pelo Timor Leste

Alexandre Pavan

O grupo de rap Racionais MCs apresenta-se em show gratuito em prol da luta pela libertação do Timor Leste, no próximo Domingo, dia 27, no Ginásio da Portuguesa de Desportos. Os rappers brasileiros são os primeiros artistas nacionais a abraçar a causa timorense com mais empenho e interesse.

O Timor Leste é uma ilha, um país localizado no sudeste asiático que vive sob uma ditadura imposta pela Indonésia, responsável pela morte de mais de 200 mil pessoas —o que equivale a um terço de sua população— e descaracterizou completamente a cultura local, proibindo os timorenses de falarem sua própria língua, o português. Hoje a parcela da população que fala o idioma não chega a 10%.

Assim como o Brasil, o Timor foi colonizado pelos portugueses no século XVI, o que nos permite dizer que, ao menos na História, somos nações irmãs com fortes laços culturais que nos unem. Foi em abril de 1974, durante a Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura de Antônio Salazar em Portugal, que o Timor Leste conseguiu sua independência. No entanto, em dezembro de 1975, aproveitando-se da fragilidade democrática timorense —há menos de um ano eram um colônia de exploração— tropas militares da Indonésia, comandadas pelo ditador Suharto, dominaram a região.

Faltaria espaço para nomear todas as atrocidades cometidas pelos militares indonésios desde então. Além da violação cultural já citada, também entrariam na lista genocídios e crimes ambientais.

A causa timorense, após mais de 20 anos de lutas e mortes contra a ditadura imposta pela Indonésia, passou a ser mais divulgada a partir de 1996, quando dois homens nascidos no Timor ganharam o Prêmio Nobel da Paz. São eles o bispo Dom Ximenes Belo e o jornalista José Ramos-Horta, que foram reconhecidos internacionalmente por seus trabalhos pela libertação de seu país.

Mesmo com um Nobel nas mãos e com Portugal intervindo junto à ONU em seu favor, os timorenses ainda sofrem com a displicência de muitos países. O Brasil é um deles. A falta de interesse da grande imprensa em tratar o assunto é equivalente às respostas do governo aos pedidos de ajuda emitidos pelos ganhadores do Nobel. Como resultado, brasileiros desinformados e alheios ao problema. Quem conhece a causa do Timor? Quem sabe o que é e



Os integrantes do Racionais MCs posam com a camisa do movimento América Unida por Timor: show é dia 27

onde fica Timor Leste?

Os Racionais MCs, cronistas urbanos acostumados a escrever sobre miséria, injustiça social e opressão, que sofrem os moradores das periferias, no próximo domingo, dia 27/09, vão cantar para que o Timor Leste deixe de ser a

periferia da Indonésia e periferia do mundo. Salve, Racionais! Salve, Timor!

Serviço: Os ingressos são limitados e devem ser retirados com antecedência na CUT (R. Caetano Pinto, 575, Brás, SP)

SP tem feira de música nesta semana

A 15ª EXPOMUSIC, Feira Internacional de Instrumentos Musicais, acontece entre os dias 23 e 27 de setembro, nos pavilhões do Expo Center Norte em São Paulo. Nesse ano, o evento contará com 170 expositores, reunindo estandes de fabricantes nacionais e internacionais, além de escolas de música, lojas e publicações especializadas em música.

A Abemúsica — Associação Brasileira da Música —, patrocinadora da Feira, informa que os visitantes, além dos novos avanços na área da informática para o mundo musical, encontrarão as últimas novidades em instrumentos, novos lançamentos e muitas promoções.

O presidente da Abemúsica,

Synésio Batista da Costa, espera que a EXPOMUSIC 98 movimente cerca de R\$ 30 milhões em negócios e receba mais de 50 mil visitantes. Essa expectativa fez com que os organizadores da Feira disponibilizassem os três pavilhões do Expo Center Norte, um a mais que no ano passado.

O setor de instrumentos musicais, no Brasil, é um dos mais promissores e nos últimos anos só vem superando seus próprios recordes de faturamento. Embora os fabricantes estejam expostos às altas taxas de tributação e à concorrência com os produtos importados, a expectativa de crescimento para esse ano era de 12%, até a segunda semana de setembro, quando o governo lançou

as medidas emergenciais para tentar conter a crise.

Mas o que atrai os visitantes — músicos, estudantes e interessados na música — não são os números do crescimento econômico da Feira e do setor. Assim como nos anos anteriores, a EXPOMUSIC, maior Feira de Instrumentos da América Latina, contará com a presença de renomados artistas do cenário nacional e internacional, que se apresentarão em concertos paralelos. E isso é o que parece interessar mais ao público.

Serviço: 15ª EXPOMUSIC — 23 a 27/9, das 13h às 21h. Expo Center Norte — SP. Ingressos: R\$ 10 — crianças até 10 anos não pagam.

SEMIBREVES

Música no museu

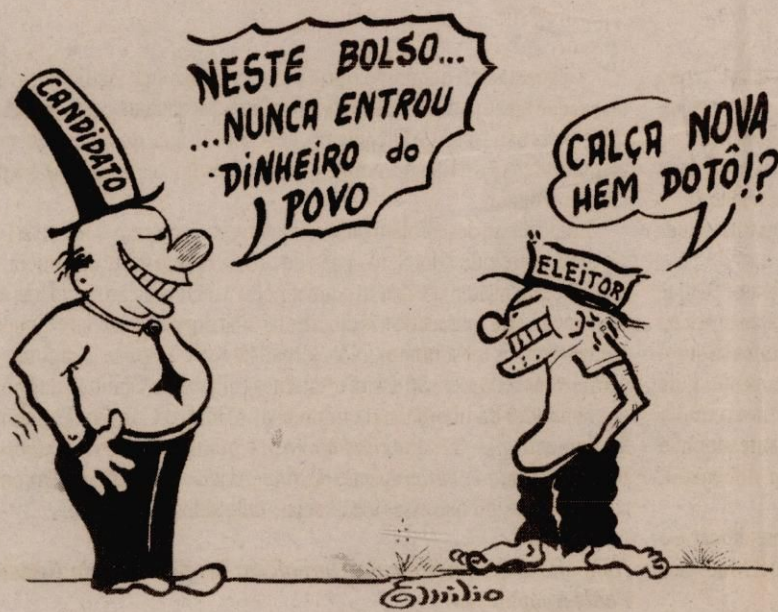
Formado por 12 músicos, o grupo instrumental carioca Sembatuta apresenta-se dia 26 no Projeto Concha Acústica do Museu Villa-Lobos, no Rio de Janeiro. O concerto, que envolve canções assinadas pelos integrantes do grupo e releituras de músicas conhecidas, com roupagem instrumental, acontece às 17h e os ingressos custam R\$ 7. Endereço: Rua Sorocaba, 200 — Botafogo. Fone: (021) 266.3845.

Filme etnográfico

Acontece no Museu da Imagem e

do Som de São Paulo (MIS), entre os dias 23 e 27 de setembro, a 5ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico, que reunirá trabalhos baseados na cultura popular. O destaque fica para as produções das emissoras inglesas que, desde os anos 70, incentivam trabalhos do gênero. Entre as obras selecionadas, intercâmbios com Margareth Mead Film and Video Festival, Bilan du Film Ethnographique, Festival de Nuoro e Native American Film and Video. Entrada franca. Endereço: Avenida Europa, 158 — Jardins. Fone: (011) 280.0896.

EMÍLIO MENON



CORREIO DA CIDADANIA

Campinas

Rua Pedro Taques de Almeida Alvin, 61- Jd São Vicente
CEP 13045-570- Campinas - SP
Telefone: (019) 230-1792
E-mail: correio@cidadania.aleph.com.br

Rap politizado faz sua festa na Portuguesa

O show-protesto 'Rap pelo Timor' reúne 11 grupos no Ginásio da Portuguesa no domingo à tarde

Amanhã, o dia é dos metaleiros. No domingo, é a hora e a vez do rap politizado. A partir das 14 horas, encabeçado pelos Racionais MCs, será realizado no Ginásio de Desportos da Portuguesa o show *Rap por Timor*, que reúne 11 grupos em um show de apoio à causa do pequeno país na Ásia que está sob intervenção da Indonésia desde dezembro de 1975.

Estima-se que mais de 10 mil pessoas compareçam aos shows, que incluirão, além dos Racionais, os veteranos Thaíde e DJ Hum (redescobertos tardiamente de um ano para cá), Big Richard, G.O.G., Filosofia de Rua, R.P.W., D.M.N., C.C.O., Charm e Essências, Arquivo Negro e Zona Sul MCs.

Subitamente guindados à condição de arautos de uma nova luta classista no mundo civilizado, a dos playboys contra os manos, os Racionais MCs representam efetivamente bem mais que isso. Não

há fascismo em reconhecer a diferença e Mano Brown, Edy Rock, KL Jay e Ice Blue fazem isso com rara competência.

Playboys e manos são realidades. Uma coisa é passar noite atrás de noite na Rua Amauri, onde o clímax da noite é quando a Tereza Collor ou a nova loira do Tchan chegam e se sentam à mesa ao lado para dar sua magnífica contribuição à crônica da mundanidade. Outra coisa é viver no Jardim Ângela, onde não há escolas particulares, as gangues de jovens mataram 156 pessoas este ano e os pais de família ganham 20 vezes menos do que a média dos pais dos Jardins.

O discurso da diferença é mais do que necessário, num momento em que a subserviência iguala os discursos. Chegaram ao absurdo de confundir os papéis, num desses programas esclarecedores de televisão, dizendo que o agasalho Gap de Mano Brown na entrega

dos prêmios da MTV mostrava que ele gosta mesmo é de luxo. Um agasalho Gap, vejam só, causou toda essa "reflexão". Joãozinho Trinta foi mais fundo na questão.

Os Racionais apresentam o seu último álbum, *Sobrevivendo no Inferno*, um dos mais importantes trabalhos da música popular paulistana dos últimos anos. Além dis-

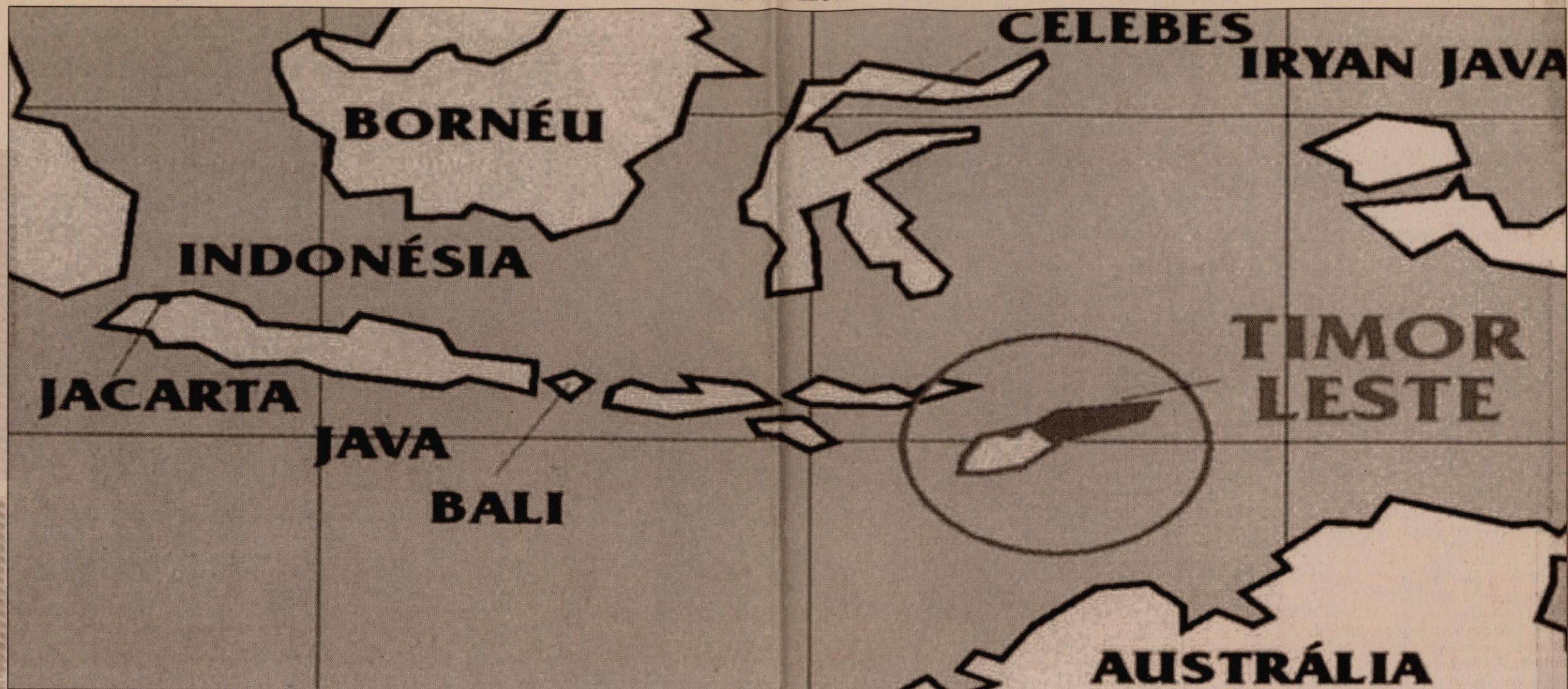
so, devem cantar seus primeiros sucessos, como *Homem na Estrada e Domingo no Parque*. Big Richard, rapper carioca exilado na Paulicéia há uns cinco anos, mostra seu novo trabalho no show *Balançon-*

do sem Perder a Base, no qual junta samba, jazz, rock e até rap. Thaíde e DJ Hum, primeiros artistas de rap do País a gravar um disco, militam contra o racismo cordial brasileiro. Entre outros grupos interessantes da jornada rap estão Arquivo Negro, Filosofia de Rua e R.P.W.

O *Rap por Timor* é organizado

RRACIONAIS
MOSTRAM
'SOBREVIVENDO
NO INFERNO'

TIMOR LESTE



AGONIA E LUTA DE UM POVO

Acaba de sair em Portugal – e em breve chega ao Brasil – o romance ‘Andanças de um Timorense’, relato da guerra nas ex-colônias portuguesas por um poeta refugiado que se identifica por Ponte Pedrinha

NORMA COURI
Especial para o Estado

O romance que começou a circular em língua portuguesa esta semana é uma raridade – e chega breve ao Brasil. É um romance sobre o Timor, ilha do arquipélago de Java, a 650 quilômetros da Austrália e, no mundo, sempre foi ofuscada pelos turistas da vizinha Bali. Desde que foi localizado no mapa, o Timor só rendeu sangue, decapitações e morte a tiro, pedra, cal e pau. Desta vez a coisa não mudou muito. Só que se trata da ficção de um ti-

uma semana de liberdade em toda a sua história. Depois que os portugueses foram embora, em 75, os indonésios invadiram o lado leste da ilha, rico em petróleo, gás natural, ouro, café, borracha e madeiras nobres, como o sândalo. Na base da invasão estava o tratado de exploração de petróleo, Timor Gap, assinado com a Austrália.

Nestes mais de 20 anos, relatórios da Anistia Internacional vêm mostrando os genocídios. O livro cita um dos líderes da resistência, Xanana Gusmão, poeta e ex-operário, que desde 85 conduzia a luta do povo maubere escondido nas matas – até ser preso e torturado: “Está demonstrado que a força e a repressão nunca pu-



Em Ataúro: ilha conheceu sete dias de liberdade em toda sua história



Em Díli: confrontos constantes entre militares e manifestantes

CÂMERA REGISTROU CHACINA

Brasil. É um romance sobre o Timor, ilha do arquipélago de Java, a 650 quilômetros da Austrália e, no mundo, sempre foi ofuscada pelos turistas da vizinha Bali. Desde que foi localizado no mapa, o Timor só rendeu sangue, decapitações e morte a tiro, pedra, cal e pau. Desta vez a coisa não mudou muito. Só que se trata da ficção de um timorense refugiado, um poeta. Ele assina sob o pseudônimo Ponte Pedrinha, tem 34 anos e nasceu na região montanhosa do Timor, Same.

Andanças de um Timorense acaba de ser lançado pela Edições Colibri, em Portugal, pelo equivalente a US\$ 10. Ao ser concebido em português, o romance torna-se, em si, proibido. Para os indonésios, essa é a língua maldita da ex-colônia portuguesa, a língua da resistência e da liberdade.

Com 238 páginas, o romance narra a história de Samuel, nascido em Ataúro, criado em Lisboa, desaparecido na África; relata a guerra nas ex-colônias portuguesas. Urraca, a mulher, procura pelo marido que foi “desterrado no campo da Morte”. Agarra-se a um crucifixo, à fé dos homens e dos céus e, com pressa, “de Deus e de Samuel, pressa de vida e de justiça”, descobre a verdade.

“Ninguém se lembra do seu marido. E os prisioneiros? Nem os guardas nem os prisioneiros.”

E então?
O seu marido foi executado.
Por quê?

Ódio, vingança, violência gratuita (...) a guerra é uma doença.

Afúria apoderou-se de Urraca. A expressão faminta de seus olhos tornou-se voraz (...) Numa de suas incansáveis deambulações pelas aldeias do Mar de Jade conheceu um antigo prisioneiro do campo de trabalhos forçados que se lembrava de Samuel. O estrangeiro foi executado por ter sido apanhado a escrever – recordou o homem.

A escrever?, perguntou Urraca.
Sim, escrever.”

Depois que as turbulências financeiras dos tigres asiáticos derrubaram na Indonésia o general Suharto e seu clã, no poder desde 1965, dando lugar a Jusuf Habibie, a maior novidade do pedaço é esse romance em língua portuguesa sobre Timor. É em tetum, uma das 35 línguas locais, que os timorenses grafam a palavra massacre, “oho”, e disso eles entendem. Colônia portuguesa descoberta na mesma época que o Brasil, o Timor só conheceu

mor Gap, assinado com a Austrália. Nestes mais de 20 anos, relatórios da Anistia Internacional vêm mostrando os genocídios. O livro cita um dos líderes da resistência, Xanana Gusmão, poeta e ex-operário, que desde 85 conduzia a luta do povo maubere escondido nas matas – até ser preso e torturado: “Está demonstrado que a força e a

repressão nunca puderam sufocar por completo o que constitui a própria razão de ser de um povo”, as palavras de Gusmão são reproduzidas na obra.

É surpreendente que o Timor ainda inspire a literatura. Um dos melhores tablóides de crítica literária do mundo, o *The New York Review of Books*, lastimou: “É raro haver resenhas de livros

sobre Timor.” No prefácio do livro, o poeta moçambicano José Craveirinha não esconde a emoção: “Sempre urgente. Sempre uma opção. Opção de vida. Opção do Homem. *Andanças de um Timorense* é tudo isso mais o gesto que decide; a voz que faz o som; o som que se torna a Palavra, o silogismo, a Alusão, a Temporalidade e o momento do Vazio ou da Vitória; da Mensagem, da Beleza e da pura inspiração. E sem curvar a cabeça ao inspirar o encanto da redescoberta, a navegação da letargia e o redescobrir do sol no belo pedaço de uma Pátria, a Pátria autêntica (...) Porque se fez de sangue, sacrifícios e luta.”



Monumento: a opção pela luta



Em Ataúro: ilha conheceu sete dias de liberdade em toda sua história



Em Díli: confrontos constantes entre militares e manifestantes

CÂMERA REGISTROU CHACINA

Documentário dos jornalistas Pilger e Stahl alertou o mundo para o genocídio dos timorenses

Foi como Spielberg nos seus melhores momentos: 250 pessoas foram rezar no cemitério de Santa Cruz em Díli, capital do Timor, e acabaram chacinadas diante da câmera oculta de dois jornalistas, o australiano John Pilger e o inglês Max Stahl, sobreviventes por milagre. Não foi o primeiro massacre: os timorenses estavam cansados de dizer que viveram o maior genocídio do século, e foram sendo dizimados pelos indonésios até não restar mais do que os 650 mil de hoje. A diferença é que nesse dia, 12 de novembro de 1991, havia alguém para contar ao mundo.

Pilger e Stahl descobriram sobreviventes que contaram como os timorenses eram assassinados com pe-

dras, baionetas ou obrigados a ingerir doses maciças de formol. O mundo ainda não acreditava que a ilha invadida por Suharto se havia transformado em um pequeno presídio. Então, os dois jornalistas retornaram ao Timor clandestinamente, há quatro anos, e realizaram o documentário *Morte de uma Nação*. O filme mostra filhos que presenciaram tortura dos pais. Pais que viram a violação das filhas. Alguns matavam e comiam as vítimas. O

ex-chanceler timorense Ramos Horta perdeu três irmãos. Com o bispo Carlos Ximenes Belo, ele ganhou o Prêmio Nobel, há dois anos, por seu trabalho no Timor. Os dois declararam: “Vamos morrer todos, mas vamos morrer lutan-

do.” Até chegar ao Nobel, Timor percorreu longo caminho. Foi preciso o documentário dos dois jornalistas para que o mundo, vendo, acreditasse. Só agora, com *Andanças de um Timorense*, o povo começa a transformar o ultraje em ficção. (N.C.)

FILME MOSTRA FILHOS QUE VIRAM TORTURA DOS PAIS



Os Racionais MCs: engajamento na causa do distante país asiático

RAPPERS MANDAM UM POSTAL PARA FH

Grupos tocam no 'Clamor por Timor', ato-show no Ginásio da Portuguesa, amanhã, a partir das 14h

JOTABÊ MEDEIROS

Os rappers de São Paulo vão enviar um cartão-postal para o presidente Fernando Henrique Cardoso neste domingo. No postal, meninos do distante país Timor brincam na rua. No verso, uma mensagem pede que o Brasil faça algo pela independência do Timor; que reconheça o Conselho Nacional de Resistência Timorense como representante daquele povo e que interceda na ONU para cessar a intervenção da Indonésia no país.

Os rappers farão o pedido após o ato-show que ocorre amanhã no Ginásio da Portuguesa, na Marginal do Tietê. Na ocasião, 11 grupos de rap, encabeçados pelos Racionais, tocarão para impulsionar a causa timorense.

“É preciso que o Brasil faça alguma coisa, como o maior país de língua portuguesa do mundo”, diz Sérgio Amadeu, da organização não-governamental América Unida por Timor, uma das que organizam o ato. “O rap atinge grande número de jovens, é uma maneira de popularizar a luta”, diz Elisa Helena Rocha Carvalho, de outra organização, a Clamor por Timor, também presente ao ato.

Os Racionais, procurados por Sérgio Amadeu, não só se engajaram na causa como farão show de graça, assim como Big Richard, Thaíde e DJ Hum e outras oito atrações. Foram distribuídos 8 mil ingressos gratuitos para os shows.

O ato foi organizado todo na base da camaradagem.

Big Richard é amigo do sujeito que fez o cartaz do evento, que o convidou. Os Racionais convidaram outros rappers.

“O Itamaraty tem uma posição tímida em relação ao assunto, é preciso conscientizar os jovens do caso”, diz Sérgio Amadeu.



Cemitério em Díli, capital do Timor: massacre de 250 populares que oravam, registrado por câmera oculta de dois jornalistas, em 1991, despertou o mundo para o genocídio do século

EVENTO É ORGANIZADO POR ONGS NACIONAIS

Racionais e outros dez grupos de rap tocam por Timor Leste

da Redação

Onze grupos de rap nacional cantam hoje, a partir das 14h, no ginásio da Portuguesa em solidariedade ao Timor Leste, território que faz parte de uma ilha no oceano Pacífico. Essa ex-colônia portuguesa foi invadida pela Indonésia em 76 e agora luta por autonomia política.

O ato-show será encerrado pelos Racionais MC's, mas antes apresentam-se outros dez grupos de rap. Entre eles, os veteranos Thaíde & DJ Hum, o carioca Big Richard, os brasilienses do Gog, além dos locais Filosofia de Rua, RPW, DMN, CCO, Charme & Essências, Arquivo Negro e Zona Sul MC's.

É boa oportunidade para assistir alguns grupos de sucesso da atual cena hip hop nacional.

É o caso de Gog e DMN (ambos prestes a lançar novo disco), cujas

letras de inspiração política são elogiadas até mesmo por Mano Brown.

O RPW também estará presente com seu "bate-cabeça" (estilo de rap que anima os salões black com uma dança semelhante ao "pogo" dos punks).

Estique o ouvido para entender as longas narrativas dos veteranos do Filosofia de Rua, com mais de dez anos de carreira.

Ouçã o recado do carioca radicalo em São Paulo Big Richard, que, entre outras atividades paralelas, escreve livros infantis.

Chegue perto do palco, se puder, e confira as acrobacias da Back Spin, equipe de break que acompanha os shows da dupla Thaíde & DJ Hum (cuja exibição solo nos toca-discos, fazendo "scratches" e "back-to-back" também faz parte do show).

Se ficar até o fim, após pelo me-

nos sete horas de show, ouça os Racionais, com as canções de seu último disco "Sobrevivendo no Inferno" entremeadas aos antigos sucessos de "Raio X do Brasil" e "Holocausto Urbano".

O ato foi organizado por entidades de apoio à causa do Timor Leste.

Segundo a assessoria da organização, o ginásio foi cedido gratuitamente, e os artistas não cobram cachê. (SP)

Evento: Ato-Show pela Libertação de Timor Leste

Artistas: Racionais MC's, Thaíde & DJ Hum, Big Richard, Gog, Filosofia de Rua, RPW, DMN, CCO, Charme & Essências, Arquivo Negro e Zona Sul MC's

Quando: hoje, a partir das 14h

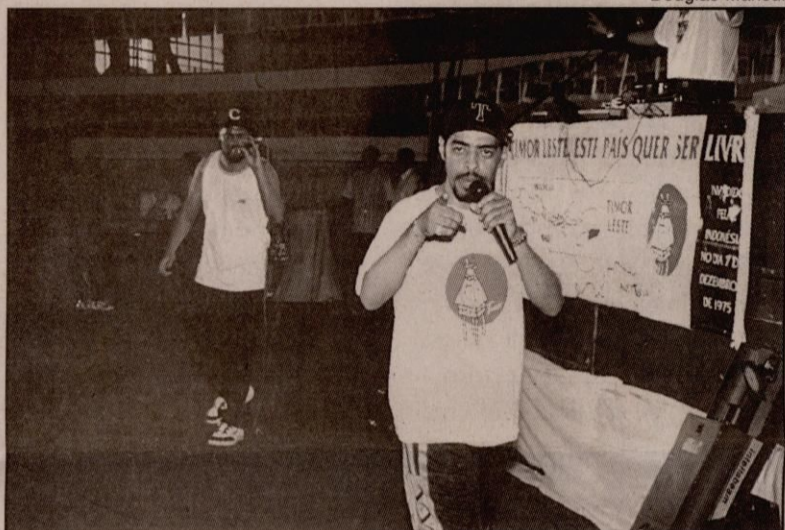
Onde: ginásio da Portuguesa (av. Marginal Tietê, s/nº, Canindé, região leste da cidade, tel. 225-0400)

Quanto: grátis

FSP 27/9/98

Movimento hip-hop abraça causa do Timor

Douglas Mansur



Thaide (à frente) e DJ Hum: luta contra injustiça no Timor.

Eles de “bombeta” (boné) e elas de presilhas no cabelo: representantes da geração hip-hop marcaram presença, na tarde do dia 27, no ato-show pela libertação do Timor Leste, no ginásio da Portuguesa, zona Norte. Eram mais de 800 jovens que, além de dançar e cantar letras de raps que denunciam o problema social das periferias, estavam também aprendendo que no Timor os direitos humanos não são respeitados.

No ato foi lançado um cartão postal endereçado ao presidente Fernando Henrique Cardoso, reivindicando que o governo brasileiro pressione a Indonésia a retirar suas tropas do Timor, exija a libertação de Xanana Gusmão e de outros presos políticos e solicite da ONU imediata realização de um plebiscito para que o povo timorense decida sobre o seu futuro. “Vamos encher o Palácio do Planalto de postais”, afirmou Sérgio Amadeu, da América Unida por Timor, um dos responsáveis pela organização do evento.

Participaram oito grupos de rap. No encerramento, o mais badalado grupo do momento, os Racionais MC’s, apresentaram-se depois de três horas de atraso.

Durante o show, as bandas que subiam ao palco contavam a história e falavam um pouco da situação do Timor Leste, metade de uma ilha, com menos de 20 mil Km², espremida entre a Indonésia e a Austrália. O país foi invadido pela Indonésia em 1975. As tropas ainda continuam em seu território e são responsáveis pelo genocídio de um terço da população.

A FALA DO RAP

“Nós da periferia somos um espelho do Timor porque somos vítimas de uma política irracional”, afirmou o apresentador do show, conhecido como Cido.

Apresentaram-se no ato-

show grupos de rap conhecidos como Thaide e DJ Hum, Arquivo Negro, GOG, Zona Sul e os Racionais. Houve também espaço para outros grupos novos que estão buscando o reconhecimento dentro do movimento hip-hop como o grupo Vivência de Rua e o Charme Essencial.

“Das trevas a luz” é o quinto CD do GOG de Brasília. Japão, um dos quatro vocalistas do grupo, afirmou que o trabalho do GOG “é um toque para a molecada não se envolver com o crime, a violência e as drogas”. Todos os integrantes do grupo são católicos, inclusive Japão, que faz parte da Renovação Carismática Católica. “A gente toca no nome de Deus nas músicas. Deus é a solução, tem que saber procurar”, afirmou.

MC Preto, do grupo Código Negro, de São José dos Campos, logo que subiu ao palco afirmou: “Assim como é justa a luta pela liberdade do povo do Timor é justa a luta do povo preto do Brasil”. Através do rap, o grupo prega a valorização dos negros que dificilmente chegam a ocupar cargos de destaque como os de juizes e políticos.

Um dos menos conhecidos era o Vivência de Rua. O grupo é formado por seis MC’s (vocalistas) e um DJ (disk-jóquei). São cinco meninos e uma garota, com idades variando de 9 a 14 anos, que vivem no Jabaquara e cantam músicas escritas pela mãe de dois integrantes do grupo. As letras falam da periferia e “das crianças do Brasil”.

Outro grupo formado por três meninas do Heliópolis, o Charme Essencial, não canta rap. Lilian, Kelina e Andréia afirmam que o estilo musical do grupo é o “rhythm and blues”. Em suas músicas falam de amor e paz e aproveitaram o show para passar mais uma mensagem: “Liberdade ao Timor”. “Só o canto traz a paz”, cantaram.

Indonésia: fim de um mito

Célia Euvaldo

JOSÉ RAMOS-HORTA

Em junho de 1995, na primeira reunião "intratimorense" promovida pela ONU, num castelo da Áustria, fiz uma breve intervenção de improviso.

Falei do dismantelamento do Muro de Berlim e do império soviético, da libertação dos países da Europa Central e do Leste, dos Estados bálticos. A pequena grande Armênia, povo humilhado e perseguido por séculos, reconstituiu-se num país livre e soberano. Os impérios e os regimes não são eternos.

Fiz uma avaliação crítica do chamado "milagre econômico" indonésio, assente em empréstimos públicos e privados excessivos, megaprojetos, destruição do meio ambiente e um vasto "pólo" de mão-de-obra semi-escrava.

No tempo da abundância, todos emprestavam dinheiro ao regime de Suharto, apesar de ser sobejamente conhecida sua natureza repressiva e corrupta. Afirmo que, dali a dois ou três anos, alguém teria de pagar a fatura.

Apele para a unidade dos timorenses, para que não perdêssemos o comboio, como em 1974-75. Nessa época, a resistência timorense estava desunida e se bateu numa guerra civil breve, violenta e sem nenhum sentido. Portugal abandonou o território, e a Indonésia invadiu Timor poucos meses depois.

Em 1995, poucos partilhavam a minha análise. Perante as estatísticas esmagadoras de um crescimento anual de 7%, minhas palavras soavam como propaganda sem fundamento.

Em outubro de 1997, voltamos a nos reunir, noutro castelo austríaco. O otimismo dos servidores do regime indonésio estava muito mais atenuado. A crise financeira asiática tinha se instalado, mas

não atingira a Indonésia. Parecia, porém, inevitável que muitas instituições financeiras e centenas de empresas fechassem as portas em meses.

O ano terminou com o desmoronar de um castelo de areia: o mito do milagre econômico asiático. Mas também com a vitória de Kim Dae Jung, veterano de 40 anos de luta pelos direitos humanos, na Coreia do Sul. Ao herdar a 11ª economia do mundo, em bancarrota, culpou a ausência da democracia e do Estado de Direito pela catástrofe econômica do país e desmontou a doutrina de "valores asiáticos", que nega a universalidade dos direitos humanos.

Ditaduras e autocracias geram intolerância e arrogância política, favoritismos

mo econômico e monopólios, acumulação de dívidas e corrupção generalizada. O Banco Mundial e o FMI não escaparão às suas responsabilidades. Por três décadas, fecharam os olhos à corrupção e ao despotismo do regime de Suharto, com relatórios elogiosos à performance econômica indonésia.

O Itamaraty e alguns empresários brasileiros também foram seduzidos pelo canto de sereia da Indonésia, iludidos pelas estatísticas oficiais.

O regime no poder há 32 anos, sem eleições livres e democráticas, tem seus dias contados. Mas, ao contrário de Tailândia, Filipinas e Coreia do Sul, onde a democracia foi instaurada e a sucessão política é uma rotina, o pós-Suharto é uma incerteza preocupante.

Em quase 60 anos de independência, a Indonésia teve só dois presidentes: Sukarno, fundador da República (1945-65), e Suharto (desde 1965).

Este subiu ao poder num banho de sangue que dizimou mais de 1 milhão de militantes comunistas, camponeses, operários, estudantes e comerciantes chineses — os últimos, bodes expiatórios em tempo de crise.

A atual oposição democrática é protagonizada pela filha de Sukarno, Megawati Sukarnoputri, repetindo um fenômeno comum na Ásia: viúvas e filhas de líderes depostos ou assassinados assumem a herança política paterna.

No entanto, a oposição democrática indonésia ainda tem um longo caminho para se afirmar nacionalmente. Por enquanto, não tem podido desenvolver uma estrutura partidária nacional, num país de 200 milhões de pessoas espalhadas em milhares de ilhas.

A luta pela sucessão de Suharto não será convencional. O déspota favorito dos EUA liquidou as instituições parti-

dárias com alguma pretensão de independência. Se o ditador não abandonar o poder pacificamente, a política se fará nas ruas dos grandes centros. O banho de sangue de 1965-66 poderá repetir-se.

O coquetel étnico (300 grupos falando 500 línguas) e religioso pode levar à desintegração da Indonésia. Esse é, porém, um cenário remoto: nenhum grupo é suficientemente grande e eficaz para conseguir a secessão. Mas uma implosão social provocada pela crise econômica é muito possível.

A economia não crescerá neste ano. Haverá pelo menos mais 10 milhões de desempregados. A inflação vai disparar para mais de 20%. A renda "per capita" deve cair para US\$ 600 (era de US\$ 1.000 em julho de 1997). Mas o poder real de compra dos pobres na Indonésia será igual ao de 30 anos atrás, quando Suharto roubou o poder.

Falta o cenário chinês. Se a China não resistir às pressões sobre a sua moeda e desvalorizá-la, forçará todos os seus vizinhos a uma segunda onda de desvalorizações e de descalabro nas Bolsas.

Timor Leste não tem nada a perder. Perdemos tudo desde 1975; só temos a ganhar. A Indonésia não conseguirá manter seu exército de 30 mil homens e milhares de informantes. A tensão subirá ao ponto de explosão nos próximos meses. A hipocrisia americana e europeia permitiu a bárbara ocupação de Timor Leste. É hora de retificarmos sua política e apoiarem a realização de um referendo de autodeterminação no território. Nossa moderação e nossa flexibilidade podem esgotar-se.

Nosso povo poderá exigir sua liberdade. Haverá centenas de milhares de timorenses nas ruas. Os indonésios dispararão? Fazem fogo sobre pequenos grupos por ser covardes. Não terão coragem de fazê-lo contra 500 mil manifestantes. A bola está agora no campo de Jacarta, Washington e Bruxelas. Já demos muitas provas de flexibilidade.

José Ramos-Horta, 47, diplomata, é especialista em direitos humanos pelo Instituto Internacional de Direitos Humanos (Estrasburgo, França) e membro sênior associado do St. Anthony's College (Oxford, Inglaterra). Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1996.



A oposição democrática indonésia ainda tem um longo caminho para se afirmar democraticamente

Semelhanças e diferenças entre Timor Leste e Kosovo



Timor Leste	Indonésia	Kosovo	Iugoslávia
Área: 14.800 km ²	Área: 1,9 milhão de km ²	Área: 12,26 mil km ²	Área: 102.173 km ²
População: 800 mil	População: 206,61 milhões	População: 2,2 milhões	População: 10,6 milhões

Semelhanças

- População local é composta por uma etnia majoritária, mas que é minoria no país. Em Kosovo, antes da guerra, havia 90% de albaneses e apenas 10% de sérvios (maioria no país)
- Há diferenças religiosas entre a Província de Kosovo e a maioria no país. A maior parte dos kosovares é muçulmana, enquanto os sérvios são cristãos ortodoxos. A maioria em Timor é católica, numa Indonésia majoritariamente muçulmana
- Os dois países são governados por regimes ditatoriais. Na Iugoslávia, apesar de ter sido eleito, Milosevic governa com poderes totais. Na Indonésia, após a queda do ditador Suharto, em 98, Habibie assumiu sem eleições
- Há forte sentimento separatista, reprimido com violência pelo governo central. O conflito em Timor Leste já provocou 200 mil mortes. Na Província de Kosovo, pelo menos 2.000 pessoas tinham morrido antes do ataque da Otan (aliança militar ocidental) contra a Iugoslávia, iniciado no dia 24 de março

Diferenças

- Há divergências em Timor Leste quanto à autonomia ou à independência da Indonésia. Os dois lados possuem grupos armados. Já em Kosovo, a facção que defende a autonomia (liderada por Ibrahim Rugova) não é armada e parece minoritária
- Apesar de estar acontecendo há mais tempo e de ter provocado mais mortes, o conflito de Timor Leste, por ser em região mais remota, não atraiu a atenção das potências ocidentais, que nunca ameaçaram intervir
- O conflito em Timor Leste foi amplamente discutido na ONU, com condenação da Indonésia. A questão de Kosovo foi mais tratada em âmbito europeu e pela Otan. A ONU só tratou do assunto após o início dos ataques

Indonésia aceita força da ONU em Timor Leste

das agências internacionais

A Indonésia decidiu permitir que uma missão policial da ONU atue em Timor Leste a partir de 10 de maio até que, em 8 de agosto, a população decida se quer a autonomia da ex-colônia portuguesa em relação a Jacarta.

Se Timor Leste rejeitar a proposta de autonomia, a Indonésia diz que vai conceder independência à região.

Questionado sobre o número de policiais estrangeiros que serão enviados a Timor, o tenente-coronel Roesmanhadi disse: "Ainda não sei. A instrução que eu recebi foi aumentar a segurança em Timor Leste".

O ministro das Relações Exteriores da Indonésia, Ali Alatas, deve assinar com Portugal o projeto de autonomia amanhã, em Nova York.

Em 75, após o fim do domínio colonial português, a região foi invadida pela Indonésia. No ano seguinte, o governo indonésio anexou Timor Leste, sem o reconhecimento da ONU.

Em janeiro passado, o governo da Indonésia surpreendeu a comunidade internacional ao afirmar que aceitaria a independência de Timor Leste, caso seu plano de autonomia fosse rejeitado pelos habitantes do território.

Desde então, os conflitos entre facções contrárias e favoráveis à independência têm se acirrado. Os separatistas acusam o governo da Indonésia de armar seus aliados.

Morte de manifestantes

O Exército da Indonésia disparou contra manifestantes na Província de Aceh (oeste), causando a morte de pelo menos 18 pessoas, segundo hospitais da região.

Milhares de pessoas promoviam um protesto contra a repressão militar quando o Exército indonésio abriu fogo contra a multidão.

O separatismo tem aumentado em Aceh, Província que possui importantes riquezas naturais, e o Exército tem intensificado sua repressão contra os separatistas.

O governador de Aceh —nomeado pelo governo central— pediu oficialmente a retirada do Exército e um estatuto de autonomia para a Província.

OPINIÃO

Timor Leste, Kosovo e a hipocrisia europeia

JOSÉ RAMOS-HORTA

Num texto para a revista "Newsweek" (publicado pela **Folha** em 19 de abril), o premiê britânico, Tony Blair, diz que "a dura experiência nos ensinou que não devemos tentar conciliar com ditadores", e que "precisamos ingressar num novo milênio, no qual ditadores saibam que não conseguirão promover 'limpeza étnica' ou reprimir populações impunemente."

Ele se refere, é claro, a Kosovo e à Iugoslávia, não a Timor Leste e à Indonésia. É uma declaração nobre e que seria digna de crédito, não viesse do líder de um governo que concedeu mais licenças de exportação de armas à Indonésia do que havia feito o anterior, conservador.

Em Kosovo, a Otan exige a retirada das tropas iugoslavas e uma presença militar internacional. Em Timor Leste, extensão de uma potência europeia, mas habitada por uma população de pele mais escura e objeto de uma ocupação ilegal, o gover-

no Blair se nega a exigir a retirada das tropas indonésias.

No caso de Kosovo, não existem resoluções do Conselho de Segurança da ONU de apoio à autodeterminação dos kosovares. O direito de autodeterminação da população de Timor Leste já foi reconhecido. O Conselho de Segurança e a Assembléia Geral da ONU condenaram a invasão de Timor Leste. Os europeus aceitaram a soberania iugoslava em Kosovo, mas nunca reconheceram a anexação de Timor Leste pela Indonésia.

Como castigo pela "limpeza étnica" dos kosovares, a Iugoslávia é bombardeada até praticamente retroceder à Idade da Pedra. Em troca dos 23 anos de "limpeza étnica" dos timorenses, a Indonésia ganha repressões moderadas e milhões de dólares em armamentos e outros bilhões em empréstimos.

No caso de Timor Leste, os países da Otan e outros, precisariam implementar uma opção "militar" muito mais simples: cancelar vendas de equipamentos, treinamentos e exercícios

conjuntos militares, além de expulsar adidos militares indonésios. A recomendação que fazemos a nossos amigos é que:

- a) Façam piquetes diante das embaixadas indonésias, identifiquem os adidos militares e os convidem a deixar seu país;
- b) Enviem mensagens a agências de viagens, aconselhando-as a não fazer reservas para Bali;
- c) Exortem o Banco Mundial, o FMI, a Comissão Europeia e o Congresso dos EUA a congelar envio de fundos a Jacarta.

Não possuímos sofisticados aviões "invisíveis", mas temos o poder da cidadania mundial. Devemos isso aos habitantes de Timor Leste que perderam a vida. Devemos isso à humanidade, para que os déspotas sejam avisados de que a Justiça os alcançará.

José Ramos-Horta é especialista em direitos humanos pelo Instituto Internacional de Direitos Humanos (Estrasburgo, França) e ativista pela Independência do Timor Leste. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1996

Texto disponível no website www.zmag.org
Tradução de Clara Allain

FSP 4/15/99

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Vulcão em erupção

JOSÉ RAMOS-HORTA

O Krakatoa é o vulcão mais famoso e temido da Indonésia. É quase sempre dormente, resignado, mas explode incontrolavelmente quando a paciência extravasa os limites. É um pouco assim a personalidade do javanês, o grupo étnico dominante no país — vulcão que começa a rugir e manifestar sua revolta.

O ditador Suharto subiu ao poder em 1965, num banho de sangue sem precedentes. Em seis meses, morreram entre 500 mil e 1 milhão de pessoas. Centenas de milhares foram presas. O cenário de 1965-66 poderá repetir-se, com consequências muito mais trágicas. Austrália, Malásia e Cingapura seriam destinos naturais de milhões de indonésios.

A crise de 1965 foi contida na Indonésia. Mas a globalização, nestes 20 anos, com enormes investimentos e imprudentes empréstimos de capital dos EUA, da Europa e do Japão à Indonésia, tornou toda a região vulnerável.

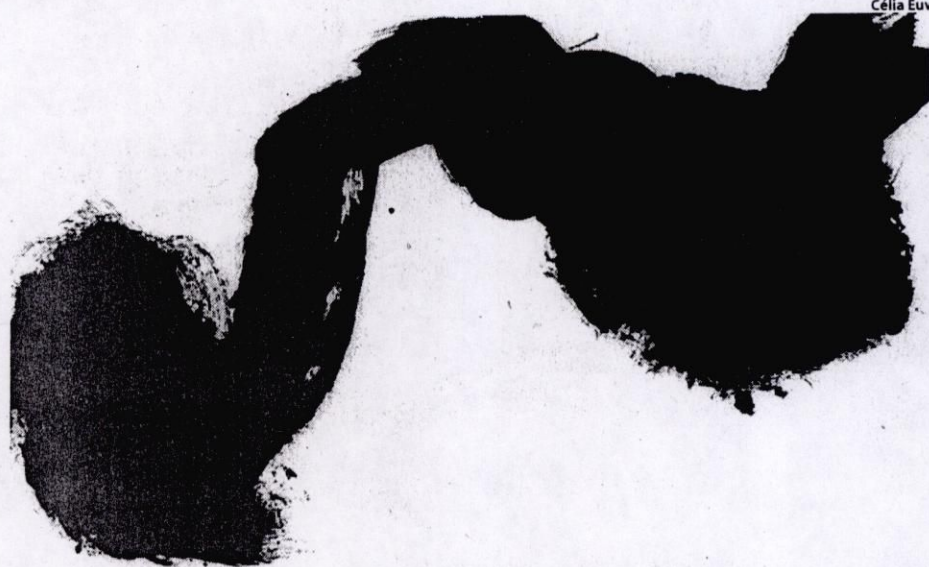
O regime governou sempre com arrogância e impunidade. No tempo das vacas gordas, Suharto distribuía favores entre militares, comprando sua cumplicidade e a das classes alta e média.

Como nas cortes absolutistas, ninguém ousava dar uma opinião honesta ao imperador; dizia-se apenas aquilo que sabiam que ele gostava de ouvir.

Desde a eclosão da crise, mais de 8 milhões de indonésios engrossaram a fila dos desempregados. As imagens da revolta, dramáticas, revelam a ira popular. O impressionante crescimento dos últimos 20 anos baseou-se em excessivos investimentos públicos e empréstimos astronômicos no exterior.

O vasto "pool" de mão-de-obra barata permitiu a política de exportação agressiva que inundou os mercados de produtos "made in Indonésia". Mas a concorrência da China e de outros países (Vietnã, Bangladesh etc.) começou a afetar a competitividade indonésia.

Nosso adversário está derrotado. A Indonésia perdeu o estatuto de 'tigre econômico'; hoje, é um país sem rumo



Célia Euvaldo

A dívida externa é oficialmente avaliada em US\$ 150 bilhões, mas o banco Indosuez estima que ela ascende a US\$ 200 bilhões. Cerca de 70% dela é da responsabilidade do setor privado. Apenas 50 indonésios, familiares diretos e amigos do ditador, são responsáveis por dois terços dessa dívida externa.

E o povo do Timor Leste? Invadido, espoliado, massacrado, é também vítima dos graves erros da administração indonésia. O custo de vida disparou, e o poder de compra do timorense, sempre

o mais baixo do país, está ainda menor. Mas o Exército mantém sua política de repressão, prisões arbitrárias, execuções sumárias, tortura, discriminação.

Até há uma semana, EUA, Austrália,

Japão, Alemanha, França e Reino Unido preocupavam-se mais em salvar seu ditador privilegiado do que com a miséria do pequeno povo do Timor.

Centenas de milhares de timorenses ainda não saíram à rua, mas vão fazê-lo em breve. Desesperados, nada têm a perder e nada temem. Mas sabemos que, quando o povo sair à rua e destruir lojas e casas dos colonos indonésios, será acusado de intolerância. Mídia internacional e governos ocidentais não se lembrarão das raízes do problema.

O povo de Timor não pode continuar

a ser sacrificado. A Indonésia deve abandonar o território por meio de um processo gradual, em diálogo com as Nações Unidas e o Conselho Nacional da Resistência Timorense, presidido pelo respeitado líder Xanana Gusmão.

A capacidade de intervenção política ocidental para persuadir Suharto a abandonar o poder é limitada. Mas não fazer nada seria um erro imperdoável. A pressão é necessária e tem de ser sustentada por um diálogo com a sociedade civil e o setor reformista do Exército.

O regime deve ser compelido a, desde já, libertar os presos e extinguir a tortura, as prisões arbitrárias, os controles da imprensa e da atividade política. São condições mínimas para aliviar a tensão social e iniciar verdadeiro diálogo.

A desintegração da Indonésia é uma possibilidade real, mas evitável se os patronos do regime optarem por uma estratégia mais inteligente, criativa e corajosa. Não fazer nada ou apoiar o status quo é receita para o caos total.

Nosso adversário está derrotado. A Indonésia perdeu o prestigiado estatuto de "tigre econômico"; hoje, é um país sem rumo. Em 1996, eu disse à CNN que as coisas mudariam na Indonésia "dentro de dois a três anos". O embaixador indonésio na ONU, com sarcasmo, chamou-me de "otimista". Hoje, meu otimismo parece confirmar-se. O dinossauro asiático Suharto vai passar para o "Jurassic Park".

José Ramos-Horta, 48, diplomata, é especialista em direitos humanos pelo Instituto Internacional de Direitos Humanos (Estrasburgo, França) e membro sênior associado do St. Anthony's College (Oxford, Inglaterra). Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1996.

Esperança de paz em Timor Leste



A questão do território é um teste moral para a nova Indonésia, se quiser ser levada a sério

Há exatamente dois anos, em entrevista a uma importante rede de TV, previ que, em dois ou três anos, a ditadura indonésia chegaria ao fim, abrindo caminho para uma nova Indonésia, mais tolerante e democrática. Minha previsão se fundamentava na profunda compreensão que adquiri, nas duas últimas décadas, a respeito da verdadeira natureza do regime de Suharto: uma economia baseada em onerosa tomada de empréstimos, megaprojetos de infra-estrutura, corrupção desbragada, falta de responsabilidade administrativa e apadrinhamento.

Mas naquela época, quando todos os países ocidentais cortejavam a economia do "tigre" indonésio, quem era eu para discordar dos relatórios mais otimistas do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e de outros especialistas internacionais?

Finalmente, depois de 23 anos de luta entre o "Davi" leste-timorense e seu "Golias" indonésio, o gigante desmoronou. Como aconteceu em passado recente com Mobutu Sese Seko, do Zaire, Ferdinand Marcos, das Filipinas, e muitos outros ditadores repugnantes, Washington, Londres, Paris, Bonn e Camberra devem estar embaraçadas e os responsáveis políticos estão agora atirando lama uns contra os outros por terem apoiado o ditador da Indonésia. Os leste-timorenses foram sacrificados no altar da guerra fria e da era pós-Vietnã, reduzidos a uma nota de pé de página no grandioso esquema da História.

Chegou o momento de os países ocidentais manifestarem todo o seu apoio a um plebiscito patrocinado pelas Nações Unidas em Timor Leste, para que o povo dessa ilha possa, finalmente, decidir o seu futuro. Os líderes emergentes na Indonésia não poderão ignorar as in-

justiças perpetradas contra os leste-timorenses. Nos últimos anos, muitos destacados representantes da oposição indonésia falaram em favor do direito desse povo à autodeterminação. Um deles é Muchtar Pakpahan, importante líder trabalhista, encarcerado, em parte, por sua posição favorável à independência de Timor Leste. Nos últimos dias, Amien Rais,

um dos mais corajosos críticos do regime de Suharto, manifestou seu inequívoco apoio ao plebiscito sobre a autodeterminação. Muitos outros expoentes democratas indonésios, entre eles Magawati Sukarnoputri, apoiaram também, constantemente, a nossa luta.

Os Estados Unidos, a União Européia, a Austrália, o Japão

e os países membros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) deveriam apoiar a posição moral e corajosa desses democratas indonésios. Para se redimirem de 23 anos de traição e deserção, devem agora apoiar de forma clara e inequívoca um processo de negociação, patrocinado pela ONU, para decidir a realização de plebiscito sobre a autodeterminação dentro dos próximos dois anos.

Todos os prisioneiros deveriam ser libertados imediatamente. As autoridades indonésias deveriam libertar Xanana Gusmão, líder da resistência, atualmente cumprindo uma injusta pena de 20 anos de prisão em Jacarta, e engajá-lo no diálogo, juntamente com o bispo Carlos Filipe Ximenes Belo, que comigo compartilhou o Prêmio Nobel, para que trabalhem pela solução do conflito. As tropas indonésias deveriam retirar-se do território e ser substituídas por uma força policial da ONU. A resistência

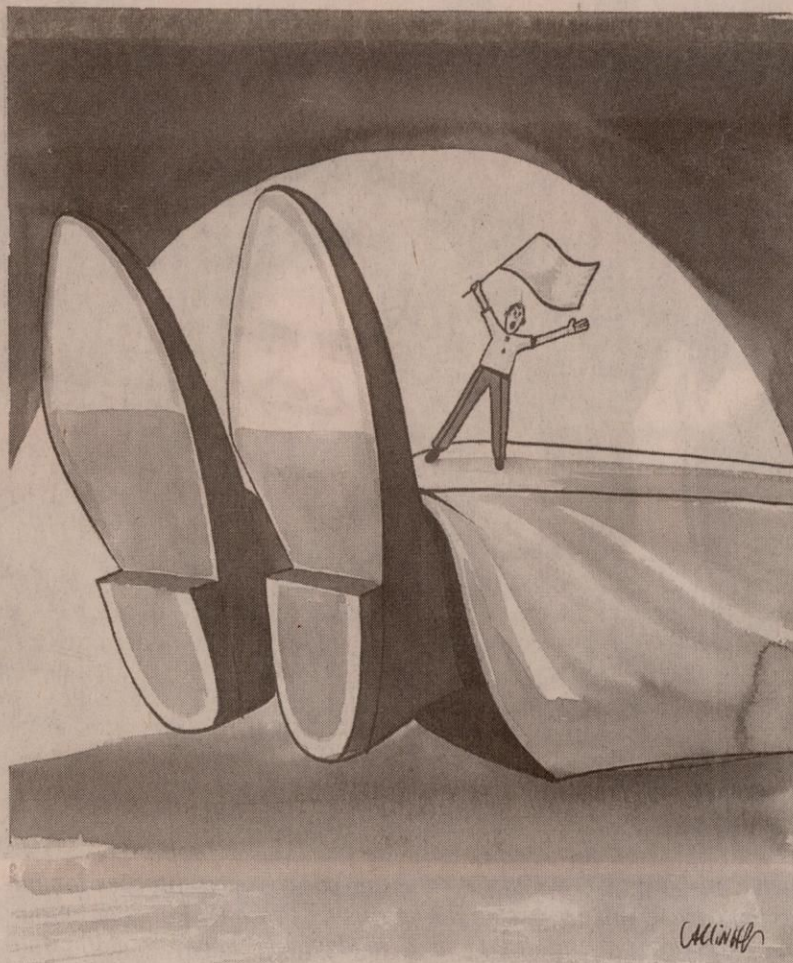
leste-timorense poderia, então, suspender todas as suas atividades armadas.

Enquanto as multidões se entregavam a distúrbios e saques em Jacarta, causando grande destruição, os leste-timorenses demonstraram louvável moderação, apesar de sua indignação contra os imigrantes indonésios e os colaboradores leste-timorenses que lhes usurparam a terra ancestral e os humilharam. Os leste-timorenses foram transformados em cidadãos de segunda classe em sua própria terra.

Nos últimos dias, fiz reiterados apelos a meus concidadãos para que evitem qualquer ato de violência contra os imigrantes indonésios e não destruam propriedades públicas e privadas. Até agora, nossa população revoltada, nossos jovens inquietos e desesperados atenderam aos meus apelos. Contudo, se a comunidade internacional não responder de forma positiva à situação atual, os leste-timorenses vão dar largas aos seus sentimentos. É difícil prever até onde poderá levá-los toda essa raiva e frustração represadas.

A tentação de esquecer o Timor Leste no meio da crise indonésia terá efeitos colaterais muito caros. Temos lutado durante muito tempo contra todas as probabilidades para agora permitir que a nova Indonésia emergente siga as mesmas políticas do antigo regime. O caso do Timor Leste é um teste moral para esta nova Indonésia, se quiser ser levada a sério.

Estou disposto a voar para Jacarta a qualquer momento para me unir a Xanana Gusmão, a fim de explicar as aspirações dos leste-timorenses ao povo indonésio. Numa nova Indonésia, a infame verdade da colonização implacável do Timor Leste virá à luz. Então, o povo da Indonésia saberá, com horror e descrença, o que seu país fez contra essa nação tão pequena.



■ José Ramos Horta, jornalista, ganhou o Prêmio Nobel da Paz de 1996, juntamente com o bispo católico dom Carlos Filipe Ximenes Belo, por sua luta pela autodeterminação de Timor Leste, anexado pela força à Indonésia

Enviado por Regina Machado

Journal Brasil 03/04/98

Sanções contra a Indonésia

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA*

Timor Leste constitui, em nossos dias, o testemunho mais dramático da luta de um povo pela sobrevivência e pela liberdade. Timor e a África lusófona, em 1975, depois da Revolução dos Cravos, iniciaram entendimentos com Portugal para a transição pacífica. Mas a Indonésia invadiu e ocupou o território de Timor, assassinando 250 mil pessoas. Apesar do horror, os timorenses não se renderam. Sua bravura e o seu sacrifício tiveram o reconhecimento internacional com o Prêmio Nobel da Paz, de 1996, atribuído a José Ramos-Horta e ao Bispo Ximenes Belo, que são a expressão política e religiosa da luta pela autodeterminação de seu povo.

Os timorenses estão clamando, ainda agora, por uma solidariedade efetiva do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Infelizmente, os meios de comunicação não têm dado o destaque que a causa de Timor merece. Depois da recente visita de Ramos-Horta ao Rio de Janeiro, onde teve encontros com intelectuais. Estamos mobilizados no esforço para que o Itamarati atue junto da comunidade internacional, a fim de que a responsabilidade ética faça cessar o genocídio que continua sendo praticado na Indonésia. O general

Suharto acaba de receber o sétimo mandato (32 anos na Presidência!) em eleições já denunciadas como iguais às que eram feitas por Hitler e Stalin.

A União Brasileira de Escritores, hoje sob a presidência do professor Fábio Lucas, uma das mais altas expressões da cultura de Minas Gerais, bem como a atriz Lucélia Santos, que é a personalidade brasileira mais conhecida nos países asiáticos, sobretudo na China, participam da luta na defesa dos nossos irmãos do Pacífico. Quando Embaixador em Portugal, e na representação moral dos nossos sentimentos, prestei toda a solidariedade possível ao povo de Timor Leste. Essa mesma postura foi assumida pelo presidente Itamar Franco, na representação diplomática em Lisboa.

Por isso mesmo, vamos organizar um Núcleo de Apoio e Solidariedade ao Povo de Timor Leste. O Brasil, por todas as razões, deve assumir a liderança na ajuda aos combatentes pela liberdade-naquela ilha longínqua, se tomamos como referência a distância geográfica, mas bem próxima de nós, quando pensamos em sua identidade essencial, que é a da cultura. A língua é a mesma e, conforme observou Ferreira Gullar ao ouvir Ramos-Horta, até mesmo o sotaque, com a abertura das vogais e o ritmo da frase, é parecido com o nosso. O

compromisso e a esperança é ter Timor Leste como a oitava nação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, ao lado de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

O primeiro voto conjunto que o Brasil teve para pertencer ao Conselho de Segurança da ONU foi o dos sete representantes da C.P.L.P. Esta força na concertação diplomática deve ser exercida também junto ao Congresso norte-americano, que examina com amplas restrições o empréstimo pretendido pela Indonésia, que tem sua economia destruída (a rupia, moeda local, já desvalorizou 78%). O regime Suharto com a corrupção de seus familiares que dominam grande parte dos negócios internos amplia o escândalo de sua presença na crise asiática.

Até hoje, a ONU condenou apenas formalmente a anexação de Timor Leste, ao contrário, por exemplo, do que aconteceu com os Balcãs, quando tomou providências concretas e como ocorre também com relação aos albaneses de Kosovo, onde já se nota o peso da pressão internacional contra os sérvios.

A Indonésia merece o mesmo tratamento punitivo.

*Foi governador Brasília, Ministro da Cultura e embaixador em Portugal

Timor: uma causa do Brasil

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA

A grandeza dos povos não pode ser medida pelo tamanho dos territórios que ocupam nem pelo número de seus soldados. O que faz grandes os povos é a sua coesão interna, o seu amor pela liberdade e o seu propósito de viver em paz. As expansões bélicas não foram capazes de construir impérios duradouros. Os valores do espírito, com a conquista moral que trazem, é que formam as grandes famílias do mundo.

Em Portugal temos esse exemplo. Seu território metropolitano é dos menores da Europa; não obstante isso, seu povo pôde manter a independência contra a hegemonia peninsular de Castela e levar a língua e a fé ao mundo todo.

Não conheço muitas pessoas de Timor Leste nem seu território, perdido nos confins do mundo, no ponto mais oriental a que chegaram os barcos portugueses, em um canto da Oceania —aquela região que os livros escolares mais antigos apontavam, indevidamente, como o “quinto continente”.

Quero, no entanto, ser um dos primeiros a visitar Dili quando os timorenses obtiverem (como obterão, e espero que muito em breve) sua independência. Não conheço muitas pessoas de Timor, mas me basta conhecer, entre outras, o bispo Ximenes Belo e o advogado José Ramos-Horta, que merecem da comunidade internacional o maior respeito e que receberam, por sua determinação e coragem na luta pelo seu povo, o Prêmio Nobel da Paz.

Tenho, na medida de minhas possibilidades, insistido para que eles exerçam sobre a Indonésia a necessária e justificada influência, a fim de que cesse a brutal repressão sobre o povo de Timor e seja respeitada a decisão das Nações Unidas que determinou a imediata autodeterminação do território.

Recentemente, tive a honra de fazer a saudação, em nome da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, na Universidade de Évora, ao bispo Ximenes, na cerimônia em que ele recebeu o título de doutor “honoris causa”.

Ser admitido naquele cenário medieval e nele falar em nome dos povos de língua portuguesa foi para mim, brasileiro, mais do que uma homenagem tocante. Foi a reafirmação de um compromisso que assumi, em nome do Brasil, quando representei em Lisboa o austero e honrado governo de Itamar Franco. Agora, quando a ditadura expansionista de Jacarta tenta se manter com o “delfim” de Suharto, é mais do que nunca necessária a vigilância internacional, a fim de evitar a tentação de um massacre do povo de Timor. Para os governos fracos, que enfrentam a oposição do povo da metrópole, nada melhor do que encontrar um bode expiatório externo, o

que coloca em risco a população desarmada de Timor.

Um sinal desalentador do que pode ocorrer em Timor foi o pronunciamento do novo presidente da Indonésia anunciando o propósito de não aceitar negociações sobre o futuro da região.

Os riscos de chacina crescem a cada momento, enquanto se consolida o governo de Jacarta, que continua sendo o de Suharto. Uma ditadura de mais de 30 anos não sucumbe apenas com o protesto de estudantes. Enquanto países ocidentais mantiverem relações normais com o herdeiro de Suharto, a

vida dos timorenses estará ameaçada pelas forças policiais da Indonésia.

A solidariedade dos países da CPLP (e, antes de tudo, do Brasil, que é o mais importante deles do ponto de vista diplomático)

é indispensável para que se impeça o genocídio de nossos irmãos de Timor. É necessário, portanto, que as organizações da sociedade civil brasileira, como a OAB e a ABI, exijam da diplomacia brasileira atos concretos em favor de um povo que fala a nossa língua e acredita em nossos valores.

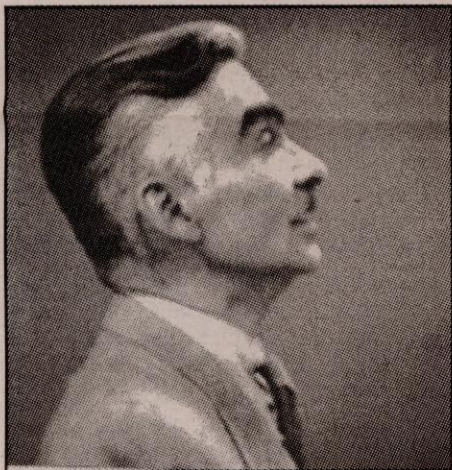
José Aparecido de Oliveira, 69, é presidente da Fundação Oscar Niemeyer (RJ). Foi embaixador do Brasil em Portugal (1993-95), ministro da Cultura (governo Sarney) e governador do Distrito Federal (1986-87).

Quando a ditadura expansionista de Jacarta tenta se manter, é mais que nunca necessária a vigilância internacional

FSP 16/07/98

Quem tem medo de Monteiro Lobato?

Mario García-guillén



Como em todos os aniversários centenários ou cinquentenários) aparecem artigos e mais artigos sobre o aniversariante, especialmente se o sujeito é personagem muito famosa. Mas todos contêm mais ou menos o mesmo resumo de datas e fatos sem abordar questões vitais ou de fundo. Tal é o caso de Monteiro Lobato, o escritor. Um Wells à brasileira. Um futurista paraibano; periférico de uma época em que o centro da cultura estava na França e no que dela se podia extrair como através de um espelho: assim, a Semana de 22, assim a universidade (USP), assim as centenas de entidades associativas de classe que surgem no Rio de Janeiro e logo em São Paulo... A Monteiro Lobato incomodava esta situação que ele deveria viver. Lamentava que seus contemporâneos nas Artes e nas Letras, embora reconhecesse seus individuais talentos, não reclamassem nem se revoltassem contra esta submissão.

O que alguns lhe apontam como sendo xenofobia (que não é senão ódio e repulsa aos estrangeiros, por questões sociais) é ledor engano. O grito dele é pela originalidade: ele quer um Brasil que pense como tal e não pelas cabeças de outras potências ou nacionalidades.

Seu livro (um "romance americano do ano 2228", como ele mesmo diz) *O Choque das Raças* ou *O Presidente Negro*, publicado em 1926, pela sua Companhia Editora Nacional, não teve a menor repercussão, nem na época de sua aparição, nem mais tarde, nem agora... Por quê? Porque o autor era comunista militante? Ou porque faz considerações e toca temas incômodos aos brasileiros que participam da moda intelectual e da política no poder? O pior que pode acontecer a um sistema democrático é ignorar o pensamento de seus verdadeiros intelectuais por muito equivocados que os mesmos estejam.

O Choque das Raças tem elementos mais do que suficientes para ser um bestseller dentro e fora do Brasil. A ninguém interessou. Quer dizer: interessou que o mesmo fosse reduzido ao esquecimento, à ignorância completa. Um verdadeiro passo de contracultura.

Uma personagem foca, sem mais estudos que os elementares: Ayrton Lobo torna-se confidente por "esses azares do destino" de um gênio, inventor, excêntrico, o professor Benson, criador de uma máquina que tanto pode fazer-nos per-

correr o futuro como o passado. Um "túnel do tempo"? Sim, só que idealizado por Monteiro Lobato em 1926, data da publicação. O argumento em si já vinha lhe atazanando vários anos antes, quem sabe desde criança, quando das suas andadas pelo Vale do Paraíba...

Na região valeparaibana, precisamente na estrada - então caminho -, entre Taubaté e São Luiz do Paraitinga, sobe-se a um "mar de morros" desde onde se avista a nossos pés a Serra do Mar. Olhando para atrás o passado e olhando para frente o futuro. Não se poderia transpor esta paisagem a uma máquina, onde, ao invés de uma linha de morros, tivéssemos a linha do tempo? Bela pergunta para martelar a cabeça de uma criança precoce, que faria depois, com suas fábulas, sonhar a todas as crianças do Brasil.

Mas, só as crianças. Os mais velhos, políticos, intelectuais, comerciantes... tiveram medo de acompanhar a Monteiro Lobato nessa viagem.

Essa confissão nunca foi e, seguramente, nunca será aceita. Monteiro Lobato era, já dissemos: polêmico, encrenqueiro, comunista...

Seu "romance americano de 2228", ou *O Choque das Raças* fala de forma direta e magistral dessas coisas que incomodam: "filósofo sobre os males que traz à vida a desonestidade dos homens"; e o faz de forma contundente, radical: "ponho-me às vezes a imaginar como seriam as cousas cá na terra se um sábio aperfeiçoamento das raças desse combate à desonestidade pela eliminação completa dos desonestos. Que paraíso!".

Lobato reflete, em seu romance, sobre o povo norte-americano. Sua personagem foca, o Sr. Ayrton acha que o povo norte-americano é "povo sem ideais, o mais materialão da terra. A gente do *the biggest...*". Porém, Jane, a principal personagem feminina do romance, a filha de Benson, pela qual Ayrton está apaixonado, lhe corrige: "Si o senhor observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Apenas se dá que o idealismo deles não é o latino, que recebemos com o sangue... eles possuem um idealismo orgânico... nós temos o utópico." E, mais adiante: "Henry Ford sonha, mas sonha a realidade do amanhã."

A partir daí o romance examina os

erros cometidos pelos americanos no futuro (já estamos no "túnel do tempo" de Monteiro Lobato), a entrada do negro na sua composição de nacionalidade; a separação crucial das raças; a proibição da livre gestação ou controle severo da natalidade; a solução brasileira de fundição das duas raças numa só; o choque das duas raças em 2228; a política americana dividida em três partidos fundamentais, nesse futuro: o partido branco, o partido negro e o partido feminista. Nesse momento aparece um líder negro que vai vencer as eleições pelo apoio das feministas, que vêm no partido branco toda a força despregada do machismo.

Sem dúvida o partido feminista tem ser mais felino, mais rico em estratégias... Tudo isso que fará o homem chegar à conclusão de que a mulher não é sua parceira natural, que houve um engano lá atrás, no passado, (no paraíso, talvez?) e que a forma feminina mansa e tradicional não passa de uma adaptação feita por puro interesse...

"A radiosa beleza da *sabina mutans* (a ex-fêmea do *homo sapiens*) irradiava um halo de fascínio." Mas não é só isso. É mais, muito mais: além do futuro, o humanismo, a relação chefe-subordinado, a reação irracional do estado amoroso, o romance... o romance entre Jane (afinal uma ardente mulher) e Ayrton, o escritor que todos nós sonhamos, com um argumento original e insólito, cheio de defeitos que só o lado humano justifica, embora foca, mesmo sem amigos e sem panelinhas, as que contentar ou aquelas com que se preocupar.

Quem tem medo de Monteiro Lobato? Não há editores no Brasil? Onde estão os países do primeiro mundo que zelam pela preservação da cultura e sua continuidade?

Há uns dias atrás, no cinquentenário da morte de Monteiro Lobato, e depois de ter lido artigos nas revistas de cultura e na imprensa diária do país sobre nosso homem, passei pela região do Vale, parei no topo da serra e vi o mundo todo aos meus pés, como o deve ter visto ele. Peguei uma pedra pequena, na beira do caminho e a joguei longe, com força... Ela se perdeu numa curva, no ar, e não consegui ver onde ela foi parar. Talvez ninguém consiga.. nunca! □

■ MARIO GARCÍA-GUILLÉN é escritor com peças de teatro, poesia e romances publicados no Brasil e no exterior.

Eia, timorenses!

Paulo Veiga

Os últimos acontecimentos em Jakarta, capital da Indonésia, deixaram entrever uma luz, ainda que longe, no fim ergástulo timorense.

Têm dúvidas os estudantes quanto a Jusuf Habibie, vice-presidente eleito em março/98 e ora sucessor de Suharto. Há razões, eis que Habibie foi criado por Suharto desde os 13 anos, valendo dizer: é lama do mesmo barro.

O timorense da diáspora parece, igualmente, não acreditar tanto na liberdade do Timor Leste, mesmo após Ramos-Horta e Dom Carlos Ximenes Belo receberem o prêmio Nobel da Paz.

Ao contrário dos alentados guerreiros nas montanhas do Timor, exilados e espectadores, longe do palco da dor, demonstram dúvidas quanto à libertação do Timor.

E quanta dor a desse povo humilde, leal, religioso, de alma sensível e solidária. Em 21/12/96, em depoimento na Rádio América, uma timorense casada com brasileiro, cujo nome, infelizmen-

te, não me recordo, traçou um perfil sobre a personalidade de seus compatriotas. Dissera que o timorense, ao agradecer um favo, brota lágrimas, ou sorri, ou diz: peço a Deus que lhe agradeça; segura a mão da pessoa com as duas, olhando-a com candura, sorridentemente.

Nesse depoimento dissera inacreditáveis atrocidades cometidas pela polícia de Suharto. Entre elas que, quando os algozes invadiram o Timor Leste, pegavam as mulheres grávidas, abriam o ventre, tiravam o feto e faziam dele bola, chutando-o. Foram depoimentos comoventes, qual ainda o massacre contra as pessoas que faziam manifestação pacífica no Cemitério de Santa Cruz, quando cultuavam um timorense morto, em 1991. Pessoas foram encurraladas naquele campo santo e metralhadas. Homens, mulheres, crianças, inclusive jornalistas que cobriam o evento, foram abatidos impiedosamente. Daí, ficou o nome, "Massacre de Santa Cruz".

Ao afastar a política deste breve trabalho (embora Afonso Arinos, com propriedade, afirme que a política está em todos os atos), antes quero mencionar que, na Inglaterra, no ano passado, mantive contato, por telefone, com um membro da TAPOL, importante organização preocupada com os problemas de direitos humanos no mundo, e com um outro, de nome Estevão Cabral, timorense casado com inglesa, e nenhum dos dois demonstrou acreditar possa o Timor alcançar a tão desejada liberdade.

A liberdade virá. A luta não foi e nem será em vão. A dor também encoraja, e se o timorense é, por natureza, sentimental, a exemplo do líder, Xanana Gusmão, de alma poética, e tendo o poeta coração ousado, é capaz de versificar a dor e a alegria. Portanto, não acredito que os timorenses poetas que escaparam do genocídio Suhartista tenham se silenciado. A eles, dedico estas estrofes, cujo título dado é, *Eia, Timorenses!*

*Timorenses da diáspora indesejada,
mauberes do alcantil das montanhas,
liliputianos contra o imenso monstro,
força, esperança.*

*Os monstros também fenecem;
os golias, um dia, sucumbem,
mesmo sem as astúcias de David.
Força, esperança.*

*Um halo alvissareiro, aceno de vida,
lá do pico Tata Mai Lau,
traz bons presságios de liberdade.
Força, esperança.*

*O sândalo perfumará sepulturas,
valas rasas, onde dormem heróis,
simples alógenos aos atrozos de Suharto,
força, esperança.*

*A brisa que sopra lá do Ramelau
balsamizará as não cicatrizadas chagas,
enxugando lágrimas que ainda restam.
Força, vitória.*

PAULO VEIGA é 2º. Tesoureiro da UBE.

Xanana livre e presente no referendo

Alberto Antônio Luís de Oliveira Pires (*)

A ONU, através de seu secretário-geral, Kofi Annan, deve pedir a liberdade e uma rápida possível do líder timorense Xanana Gusmão, que se encontra em prisão domiciliar em Jacarta, capital da Indonésia, e de todos os presos políticos. Por lutarem pela independência de Timor Leste, eles têm o direito de acompanhar o referendo que decidirá pela autonomia ou independência da ex-colônia portuguesa, que está localizada no arquipélago indonésio e sofre com a falta de democracia desde 1975, quando foi invadida pelo exército da Indonésia.

Os grupos pro independência informam que muitos presos políticos estão numa espécie de campo de concentração no Timor Leste. Isso não dá mais para aceitar no limiar de um novo milênio. Tanto Xanana Gusmão como os presos políticos precisam estar de pés-a-lés com seu povo no processo de redemocratização de Timor Leste.

Xanana Gusmão foi condenado a 20 anos de prisão porque foi encontrado armado, lutando pela independência de seu país. Quem sabe o poderoso e sangrento exército indonésio, que, na época, era comandado pelo ex-ditador Suharto, desejasse que Xanana o esperasse com um estilingue. Nós sabemos que Timor Leste foi tomado por uma onda brutal de violência desses soldados, que, a bem da verdade, é formado por milicianos vagabundos e bandidos, cuja única intenção é matar.

O prêmio Nobel da Paz e um dos principais articuladores da retomada da independência timorense, José Ramos-Horta, manifestou interesse em estar presente no referendo de 8 de agosto. Ele contou que espera pôr os pés em Timor Leste depois de 26 anos longe de sua terra. Ramos-Horta deseja voltar em julho ao seu país para acompanhar ativamente a campanha, mas ressalta que ele poderá boicotar o referendo caso Xanana continue preso.

Eu também estarei presente

no momento mais importante de meu país. Partirei para lá no final de julho e me reunirei com meus compatriotas, especialmente Xanana, com quem participei de um concurso público.

Além da liberdade de Xanana e dos presos políticos, a ONU deve atentar para outro detalhe importante no referendo do próximo dia 8 de agosto. O povo timorense está acostumado a votar usando duas urnas, pois era desta forma que ocorria no passado. Na eleição do chefe do suco (marajá) e do chefe de povoação (suplente do suco), ainda sob domínio português, eram colocadas duas urnas, uma em frente a foto de cada candidato. Como havia apenas dois candidatos, os votantes não tinham muita dificuldade. Por isso, achamos por bem adotar um procedimento idêntico no referendo - colocando uma urna para a autonomia e outra para a independência.

Embora a liberdade esteja à vista, a situação é de expectativa porque o exército indonésio é contrário a independência. Por isso, a presença observadores da ONU e de Portugal é fundamental. O referendo também será uma boa oportunidade para saber as reais intenções de B.J. Habibie, presidente da Indonésia, que sucede o ex-ditador Suharto. À princípio, ele parece estar muito honesto, no entanto, várias questões são levantadas: e se ele estiver falando de paz, mas encorajando o exército secretamente a erradicar a vontade separatista da ilha?, será que Habibie possui forças para se opor ao exército? e ainda precisamos lembrar que o arquipélago possui inúmeras ilhas que sentirão incentivadas com a liberdade de Timor Leste. A resposta a todas essas perguntas será dada somente com o referendo de 8 de agosto, quando o sofrido e heróico povo timorense decidirá seu futuro.

Alberto Antônio Luís de Oliveira Pires é timorense radicado no Brasil há 24 anos e integrante do grupo Clamor por Timor. Contato através do telefone (012) 357-1577 ou 357-1381 - Jacareí

Diário
DE JACAREÍ

Fundado em 02/06/68

Publicação da Empresa Jornalística
Diário de Jacareí Ltda.

DIRETORES - Maria Eloisa do Nascimento e Ulisses Guedes / Secretária de redação - Márcia da Faria
REPRESENTANTE EXCLUSIVO: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Belo Horizonte - REVESP - Representações Ltda., Alameda dos Jurupis, 455 - 4º andar - Cj. 48 - CEP 04088-001 - Fone PABX: 572-4611 - FAX 573-7723 - São Paulo SP - Filial em ADJORI - Associação de Jornais do Interior do Estado de SP - Noticiário Nacional - Agência Folha Circ também nos municípios de Santa Isabel, Guararema, Santa Branca, São José dos Campos e Igaratá.
Nº anuário: R\$ 1,00 - Circulação: terça-feira a sábado - REDAÇÃO: Av. Avareí, nº 974 - Bairro Avareí - Jacareí - SP. Fone (012) - 353-2986 / Fax: 352-9364 - E-mail: djac@tecsat.com.br - Impresso na Gráfica Imperial-S.J. Campos

Timorense critica transferência de líder para prisão domiciliar

Alberto de Oliveira Pires, que mora no Brasil há 24 anos, criticou duramente o posicionamento da Indonésia no caso de Xanana Gusmão



Jesucim Constantino

Pires, ao lado da bandeira do Timor Leste: "Os invasores é que deviam estar presos"

A recente transferência do líder do Timor Leste, Xanana Gusmão, para uma prisão domiciliar não trouxe alegria para todos os timorenses. Em Jacarei, o timorense Alberto Antonio Luis de Oliveira Pires reprovou a atitude do governo da Indonésia, que domina o Timor Leste há 24 anos. "O que interessa é a libertação imediata, não prisão domiciliar", disse.

Morando em Jacarei há mais de 20 anos, Pires conta que não estava em seu país quando este foi dominado pela Indonésia. Na época, ele estava de férias, viajando por vários países, inclusive pelo Brasil. Mesmo assim ele tem acompanhado, à distância, todos os conflitos entre o povo timorense e os invasores da Indonésia.

Pires se diz inconformado com a prisão de seu antigo colega de trabalho, Xanana Gusmão, preso em 1992 porque estava na luta armada.

O líder timorense foi condenado a prisão perpétua sob a acusação de rebelião, conspiração, tentativa de formar um Estado Separado e porte ilegal de arma de fogo. "Eles queriam que estivessemos armados com estilingas", questionou Pires. O timorense contou que de-

Gusmão ainda passou por um segundo julgamento no qual a pena foi alterada de perpétua para 20 anos de prisão. "Mas nós queremos a libertação de Xanana Gusmão, que será o futuro presidente do Timor Leste", disse Pires em tom de profecia.

Ele até escreveu uma carta ao presidente Fernando Henrique Cardoso para que este tentasse interceder junto à Organização das Nações Unidas (ONU) na situação do Timor Leste.

O timorense disse que também não gostou da última proposta do governo indonésio de conceder autonomia especial ao Timor. "Eles querem ficar nos vigiando, mas nós queremos liberdade total", comentou. Pires disse que o interesse da Indonésia em seu país são as poucas petrolíferas existentes no Timor. "Já chegaram até a dizer que o Timor é uma ameaça ao futuro, só porque tem petróleo", disse.

Pires comentou que ainda sente muita saudade de seu país de origem. Ele garante que assim que o Timor for libertado ele volta para lá. "Quem devia estar presos eram eles, que são invasores e não os timorenses, que estavam lutando por sua terra. E duro saber que a gente está sendo matado, vitimado por eles que é

357381

033 P01

13/02/99 12:13

Pela liberdade

O Timor Leste, única nação de língua portuguesa na Ásia, está perto da independência.

A Indonésia, que anexou a ilha em 1975, fará um plebiscito para que o povo local decida a questão.

Os timorenses chegarão à vitória sem que seus líderes tenham recebido a ajuda tantas vezes prometida pelo Itamaraty tucano.

14. RIO

Sábado, 30 de janeiro de 1999

TRIBUNA
da imprensa

10. Rio, Sáb. e dom., 30 e 31 de janeiro de 1999

ONU continua diálogo de Timor

Depois de qualificar de "muito boa" a reunião da manhã de ontem com os embaixadores de Portugal e da Indonésia, o representante pessoal do secretário-geral Kofi Annan para o Timor Leste, Jamsheed Marker, disse voltaria a conversar com os dois à tarde e que a nova posição indonésia que admite independência para o território não foi formalizada.

Na véspera Marker solicitara à Indonésia esclarecimentos a respeito do anúncio feito em Jacarta pelo ministro do Exterior Ali Alatas. Mas por enquanto as conversações entre Portugal e Indonésia, mediadas pela ONU, só se referem à proposta conciliadora de maior autonomia feita pelo secretário-geral, pois nada foi formalizado sobre o novo desdobramento.

Ao falar à imprensa à tarde, Marker também informou que após as conversações que se desdobram em Nova York - e que continuarão na terça-feira da próxima semana - o mediador vai elaborar documento escrito, contendo todos os dados, a ser submetido ao secretário-geral Annan e aos ministros do Exterior de Portugal e da Indonésia.

Marker não esclareceu se os ministros virão à sede da ONU em Nova York para receber o documento e retomar a discussão em nível ministerial. O representante pessoal do secretário-geral revelou, ao mesmo tempo, a preocupação na organi-

zação internacional com "a redução das condições de lei e ordem" em Timor Leste - aparente referência a choques nos últimos dias.

O anúncio na Indonésia de que Xanana Gusmão, o líder rebelde de Timor Leste, sairá da cadeia para ficar em prisão domiciliar foi bem recebido na ONU, onde o secretário-geral Kofi Annan voltou a pedir quarta-feira sua libertação, "para que possa participar ativamente do diálogo político", pois é de "grande importância o papel dele no processo".

Embora as autoridades de Jacarta tenham dito que Annan pediu a "prisão domiciliar" de Gusmão, a nota do secretário-geral não falava nisso e sim em "libertação". As conversações entre Portugal e Indonésia na ONU, iniciadas pelos ministros Jaime Gama e Ali Alatas, estão hoje a cargo dos embaixadores Fernando Neves (Portugal) e Nugroho Wisnumurti (Indonésia).

No diálogo inicial, os ministros estabeleceram as bases do diálogo. A nível de embaixador, a discussão é sobre pontos bem concretos para viabilizar a negociação. Depois do último encontro de Gama e Alatas, os dois países chegaram a manifestar a esperança de que um acordo viesse a surgir até o fim de 1998 - o que não aconteceu.

E-mail: ahferreira@aol.com

ONU e Portugal pedem o fim da violência em Timor

NOVA YORK - As Nações Unidas e Portugal pediram ontem o fim da violência em Timor para não pôr em risco as negociações pela autonomia da ex-colônia portuguesa, promovidas pela ONU.

Os pedidos, que foram feitos separadamente, aconteceram assim que o representante especial da ONU, Jamsheed Marker, manteve intensas conversações com funcionários portugueses e indonésios interessados em chegar a um acordo para negociar a autonomia de Timor, que foi anexado em 1976 pela Indonésia.

O delegado português para as negociações, Fernando Neves, do ministério das Relações Exteriores, também demonstrou preocupação pela inquietação gerada pelo anúncio feito pela Indonésia na última quarta-feira, de que seria oferecida a independência à Timor caso a autonomia não seja aceita.

Diplomatas portugueses descrevem a situação de Timor, onde, aproximadamente 20.000 soldados indonésios ocupam o território, como extremamente perigosa e estão preocupados com o surgimento de grupos armados paramilitares.

Aparecido critica atuação do Brasil no caso do Timor

Embaixador diz que política para países lusófonos é vacilante e afirma que Portugal é mais ativo

• JACARTA e BELO HORIZONTE. O embaixador José Aparecido de Oliveira, criador da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), critica a atuação do Brasil na luta do Timor Leste para se tornar independente da Indonésia, que nesta semana ganhou um novo alento com a promessa de Jacarta de deixar o território livre se os timorenses rejeitarem a proposta de autonomia.

Aparecido acusa o chanceler Luiz Felipe Lampreia de desenvolver uma política externa sem ritmo e vacilante em relação não só ao Timor, mas também aos países de língua portuguesa da África. Para ele, a atuação da diplomacia brasileira atualmente está aquém das necessidades e da expressão internacional do país.

— A guerra civil em Angola continua sendo um grave desafio para a diplomacia brasileira. O país foi transformado num rio de sangue e temos feito pouco para acabar com a guerra — diz Aparecido.

Indonésia reafirma disposição de dar independência ao Timor

Segundo o criador da CPLP, Portugal é muito mais ativo que o Brasil nessa área. Ele sustenta sua crítica citando o caso de Guiné Bissau, na África, onde um cessar-fogo entre Governo e rebeldes foi conseguido por intermédio da CPLP.

— Enquanto o chanceler brasileiro fazia mediação de telediplomacia, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal foi à zona do conflito e, por medida de segurança, vestiu até colete à prova de balas — dispara o embaixador, que em fevereiro receberá em Lisboa o Troféu Lusofonia por sua atuação em defesa da língua portuguesa.

Aparecido ressalta que a presença brasileira na África de expressão portuguesa não deve apenas ser decorrência de uma colonização em comum, mas também de uma exigência política de

maior integração na área do Atlântico Sul. Em função disso, ele cobra do Governo brasileiro uma atitude mais firme e mais dinâmica no enfrentamento da crise na comunidade dos países de língua portuguesa.

Apesar das críticas à condução da diplomacia brasileira, Aparecido está otimista em relação ao Timor Leste. Ele acha que, graças à pressão internacional e à resistência dos habitantes da região, não vai demorar muito para que o Timor se torne o oitavo país de língua portuguesa no mundo. Para o embaixador, que mantém uma postura de desconfiança em relação ao novo Governo de Jacarta — “é o mesmo Governo de antes, de Suharto” — o sinal que ampliará a esperança para o Timor Leste será a libertação de Xanana Gusmão, o líder independentista preso desde 1991.

Em Jacarta, a assessora de política externa do presidente Jusuf Habibie, Dewi Fortuna Anwar, reafirmou a intenção do Governo de dar independência ao Timor Leste — invadido pela Indonésia em 1975 depois da retirada dos portugueses — se os habitantes do território recusarem a autonomia. Segundo ela, o novo país pode surgir até 2001.

Choques entre facções rivais levam milhares a fugir

A perspectiva de independência reavivou antigos conflitos entre independentistas e timorenses pró-Indonésia, causando choques entre as duas facções. Ontem houve pelo menos seis mortos. Cerca de seis mil pessoas, apavoradas com a violência, buscaram refúgio na igreja católica de Suai, a cem quilômetros de Díli, a capital.

O líder independentista Xanana Gusmão, preso em Jacarta, pediu um cessar-fogo, o desarmamento dos grupos rivais e o início da retirada das tropas indonésias, com cerca de 15 mil soldados no território. ■

Sexta-feira, 29 de janeiro de 1999 • 2ª edição

31

JACARTA

Milhares fogem de milícias pró-Indonésia no Timor

• O anúncio de uma possível independência do Timor Leste coincidiu com a fuga de quase quatro mil timorenses, aterrorizados por ataques de milícias favoráveis a que a ex-colônia portuguesa continue dominada pela Indonésia. Quarta-feira, a Indonésia admitiu pela primeira vez tornar o Timor Leste independente. Nas últimas três semanas, pelo menos 20 pessoas foram assassinadas na ex-colônia por grupos armados supostamente apoiados por militares.

Jacarta confirma prisão domiciliar de Xanana Gusmão e nega independência de Timor Leste

Mais de 90 morrem em choques entre religiosos na Indonésia

JAKARTA - Pelo menos 95 pessoas morreram nos enfrentamentos entre católicos e muçulmanos em Ambon (Leste da Indonésia), mas o balanço definitivo da violência poderá ser muito mais grave. O prefeito Philips Jekriel, porta-voz da Polícia da província das Molucas, cuja capital é Ambon, declarou ontem que, entre 19 de janeiro e 1º de fevereiro, foram encontrados os corpos de 95 pessoas. Essa cifra, que supera o balanço oficial anterior que era de 65 mortos, ainda está longe da realidade, segundo várias fontes.

Konta, organização não-governamental que foi a primeira a revelar, em maio do ano passado, em Jacarta, a violação sistemática das cidades indonésias de origem chinesa, declarou que dispõe de uma lista de 149 vítimas.

O balanço poderá ser muito mais grave e fontes indonésias confirmaram oficialmente que as estimativas estrangeiras, que assinalam várias centenas de mortos, são exatas.

As autoridades indonésias, por sua parte, tentam minimizar os danos causados pelos enfrentamentos religiosos que ocorreram em Ambon, cidade apresentada há várias semanas pelo presidente Jusuf Habibie como um modelo de coexistência entre as comunidades religiosas. Esta atitude teria por objetivo tentar evitar a propagação da violência.

O general Wiranto, comandante-em-chefe do Exército e ministro da Defesa, desmentiu as informações que assinalavam novos enfrentamentos em Ambon.

Em relação ao coronel Karyono, chefe da polícia de Molucas, citado pela agência oficial de notícias Antara, este

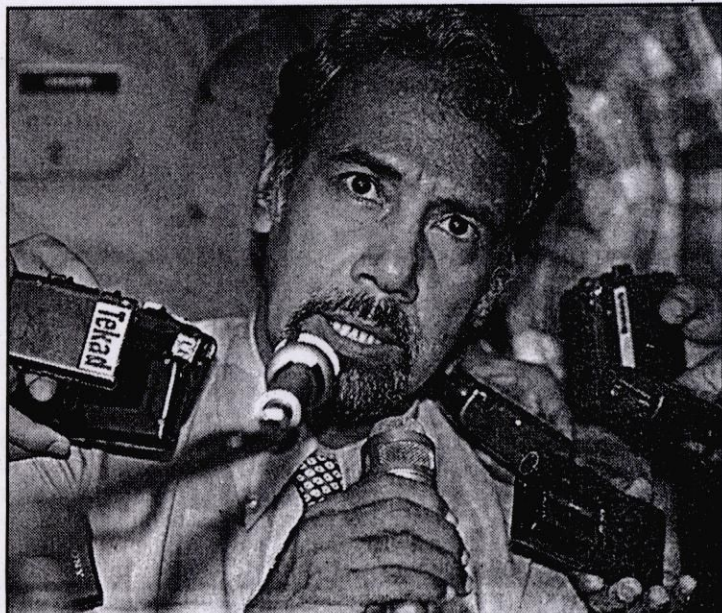
teria informado que os enfrentamentos causaram a morte de uma pessoa e dois feridos graves.

Durante os últimos meses multiplicaram-se os enfrentamentos em todo o país entre as minorias indígenas das diferentes ilhas, em sua maioria católicos, e os colonos muçulmanos chegados de outras regiões.

Este tipo de incidente foram assinalados nas últimas semanas, segundo a imprensa indonésia, em Molucas, Kalimantan, parte indonésia de Bornéu, assim como em Sumatra, nas Celebes e em Irian Jaya (Papuásia Ocidental).

Autonomia - A Indonésia disse que irá trabalhar para promover "uma grande autonomia" para o Timor Leste, mas afirmou que não pretende conceder qualquer independência rápida para o antigo enclave português. Segundo matéria publicada ontem no jornal International Herald Tribune, o ministro do Exterior, Ali Alatas, disse que houve uma má interpretação a respeito do assunto. "A Indonésia não pretende descartar o Timor Leste assim", disse Alatas.

Jakarta fez na semana passada o surpreendente anúncio de que poderia "deixar o território ir" (conceder a independência), abruptamente revertendo 23 anos de ferrenha oposição a qualquer sugestão de independência. "O que temos em mente é uma grande autonomia para o território", esclareceu Alatas. O governo indonésio confirmou informação da agência portuguesa Lusa de que o líder rebelde do Timor Oriental, Xanana Gusmão, vai ser transferido da prisão de Cipinang, em Jacarta, para uma prisão domiciliar, na próxima semana.



Xanana troca presídio em Jacarta por uma casa na próxima semana

Autonomia é conceito antigo do colonizador

Mário Augusto Jakobskind

Mais uma vez o governo de Jusuf Habibie volta atrás em declarações de grande repercussão. Desta vez, trata-se da questão de Timor Leste. Na semana passada, as agências divulgaram que o sucessor do ex-ditador Suharto estaria disposto a conceder a independência à ex-colônia portuguesa, ocupada pela Indonésia desde o final de 1975. As lideranças timorenses, o governo português e analistas independentes colocaram sob reserva as declarações. O Prêmio Nobel da Paz, José Ramos Horta mostrou-se cético quanto a se tornar concreto a suposta disposição. Agora, o governo indonésio tenta "esclarecer" a matéria e passa a falar apenas em "grande autonomia".

Toda vez que um país colonizador começa a ser pressionado para dar fim à ocupação de uma área, procura ganhar tempo. Não é incomum apelar para o conceito de "au-

tonomia", deixando de lado, no entanto, a questão principal, isto é, a decisão sobre a independência. Historicamente se sabe que os povos colonizados só conseguiram sua independência quando pegaram em armas ou então obtiveram o apoio da comunidade internacional. No caso de Timor Leste não poderá ser diferente. Cabe a comunidade internacional continuar pressionando o governo de Jacarta para aceitar a convocação de um plebiscito para que os timorenses decidam finalmente o seu futuro.

Além disso, não se pode esquecer que as autoridades indonésias são responsáveis pela morte de 200 mil mauberes (denominação dos habitantes de Timor Leste), numa população de cerca de 600 mil habitantes. Suharto e seus generais de confiança, para não falar dos familiares que se locupletaram em Timor Leste, continuam impunes. Resta saber por quanto tempo.

Xanana Gusmão deve ter papel relevante na questão timorense

JACARTA - Preso por liderar uma sangrenta guerrilha contra as forças indonésias em sua terra natal, José Alexandre Gusmão, Xanana Gusmão, deve desempenhar um papel crucial na determinação do futuro do Timor Leste. Sua transferência, que deve ser feita hoje, de uma cela da prisão de segurança máxima Cipinang, em Jacarta, para a prisão domiciliar, é considerada um marco na busca por uma solução pacífica para os problemas do território.

Grupos de direitos humanos alegam que milhares de timorenses morreram desde que a Indonésia invadiu o território 24 anos atrás. Eles acusam os militares de amplos abusos dos direitos humanos e atrocidades no território de cerca de 800.000 habitantes. Mais conhecido pelo codinome "Xanana", Gusmão, 52, foi preso em 1992 pelas forças indonésias, que acreditaram que sua detenção suspenderia a resistência armada no Timor Leste. Embora as autoridades indonésias o tenham tratado como criminoso comum e assassino, ele usou seu tempo atrás das grades para se tornar o mais famoso preso político da Indonésia.

Articulado e carismático, é sem dúvida a figura central da luta do Timor Leste para se tornar independente da Indonésia, que invadiu o território em 1975 depois de 400 anos de negligente governo colonial português. Manifestantes nas ruas da capital de Timor Leste, Dili, repetem seu nome e carregam seu retrato em protestos. Na prisão de Cipinang, carcereiros e presos gostam dele e ele se mantém saudável jogando futebol como capitão do time da prisão.

A concessão de prisão domiciliar para Gusmão ocorre em meio às negociações, patrocinadas pela ONU, entre a Indonésia e Portugal. Embora ainda um preso, ele certamente terá um papel central nas futuras conversações. Diferente de sua imagem como líder militar rebelde, Gusmão defende um cessar-fogo e um consenso como forma de progre-

Referendo é uma questão de tempo

Mário Augusto Jakobskind

Guardando-se as especificidades locais, Xanana Gusmão está para Timor Leste assim como Nelson Mandela em um determinado momento, nos estertores do apartheid, esteve para a África do Sul. Condenado à prisão perpétua, Mandela foi chamado por Frederik De Klerk para participar da transição que desembocaria no novo tempo da África do Sul. A história se sabe: Mandela virou presidente etc.

Líder popular em Timor Leste, Xanana foi também inicialmente condenado à pena perpétua, mais tarde comutada para 20 anos. Agora, na antevéspera do início de um novo tempo, querendo ou não a Indonésia, Xanana será chamado a desempenhar um papel relevante nas negociações que deverão culminar com a convocação de um referendo para determinar o futuro da ex-colô-

nia portuguesa. Timor Leste tornando-se independente, como acreditam a maioria dos observadores, Xanana deverá se tornar o principal líder timorense.

A história demonstra em inúmeras vezes que as situações podem mudar muito mais cedo do que se imagina. A derrubada do ditador Suharto e a crise econômica na Indonésia precipitaram a fase atual. A Indonésia de Habibie (o substituto de Suharto) ainda fala em autonomia, mas vai acabar se rendendo a realidade do referendo. É uma questão de mais dia menos dia. Ou seja, com liberdade o povo timorense será o principal juiz da história. Lamentável em tudo isso é que o domínio militar indonésio e as atrocidades cometidas por determinação de Suharto tenham durado tanto tempo. De qualquer forma, ainda está em tempo de não se deixar impune os atos de Suharto.

dir. Dedicar-se totalmente à negociação de um futuro para seu povo mas, apesar da enorme popularidade, disse que não pretende se tornar presidente de um Timor Leste independente.

Gusmão nasceu em 20 de junho de 1946 em Manatuto, 40 quilômetros a leste de Dili. Professor e pesquisador, Gusmão se tornou subchefe do Departamento de Informação de Timor Leste depois da súbita retirada de Portugal em 1974, o que originou uma breve guerra civil entre facções rivais. A Indonésia invadiu o Timor Leste em 1975 e o anexou como sua 27 província em 1976. Gusmão e outros fugiram para o interior, onde lançaram uma guerra de guerrilha. Sua mulher e dois filhos foram para a Austrália, onde ainda vivem. Gusmão assumiu o controle das forças rebeldes em

1981. Seu nome estava no topo da lista dos criminosos mais procurados da Indonésia.

Preso em 1992 na casa de um parente em Dili, onde se recuperava de uma doença, ele assustou os grupos pró-independência pouco depois declarando na televisão seu apoio à integração do Timor Leste à Indonésia. Em seu julgamento, em 1993, ele negou a declaração. Foi condenado à prisão perpétua e mais tarde teve a pena comutada para 20 anos de prisão pelo então presidente Suharto. Em 1997 o presidente sul-africano, Nelson Mandela, que passou 27 anos na prisão como preso político, visitou a Indonésia e teve um encontro com Gusmão. Pediu então sua libertação, mas Suharto ignorou o pedido, assim como outros semelhantes de outros países.

Presidente da Indonésia admite a independência de Timor Leste

JACARTA - O presidente indonésio, J.B. Habibie, declarou que é favorável à independência de Timor Leste e espera ver a questão resolvida antes do ano 2000 para que a Indonésia possa concentrar-se no desenvolvimento de suas 26 províncias. Habibie falava aos representantes da Câmara de comércio e indústria.

"Se pedissem uma sugestão ao meu governo, eu recomendaria simplesmente que se dê a independência a Timor Leste", afirmou durante uma reunião com representantes dos setores do comércio e indústria, no palácio presidencial.

Jacarta invadiu a região, ex-colônia portuguesa, em 1975, e anexou-a no ano seguinte como 27ª província indonésia. Essa "integração" nunca foi reconhecida pela comunidade internacional - a ONU ainda considera o território sob administração portuguesa - e um movimento guerrilheiro luta pela independência da região.

No mês passado, o governo indonésio anunciou estar disposto a aceitar a secessão caso a população timorense rechace o estatuto de autonomia que será proposto pelo governo e anteontem transferiu o líder do movimento rebelde, Xanana Gusmão, para prisão domiciliar. Ele cumpria desde 1993 pena de 20 anos de prisão por atentar contra a segurança do Estado e porte ilegal de armas.

Também ontem, um barco pesqueiro resgatou um homem que estava no navio indonésio que naufragou no sábado, com 325 passageiros e 7 tripulantes. Até agora foram salvas apenas 20 pessoas.

Punição de Suharto não deve ser esquecida

Mário Augusto Jakobskind

Para virar definitivamente a página de mais de 23 anos de ocupação de Timor Leste, o presidente indonésio, Josuf Habibie, terá cedo ou tarde que se posicionar sobre a punição de Suharto. Durante o período do ex-ditador deposto em maio do ano passado, Timor Leste foi vítima de um genocídio, segundo denúncias da Igreja Católica, através do bispo Ximenes Belo, Prêmio Nobel da Paz, e de organizações de defesa dos Direitos Humanos. Foram assassinados por tropas de Jacarta cerca de 200 mil mauberes (denominação dos habitantes de Timor Leste).

Habibie já se curva à realidade da independência da ex-colônia portuguesa. O processo nesse sentido deverá ser mais rápido do que se possa imaginar. Até poucos dias atrás, as autoridades indonésias falavam em autonomia para a sua "27ª província". E agora o presidente que ocupou o lugar de Suharto passa a admitir a independência de Timor Leste. Em todo este contexto o líder timorense Xanana Gusmão deverá ocupar um lugar de destaque, como previam há tempos muitos observadores. A mudança do líder timorense da penitenciária para uma casa, onde cumprirá prisão domiciliar, é sintomática.

Junaedi bin Sapin, de 37 anos, conseguiu sobreviver agarrando-se a uma tora. Os 311 desaparecidos provavelmente afogaram-se. Já o secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, disse que é preciso precaução e que ainda há "grandes barreiras" para a resolução política do problema do Timor Leste.

Annan foi perguntado sobre as preparações da ONU após os comentários feitos pelo presidente Habibie, que disse que é a favor da independência do Timor Leste até o fim do ano.

A Indonésia anunciou dia 27 de janeiro que a maioria dos habitantes do Timor Leste rejeita uma grande

autonomia e, por isso, Jacarta pretende dar independência total ao país. O pacote de autonomia está sendo colocado na mesa de negociações da ONU pelos portugueses, mas ainda não há acordo sobre como este plano será apresentado ao Timor Leste.

A Indonésia continua tendo voto e lugar permanente na ONU rejeitados, enquanto Portugal quer um referendo e o estabelecimento de uma missão da ONU no território.

"Apesar de tudo estou satisfeito com o progresso que fizemos. Eusou precavido e acho que ainda não dá para festejar. Mas acredito que estamos indo na direção certa," declarou Annan.

TRIBUNA
da imprensa

Quinta-feira, 11 de fevereiro de 1999

Líder do Timor Leste vai para prisão domiciliar

Xanana Gusmão diz que poderá transformar o território em nação

• JACARTA. O líder guerrilheiro da Frente Nacional para Libertação do Timor Leste, Xanana Gusmão, foi transferido ontem da prisão para uma casa em Jacarta. Ele ficará em prisão domiciliar, mas poderá participar das negociações para a independência do Timor, ex-colônia portuguesa dominada pela Indonésia desde 1975. A transferência de Gusmão, preso desde 1992, é resultado de uma longa campanha internacional por sua libertação e confirma a disposição do Governo da Indonésia de aceitar a desocupação da ilha.

O ministro da Justiça, Muladi, recebeu Gusmão na casa e disse que ele terá papel importante nas negociações sobre o futuro do Timor. Muladi afirmou ainda que poderá convidar a ir a Jacarta outro líder da resistência timorense, José Ramos Horta (Prêmio Nobel da Paz em 1996).

— Xanana está aqui não para ficar sentado, mas para trabalhar, para ajudar a resolver o problema do Timor — disse o ministro.

— Sinto que recebi uma missão muito pesada e tenho que cumpri-la. Por isso estou aqui. Conversando com timorenses de todos os lados, posso fazer do Timor Leste uma nação — afirmou Gusmão.

O líder, de 52 anos, disse que não pretende governar o Timor e pediu o fim imediato do conflito no território. Os 24 anos de domínio da Indonésia já resultaram na morte de um quarto da população do Timor.

Muro da casa teve altura aumentada para dois metros

Cerca de 40 estudantes agitaram faixas e gritaram "viva Timor Leste" quando Gusmão deixou a prisão, onde deveria passar 20 anos. Gusmão não poderá sair da casa de quatro cômodos, mas poderá receber visitas e telefonemas. Ele será vigiado por oito policiais. Antes de sua transferência, o muro da casa teve sua altura aumentada para dois metros.

A Indonésia vem enfrentando forte pressão internacional, que incluiu um pedido da ONU, para deixar Gusmão livre. No mês passado, o Governo surpreendeu o mundo ao admitir a independência do Timor no ano que vem. Decisão semelhante seria impensável durante o regime do ex-presidente Suharto. Autoridades indonésias e portuguesas se reuniram esta semana em Nova York para discutir uma solução para o Timor. O Governo indonésio rejeita a idéia de um plebiscito entre timorenses, argumentando que poderia levar a uma guerra civil. ■

JACARTA

Líder timorense sairá da cadeia

O Governo da Indonésia anunciou ontem que Xanana Gusmão, principal líder da resistência no Timor Leste, será transferido da cadeia para a prisão domiciliar, numa residência em Jacarta. Desde 1992, Gusmão cumpre pena de 20 anos por crimes contra a segurança do Estado e posse ilegal de armas. Sua transferência é parte de um acordo entre a In-

donésia e a ONU, na busca de uma solução para o problema do Timor, antiga colônia portuguesa ocupada desde 1975. Os chanceleres de Indonésia e Portugal deverão participar domingo e segunda-feira de negociações sobre a disputa da soberania do Timor, iniciadas na semana passada, em Nova York. A Indonésia já anunciou que pretende aceitar a independência da ilha.

pág 36

O GLOBO

04/02/1999

Albright defende presença de força internacional em Timor

Secretária de Estado americana se reúne com Xanana Gusmão

JACARTA - Os Estados Unidos desejam "uma presença internacional" em Timor Leste que reduza a possibilidade de uma nova onda de violência, declarou ontem, em Jacarta, a secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright.

Em um discurso pronunciado ante várias personalidades indonésias, Albright enfatizou que "uma transição muito abrupta poderá desencadear uma violência comparável à que ocorreu depois da retirada de Portugal, em 1975".

A secretária de Estado disse que apóia inteiramente a formação de um conselho para a paz e estabilidade como foi proposto por Xanana Gusmão, o líder separatista timorense

condenado a 20 anos de prisão e com quem se ela reuniu ontem.

Também destacou que é "urgente estabilizar a situação desarmando todas as forças paramilitares, uma proposta de Xanana Gusmão que foi apoiada pelo general Wiranto, comandante-em-chefe do Exército indonésio.

No mês passado, Gusmão apresentou um plano que incluía o desarmamento das milícias timorense, paralelo a uma retirada progressiva - e sob supervisão de uma força internacional - do Exército indonésio.

Segundo um de seus colaboradores, Albright mostrou-se muito satisfeita pela posição do presidente indonésio, Jusuf Habibie, sobre o procedimento que deveria ser aplicado se os timorenses escolherem a independência.

Albright também indicou que, a seu ver, a ONU deverá desempenhar o papel de "principal

interlocutor" nesse processo, sempre de acordo com esse colaborador. A secretária de Estado, que se entrevistou com Gusmão no Ministério das Relações Exteriores, mostrou-se "muito impressionada" com o líder timorense, acrescentou a mesma fonte.

O governo indonésio se opõe categoricamente à organização de um referendo. Gusmão assinalou que se poderia escolher representantes de cada distrito do território, que depois se reuniriam e tomariam decisões, apesar de esclarecer preferir a realização de um referendo.

O dirigente separatista afirmou que "esse período de transição poderá durar vários anos antes de Timor Oriental ser suficientemente forte para continuar seu caminho sozinho", acrescentou o colaborador de Albright.

Autonomia parcial

Finalmente ontem a Indonésia aceitou realizar o plebiscito popular sobre a autonomia de Timor Leste. A teoria indonésia não é de total independência da ilha, mas de uma gestão onde Timor seria autônoma em determinados aspectos, mas continuaria de alguma forma vinculada à Indonésia, como na parte de política externa. Quem vai organizar o plebiscito é a ONU, mas ainda não tem data marcada.

ANO L - Nº 14.998

Rio de Janeiro

Sábado e domingo, 13 e 14 de março de 1999



Plebiscito

Timor Leste vai dizer, pelo voto, se quer ser ou não independente da Indonésia. Foi o que acertaram ontem os representantes de portugueses e indonésios, depois de muitos dias de debates na sede das Nações Unidas.

O secretário-geral Kofi Annan trabalhou intensamente por esse resultado. (Página 10)

TRIBUNA
da imprensa

INTERNACIONAL

Muçulmano denuncia 'limpeza étnica' em ilha da Indonésia

que entre milhares de pessoas na cidade de Ambon, capital da ilha.

As denúncias do religioso muçulmano foram interpretadas pela Comunhão das Igrejas da Indonésia (PGI) como uma tentativa de aumentar o ódio religioso em Ambon. "Nós rejeitamos firmemente enquadrar os choques em Ambon como sendo uma limpeza étnica de um grupo religioso em particular", afirmou a PGI em um comunicado.

Para o PGI, depois que os conflitos começaram, em 19 de janeiro, "as pessoas não sabem mais porque estão matando umas as outras". De acordo com números oficiais e testemunhas, mais de 200 pessoas morreram em dois meses de conflitos. E, de acordo com Souliissa, mais de 50.000 muçulmanos já abandonaram a ilha.

A mesquita de Souliissa é uma das mais importantes da ilha de 400.000 habitantes. Os muçulmanos representam 40% da população local, enquanto que os cristãos perfazem os outros 60%. A maioria dos muçulmanos de Ambon é formada por migrantes vindos de outras partes da Indonésia. Os conflitos em sua maioria são entre esses migrantes e os cristãos amboneses.

JAKARTA - Abdullah Souliissa, um conhecido clérigo islâmico da ilha indonésia de Ambon, afirmou ontem que a violência em sua região constituiu uma limpeza étnica de muçulmanos - uma denúncia veementemente negada por líderes católicos.

Souliissa, que é chefe da Fundação Mesquita Al-Fatah de Ambon, afirmou também que a quantidade de mortos conhecida é totalmente imprecisa e que o número de assassinatos já está na casa dos milhares.

"Milhares já morreram, não centenas", afirmou Souliissa, sem divulgar o número exato. Segundo ele, "serão necessárias duas gerações para cicatrizar as feridas abertas em apenas dois meses de conflitos" entre cristãos e muçulmanos.

"Trata-se de uma limpeza étnica. Parece que os muçulmanos estão sendo forçados a abandonar o lugar", disse ele durante uma entrevista coletiva organizada em Jacarta pelo Partido Lua e Estrela, um grupo político muçulmano.

Souliissa estava falando enquanto a região aparentemente retornava à normalidade de recentes conflitos, que deixaram 10 mortos ontem durante um cho-

Timorenses irão mesmo decidir o seu futuro

riam participar, também, os timorenses que moram em outros países, ainda não foram fechados pelos dois países, na discussão do futuro do Timor Leste.

A data da consulta e seus respectivos procedimentos deverão ser determinados no próximo mês, em Nova York, por representantes de Portugal, que governou o território até 1975, e pela Indonésia, que o anexou no ano seguinte, sem o reconhecimento da ONU. O líder da resistência e Prêmio Nobel da paz, José Ramos-Horta, que se auto exilou na Austrália, afirmou ontem que 90% dos timorenses rejeitariam o poder indonésio sobre o território.

Isso, caso lhes fosse permitida uma escolha livre, sem a sombra de uma forte presença militar. "As Nações Unidas têm de estar presentes, uma força policial tem de estar presente, para garantir que não haja coerção", disse Ramos-Horta, em Sydney. Por outro lado, o líder pró-Jacarta,

Filomeno de Jesus Hornay, acredita que o voto direto poderia dividir ainda mais o já traumatizado território: "O voto direto resultará numa situação onde um grupo vencerá e um outro perderá", afirmou ele.

DILI - Depois de 23 anos de uma administração brutal e sangrenta, a Indonésia concordou em dar aos timorenses aquilo que por tanto tempo lutaram: um voto sobre o seu futuro. Mas havia pouca celebração ontem, na ex-colônia portuguesa. Na sede das Nações Unidas, em Nova York, Lisboa e Jacarta concordaram, ontem, em que a população de Timor Leste decidirá no voto se aceita ou não, o plano que lhe concede ampla autonomia em relação à Indonésia.

O acordo foi anunciado pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Em Dili, capital do Timor Leste, os residentes receberam a informação de Nova York com cautela. Líderes pró-independência expressaram ceticismo e legalistas pró-Jacarta demonstraram temor de uma possível volta da guerra civil. O líder independentista, Xanana Gusmão, comemorou a realização do voto, mas lembrou que vários detalhes do acordo ainda não foram divulgados.

"É o que nós tanto procuramos - um processo de consulta democrático", disse ele. "Mas não sabemos nada, ainda, porque não conhecemos os detalhes de seu mecanismo". Os detalhes logísticos da votação, da qual pode-

16-3-98 TIMOR

Diplomacia por fora

Timor Leste, a ex-colônia portuguesa invadida pela Indonésia, terá "embaixada" em Brasília.

Para irritação do Itamaraty, o governador Cristovam Buarque aceitou em Lisboa o pedido do timorense Ramos Horta, Prêmio Nobel da Paz.

O "embaixador" vem em maio.

21/6/98 - O GLOBO p. 44

JACARTA

Habibie faz exigência para libertar Gusmão

• B.J. Habibie, presidente da Indonésia, propôs ontem libertar o líder rebelde José Xanana Gusmao caso a comunidade internacional reconheça a soberania de Jacarta sobre Timor Leste. Em entrevista à imprensa australiana, o dirigente, que assumiu o governo mês passado com a deposição de Suharto, disse que retiraria os soldados da ex-colônia portuguesa, anexada pelos indonésios em 76.

p. 42 28/6/98

DILI, Timor Leste

Morte por bala perdida provoca protestos

• Milhares de manifestantes pró-independência de Timor Leste enfrentaram ontem tropas da Indonésia, durante uma passeata de protesto por causa da morte de um rapaz de 21 anos. O rapaz fora atingido por uma bala perdida durante um choque anterior e os manifestantes tentaram levar seu caixão até o interior da sede do Governo. Os soldados usaram gás lacrimogêneo para dispersar a multidão.

25/06/98 - O GLOBO p. 35

JACARTA

Indonésia se compromete a retirar tropas do Timor

• O bispo timorense Carlos Felipe Ximenes Belo, prêmio Nobel da Paz, reuniu-se ontem pela primeira vez com o novo presidente da Indonésia, B.J. Habibie, e saiu otimista do encontro. Segundo Belo, a Indonésia comprometeu-se a retirar gradualmente tropas de Timor Leste, mas não quis dar detalhes do que foi acordado. O bispo elogiou Habibie, dizendo que era uma pessoa muito amável, simpática e aberta. O Timor foi ocupado em 1975 por tropas indonésias.

LISBOA

Ximenes Belo comemora acordo para Timor Leste

• O bispo de Dili, Carlos Ximenes Belo, ganhador do Prêmio Nobel da paz de 1996, considerou o acordo fechado entre Indonésia e Portugal sobre a autonomia do Timor Leste o início do processo de autodeterminação da ex-colônia portuguesa na Ásia. Ximenes Belo insistiu, no entanto, na necessidade de que os líderes da resistência timorense participem de futuras negociações. O bispo referiu-se especificamente a Xanana Gusmão, preso desde 1992 na Indonésia.

07/08/98 p. 34

p. 54, VEJA, 22/7/98

Notas inter



A Paz, aos poucos — Os habitantes de Timor Leste aproveitaram o 22º aniversário da anexação pela Indonésia para uma semana de protestos. A tensão só diminuiu na sexta-feira, quando Indonésia e Portugal formaram comissões para estudar uma solução pacífica para o conflito.

BAUCAU, Timor Leste

p. 28 30/6/98

Tropas indonésias matam no Timor

Tropas da Indonésia abriram fogo contra manifestantes que pediam a independência do Timor Leste, matando uma pessoa na hora. O incidente aconteceu no momento em que três embaixadores europeus chegavam à cidade de Baucau para conversar com o bispo local sobre a situação política desta antiga colônia portuguesa. Os manifestantes aproveitaram a

presença dos representantes da Grã-Bretanha, da Áustria e da Holanda para gritar slogans contra a Indonésia, que ocupa militarmente a região. Os soldados dispararam contra a multidão em frente à catedral da cidade, onde os embaixadores se reuniam com o bispo Basílio do Nascimento. Um rapaz de 20 anos morreu na hora e outros cinco manifestantes ficaram feridos a bala.

O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR LESTE

(Comunicação apresentada no Congresso Internacional da Língua Portuguesa Migrante / Percursos da Língua Portuguesa, promovido pela Sociedade da Língua Portuguesa em homenagem ao Prof. Dr. Luís Filipe Lindley Cintra, ocorrido nos dias 16,17 e 18 de Setembro de 1992, em Lisboa.)

Saúdo todos os presentes.

"O José tem um bala na barriga."

Uma expressão de "Lusofonia" – esta frase real de uma criança de oito anos, algures em Timor Leste.

Como ponto prévio, diga-se que não sendo este encontro lugar para dar vivas, morras, exacerbar paixões políticas ou humanitárias, todavia é tecnicamente impossível falar de Timor Leste e de futuros sem ter em conta a actual situação de ocupação militar, de guerra instalada no território, imposta pelas tropas da República da Indonésia, a qual vitima os autóctones ou, como há quem prefira dizer – o povo maubere.

É um facto que a História promove ou atrofia a expansão de qualquer língua.

Por outro lado, falar do futuro de uma língua em um território implica conhecer as realidades, quer a social, quer a linguística, ainda outras, igualmente as linhas da planificação e decisão políticas, que permitirão, finalmente, a realização técnica da difusão ou conservação do idioma.

Divide-se a exposição nas seguintes partes:

- Esboço de Um Enquadramento (acompanhado com diapositivos).
- O Português em Timor Leste.
- Haverá Futuro?
- O Futuro Constrói-se.

Adiante, pois.

Esboço de Um Enquadramento

[– Diapo.# 1,2,3 *]

(1) Timor Leste encontra-se na Insulíndia e a norte da Austrália. É cruzado pelo paralelo 9.º S. e pelo meridiano 126.º E. de Greenwich**.

Timor Leste abrange a "metade oriental" da ilha de Timor, o enclave de Oé-Cussi na "metade ocidental", a pequena ilha de Ataúro e o ilhéu Jaco. Na globalidade o território ocupa uma área de cerca de 18 900 Km², dimensão equivalente, grosso modo, à da superfície de Portugal a norte do rio Douro.

[– Diapo.# 4]

Timor Leste, que segundo a O.N.U. e o Direito Internacional é um território não autónomo sob administração portuguesa, tem fronteiras terrestres e marítimas com a República da Indonésia e com a "Commonwealth of Australia".

[– Diapo.# 5, 6]

(2) O povo de Timor Leste é considerado de origem malaia e melanésia. Composto por um conjunto rico de grupos etnolinguísticos, ele distribuía-se ao longo e através de todo o território, pelo menos até 1975, de acordo com uma organização/estruturação social tradicional e antiga.

[– Diapo.# 7, 8, 9]

(3) Esses grupos etnolinguísticos – que partilham entre si uma mesma civilização material de matriz austronésia – conforme a classificação de António de Almeida & Ernest Westphal, montam a 31 e distribuem-se configurando 6 agrupamentos.

Os idiomas leste-timorenses, enquanto ramos de famílias de línguas, são associados – uns com as línguas austronésias (ou "malaio-polinésicas"), outros com as línguas papuas (ou "indo-pacíficas" ou, ainda, neste contexto, "não-austronésicas"). [Há quem opine que esta distribuição por famílias de línguas deve considerar três famílias e não duas apenas. Mas, por enquanto,

* Esta comunicação é ilustrada e complementada por um conjunto de diapositivos que não reproduzimos neste livro, porém os seus conteúdos equivalem, mais ou menos, ao de mapas incluídos neste volume.

** Para quem tem uma ideia do mapa de Timor, imagine-se para aproximação uma linha horizontal por Bobonaro, Ainaro, Same ("Manufahi") ou Alas e uma linha vertical por Manatuto ou Cribas.

preferimos deixar a questão assim, apresentando só dois grupos de línguas.]

[– Diapo.# 10, 11, 12]

Esta espécie de mosaico linguístico explica-se principalmente por Timor (e a Insulíndia toda) ter sido parte das rotas de migrações várias.

(4) Hoje, devido à destruição de povoados pelo exército da República da Indonésia, ao genocídio cometido (por exemplo, haverá casos de povoações maiores cuja população terá sido dizimada em 90%) e à deslocação e reunião forçadas de habitantes com línguas maternas distintas – é provável que alguns grupos etnolinguísticos tenham desaparecido do mapa, literalmente.

[– Diapo.# 13]

(5) O antes referido levou a uma maior expansão do idioma tétum, que já funcionaria como língua franca no território antes do estabelecimento da suzerania portuguesa nele.

Atualmente, consta que até a zona extrema oriental de Timor Leste – que antes da invasão indonésia tinha preferência por usar o português como língua segunda – se abriu à expansão do tétum.

Este, sem entrar em matizações importantes, podemos dizer que existe em duas "qualidades" – uma, enquanto língua materna de regiões determinadas, outra, enquanto forma veicular na generalidade do território.

(6) A língua portuguesa, arribada a Timor no terceiro lustro do século XVI, com a permanência tornou-se uma das línguas faladas na ilha e pode considerar-se mais outro idioma leste-timorese (pelo menos enquanto os naturais o desejarem e conhecerem).

Mas a sua presença nunca foi tão ampla que permitisse, por exemplo, a um certo autor do Estado Espanhol, numa espécie de catálogo das línguas do Mundo, editado há tempo, escrever que a língua de Timor Oriental era o português e ignorar as línguas aí previamente existentes.

Aliás, segundo informações respeitantes ao antes da invasão de 1975, em termos de comunicação na maioria do espaço e entre pessoas de línguas maternas diferentes, o tétum era usado na generalidade das situações quotidianas, enquanto a língua portuguesa se empregava no momento em que se requeria escrita ou em actividades relativas a determinados fins de ordem cultural ou administrativa.

(7) O conflito existente em "Timor Loro Sa'e", i.e. Timor Leste, apresentou até aqui uma política indonésia conducente à destimorização dos naturais da terra. Esta política inclui uma vertente linguística – que se traduz na imposição do idioma designado "bahasa indonesia", uma variante do malaio, e na perseguição do uso do tétum e do português.

(8) A tentativa de imposição do "bahasa indonesia" e dos valores sociais indonésios tomou como alvo, também, a vida religiosa católica dos leste-timorenses.

Seja tomado apenas como um gesto intranscendente, consequência do desenvolvimento da pastoral, ou dê-se-lhe outra leitura (devo referir que já desde longa data o tétum e algumas outras línguas locais eram as línguas de catequese e pregação), em 1980 oito sacerdotes nativos de Timor Leste reuniram-se e traduziram para tétum o Missal Romano, o Ordinário da Missa e os rituais dos Sacramentos.

Em 1981 o Núncio Apostólico em Jacarta divulgou a aprovação de Roma para o uso do tétum nas celebrações litúrgicas e ele próprio disse a missa nessa língua.

O Português em Timor Leste

Para quem deseje uma indicação bibliográfica acessível que apresente as observações de uma pessoa informada e com considerável estada em Timor Leste versando a presença da língua portuguesa no território até aos primeiros anos da década de 1970 indicaria o texto "Timor: Notas Histórico-Linguísticas" de Luís Filipe Reis Thomaz, inserto na revista *Portugaliae Historica*, vol. II, de Abril de 1974, publicada pelo Instituto Histórico Infante Dom Henrique, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Segundo o referido autor a presença do português era sobretudo sensível na cidade de Díli, a capital; sendo muito menor a presença da língua, menor a frequência de uso, em outros lugares. Afirma ele que 5% a 10% dos naturais saberiam falar, ler e escrever o idioma; supõe que 15% a 20% da população leste-timorense entenderia e falaria o português, ou seja, um sexto a um quinto dos habitantes.

Quanto à caracterização do idioma e sua presença prolongada na terra, citamos (págs. 253 e 254):

"O português falado em Timor não apresenta particularidades dialectais dignas de nota; apresenta, contudo, algumas particulari-

dades vocabulares interessantes. Essas particularidades vocabulares referem-se, sobretudo, a nomes de plantas, animais e produtos da região, e, em menor medida, a usos, costumes, crenças e instituições da população nativa.

"O mais curioso é que a maioria dos vocábulos próprios do português de Timor não foi tomada aos dialectos timorenses mas a outras línguas asiáticas, especialmente ao malaio. Muitos deles, aliás, embora não sejam hoje utilizados no português de outras regiões, ocorrem nos nossos clássicos quinhentistas, como João de Barros, Fernão Mendes Pinto, etc. Este facto mostra que, apesar de a difusão do português em Timor ser restrita, e exígua a fixação de portugueses na ilha, há uma certa continuidade no uso da nossa língua – sem o que seria impossível a persistência de vocábulos correntes no português quinhentista e depois caídos em desuso nas outras regiões."

Actualmente, ninguém, sequer os leste-timorenses, se atreve a avançar uma estimativa sobre quantas pessoas saberão falar português.

Há testemunhos que indicam ter sido preocupação e tarefa militar indonésia acabar com, ou intimidar e controlar apertadamente, os letrados formados no sistema educativo colonial português. E "letrados" neste contexto pode significar "professor-catequista", "professor de posto escolar", "enfermeiro", ou, simplesmente, ser possuidor do equivalente ao que hoje chamamos 3º ou 4º anos da escolaridade básica...

Actualmente, após ter sido imposto, na sequência do massacre de 12 de Novembro de 1991 no cemitério de Stª Cruz, o encerramento do Externato Católico de São José, de Díli, do qual a população escolar ou boa parte dela – continua "desaparecida" e se desconhece se está viva ou morta, não se ensina português em qualquer estabelecimento de ensino.

Em Díli, no dia a dia, as pessoas têm medo de falar português, pois revelar certos conhecimentos deste idioma conota, para os indonésios, o falante com a guerrilha; falar português faz nascer ou agravar qualquer suspeição de anti-anexionismo, de independentismo. No chão do povo maubere, a língua portuguesa, utilizá-la, tem tido um significado particular. Que diferencia o caso de Timor Leste dos casos dos actuais P.A.L.O.P. e do Brasil.

Os leste-timorenses têm usado a língua portuguesa como emblema, como bandeira de guerra, como sinal de luta, sinal de oposição.

[– Diapo.# 14]

A juventude resistente, nas manifestações em que arrisca tudo, para surgir perante o Chefe da Igreja de Roma, diplomatas ou jornalistas estrangeiros, apresenta cartazes em inglês e em português. Também temos conhecimento de alguma imprensa clandestina da Resistência Maubere redigida em português. Concretamente, uma rede estudantil que actuava em Timor, Bali e Java, que recentemente sofreu numerosas prisões, nas suas actividades usava três idiomas: o tétum e o português para uns sectores e o "bahasa indonesia" para interpelar a sociedade indonésia e para fins de cooperação com sectores indonésios oposicionistas ao regime vigente em Jacarta.

Pessoalmente, temos encontrado ou sabido de leste-timorenses que conseguem chegar a Portugal, seja ao abrigo de algum programa com o concurso da Cruz Vermelha Internacional, seja clandestinamente através de fuga, passaporte falso e suborno de funcionários do ocupante. Chegam leste-timorenses, dizia, que apresentam níveis muito diferentes de domínio da língua portuguesa, incluindo o nível de desconhecimento. I.e. eles têm dificuldade em exprimir-se em português ou não o fazem.

Alguns professores dos ensinos básico e secundário poderão falar de diferentes situações de capacidade de expressão ou compreensão que têm encontrado.

Acreditamos que a perseguição linguística em Timor Leste pode ter sucesso a breve ou médio prazo, se não se alterar a situação política e bélica, conseguindo de facto a erradicação do português da terra e das mentes.

Razões para afirmar a morte da língua portuguesa são:

– O meio é tão pequeno que não é, mesmo querendo, possível manter uma escolarização clandestina e paralela; muito difícil ainda alimentar a circulação clandestina de edições em português; poucas famílias poderão e saberão ensinar/conservar o português em casa.

– Alguns mauberes receiam mesmo pela saúde do tétum. Antigamente, o tétum veicular ia buscar "empréstimos" ao português, os quais eram identificáveis sem esforço maior; hoje, provavelmente, estará recebendo-os do "bahasa indonesia", que até é uma língua aparentada.

– Acresce que o regime militar indonésio tem, por alegadas razões económicas e demográficas, mas também por razões de segurança e estabilidade do regime, uma política de migrações entre

ilhas. Não é casual que nos destinos destas migrações, em especial de javaneses, estejam os territórios com evidentes manifestações de rebelião como sejam Samatra e Timor Leste. No caso deste último, sabemos que determinados naturais são afastados para outras ilhas do arquipélago. Inclusivamente haverá casos de que se fala muito pouco e cuja frequência se desconhece de militares indonésios que, findas as comissões na ilha, roubam crianças aos pais leste-timorenses. Promover o desequilíbrio entre grupos populacionais é um instrumento do estado.

Haverá Futuro?

O futuro linguístico depende do futuro político, depende da solução que os responsáveis portugueses, indonésios, leste-timorenses e outros, da às vezes chamada "comunidade internacional", acordarem para pôr fim ao conflito actual.

No meu entender o idioma português só terá futuro em Timor se a solução política que eventualmente se venha a acertar permitir que a língua portuguesa seja língua da administração do aparelho de estado e língua das escolaridades básica e complementar.

Isto deve conjugar-se com o princípio geral de que uma língua se afirma pacificamente entre gentes se lhes permitir viver melhor ou ter "status".

Sei que diferentes forças políticas leste-timorenses apostam por um Timor Oriental parceiro dos demais territórios que integram a chamada "Lusofonia". Tal como os jovens mauberes que escrevem poesias em português, às escondidas, em Díli, Bali ou Java. Tal como os autores mauberes publicados por Moçambique e Angola. Tal como os artistas mauberes que no "Dia da Língua" a Televisão da Galiza apresenta com eficiência e clareza e sem se engasgar politicamente, levando-os a vários continentes juntamente com vedetas de renome internacional numa emissão de luxo. Tal como os mauberes refugiados na Austrália e na Europa que assinam os textos com pseudónimos, pois receiam que os familiares em Timor sofram represálias.

Aparentemente, conforme o que o futuro relativamente próximo traga, futuro para a paz, entenda-se, a "Administração de/em Timor Leste", da qual desconheço que forma terá e a que poderes obedecerá, desconheço se será uma solução "transitória" ou "definitiva", teria de considerar qual o espaço nos planos de organização

do sistema educativo escolar e extra-escolar de cada uma das línguas de um leque de pelo menos quatro – o tétum (língua veicular já afirmada entre a maioria dos grupos etnolinguísticos de Timor Leste muito antes de existir, por exemplo, essa entidade que é a República da Indonésia; o idioma sentido como "a língua nacional" por muitos naturais), o inglês, o português e o "bahasa indonesia" – que é uma variante do malaio, que tradicionalmente é a língua franca no comércio marítimo entre ilhas.

Aqui é oportuno dizer duas coisas:

– Uma solução administrativa que tolere uma ou duas respeitáveis escolinhas, oficiais ou oficiosas, de língua e cultura portuguesas não parece suficiente para aproximar Timor Leste da "Lusofonia". No máximo talvez se desse um fenómeno semelhante ao que se verifica com o espanhol nas Filipinas, em que o idioma ibérico funciona como marca de distinção entre determinados círculos exclusivistas nas "élites".

– Pelo menos no reino das teorias, deveria ser o povo maubere a decidir com que idioma ou idiomas quer coser o seu futuro...

O Futuro Constrói-se

Se acreditamos que há uma possibilidade de futuro com paz, futuro com respeito pelo povo maubere, e que nessa paz, paz de vivos, haverá um espaço para falar ler escrever português, esse espaço de "Lusofonia" deve construir-se agora, mesmo no exterior.

Nessa construção/solidificação da lusofonia timorese há lugar para actividades de indivíduos e para actividades institucionais.

Há lugar para (I) trabalhos práticos de investigação, (II) actuação concreta junto da Diáspora Leste-Timorese desenvolvendo o seu domínio do português e capacidades profissionais, (III) estreitamento de laços entre a intelectualidade e meios académicos lusófonos e os sectores leste-timorenses organizados, desenvolvendo projectos lado a lado, sem paternalismos.

I.

Uma vez que o português em Timor Leste terá de ensinar-se como língua segunda, seria de toda a conveniência a investigação do tétum.

Isto envolve coisas como: avaliação dos materiais e estudos portugueses ou estrangeiros realizados sobre o tétum; incentivar investigadores a debruçarem-se sobre esta língua e a construir uma descrição moderna e tecnicamente válida do idioma; identificação de peculiaridades do tétum que tornem possível referenciar quais as zonas da gramática portuguesa que serão mais difíceis de dominar por um falante de tétum (língua autônésia, tal como a maioria das línguas de Timor Leste e considerada pelos naturais como a língua da generalidade do povo, a qual é, sem dúvida, a língua de toda a Diáspora – incluindo os jovens nascidos nela).

Em Portugal, hoje, parece que não estamos muito habituados a abrir linhas de investigação autónomas sobre línguas africanas ou asiáticas, mas creio que a afirmação da língua portuguesa também passa por esse tipo de estudos.

II.

Acompanhamento especial, até por objectivos de médio e longo prazo, da escolarização da comunidade leste-timorese em Portugal. Neste ponto considere-se:

– Que a comunidade é pequena e relativamente pouco dispersa (formam-na entre 2000 a 2500 pessoas, com assentamentos principais em três ou quatro localidades).

– Que a haver uma solução de paz, estima-se que a maioria voltará para Timor. Não seria muito ambicioso que o Estado Português cuidasse de que mil jovens e adultos regressassem com um bom domínio da língua portuguesa, à parte de possuidores de capacidades profissionais utilizáveis numa terra como Timor Leste. Numa sociedade com dimensões pequenas este número modesto de um milhar pode ser muitíssimo significativo. Aliás, talvez não seja descabido recordar que o número de europeus e assimilados em Timor Leste sempre foi reduzido, e eram principalmente eles que afirmavam o português enquanto língua "de cultura e de administração" no território. Embora o tétum tenha determinados recursos para formação de novos termos e expressões, não está em condições de responder às necessidades linguísticas reveladas pela gestão de um estado de tipo moderno.

– O acompanhamento activo da escolarização dos jovens da comunidade justificaria a reunião numa pequena equipa de uma série de pessoas vividas em Timor, algumas já funcionárias do

Ministério da Educação e ligadas a vários graus de ensino, que conhecem o tétum e o português e a psicologia timor. Estas pessoas, as quais são docentes, juntamente com outros técnicos poderiam delinear um plano de trabalho realista.

Devo fazer três observações:

1) O Estado Português está consciente da necessidade de valorizar a Diáspora Leste-Timorese – exemplo disso é a lei 63/91 que a Assembleia da República aprovou normalizando o regime de acesso dos estudantes leste-timorenses ao ensino superior.

2) Por outro lado assistimos a situações em que os recém-chegados, legalmente ou em clandestinidade, vêem os seus estudos reconhecidos sem maior dificuldade, mas são imediatamente integrados na escolaridade normal portuguesa, mesmo quando por vezes só falam tétum e "bahasa". Parece que se justificaria um ano de imersão linguística, antes da integração no meio escolar habitual...

3) É objecção fácil a que consiste no asserto de que não se pode lançar um programa linguístico apenas para a Diáspora de Timor, pois o mesmo direito assistirá a africanos e outros, que somam largos milhares de pessoas.

Refuto a objecção dizendo que o caso do leste-timorese é diferente: trata-se de um indivíduo juridicamente sob administração portuguesa, que por força de um exército estrangeiro, que o coloniza e não o deixa assumir-se democraticamente, é impedido de, é perseguido por, aprender ou usar o idioma de Portugal, do estado que o administraria, pelo menos até ter lugar um processo de autodeterminação, quiçá processo de independência.

Quanto à Diáspora na Austrália, faltam-me elementos para atrever-me a dar ideias. Sei que algumas famílias leste-timorenses cultivam o português em casa; alguns boletins são editados em português e tétum; pelo menos uma das associações dos 14000 leste-timorenses que estão espalhados por várias, e distantes entre si, cidades australianas emite programas de rádio e mantém uma "oficina de escrita" para despertar vocações literárias – mas acredito que desenvolvam principalmente o inglês, necessidade diária.

Desconheço se existe uma interacção dinâmica entre os lusos emigrados e os leste-timorenses refugiados que aumente o interesse por dominar bem o português entre estes.

III.

A lusofonia em Timor Leste depende também dos laços e actividades conjuntas que os chamados "intelectuais" e as entidades académicas lusófonos saibam e queiram construir com os sectores leste-timorenses organizados ou com instituições vocacionadas para a afirmação da identidade e expressões culturais do território.

Por vezes há vontade de fazer ou estudar coisas, mas desconhece-se um interlocutor. Visto ser a questão de Timor Leste no seu conjunto tão difícil e dado estarem nesta sala docentes ou estudiosos, atrevo-me a dar uma referência, por saber que progressivamente vem crescendo em credibilidade e tem acordado colaborações concretas com mauberes e não-mauberes, com responsáveis das várias cores representadas no parlamento, com instituições importantes deste país (além de instituições estrangeiras), incluindo universitárias e organismos vários do Estado da República Portuguesa, refiro-me à *FUNDAÇÃO AUSTRONÉSIA BORJA DA COSTA****, com sede em Lisboa. Dedicada à defesa da História e Cultura de Timor Leste, entre outros projectos de diversificada natureza, teve a coragem de avançar com uma revista única no mercado cultural, porque dedicada à temática timorense, numa perspectiva pluri-disciplinar, chamada *CORAL* – que nos recorda o mar e pode projectar Timor Leste junto dos meios culturais de Portugal, P.A.L.O.P., Brasil e Galiza.

Ajudar a desenvolver os projectos arrojados e culturalmente combativos – ensinam os exemplos de alguns dos maiores das Letras e da Linguística na "Lusofonia" – é labor meritório e digno das cátedras...

[Diapo.# 15]

Os oradores rituais dessa ilha que inicialmente foi um sáurio vogando mar afora com um petiz no dorso – "Lafaek nakfilak Rai Timor": "crocodilo que se fez Timor" – recordam um ditado tétum com o qual termino.

***Em 1994, ao tempo da preparação deste livro, não queremos deixar de mencionar ainda a biblioteca municipal lisbonense especializada em, ou melhor, dedicada a, material respeitante a Timor conhecida pela indicação "*ESPAÇO POR TIMOR – biblioteca, animação, encontro*". Estas referências damos-las por nos parecerem as de mais fácil acessibilidade pública em função da natureza das instituições e da situação dos seus locais próprios. O "Espaço Por Timor" é muito facilmente localizável pois encontra-se junto à Assembleia da República Portuguesa, na Rua de São Bento, n.º 182.

"Birus tetek;
Luriku tetek;
Ruas semu hamutuk,
Mesa lain kmurak."

Na tradução literal de Artur Basílio de Sá reza assim:

"Os pássaros juntos,
os Loricos juntos
todos voam,
com suas asas doiradas."

Hei dito.

Indicações Bibliográficas

NOTA. -Tomando em conta a particular intenção de tentar realizar com este livro um instrumento para aproximação a temática timorese, incluiremos aqui referências a textos que desconhecíamos à data da feitura da comunicação. Essas referências irão assinaladas por asterisco.

- ALMEIDA, Maria Emília de Castro e - *Estudo Serológico dos Grupos Etnolinguísticos de Timor-Díli (Sistema ABO)*, (Col. "Estudos, Ensaios e Documentos", # 141), 1ª ed., Lisboa, I.I.C.T./J.I.C.U., 1982.
- BAXTER, Alan N. - (*) «Notes on the Creole Portuguese of Bidau, East Timor». *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 5/1, 1990, p. 01-38, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- COSTA, Luís da - «Timor Leste e o Cristianismo (Igreja Católica)». Comunicação às IV Jornadas de Timor da Universidade do Porto, Abril 1992.
- DAHL, Otto Christian - *Proto-Austronesian*, (Col. "Scandinavian Institute of Asian Studies Monograph Series", # 15), 2ª ed. rev., Lund, Studentlitteratur, 1977.
- DOSSIER: TIMOR LESTE, suplemento ao *Jornal Lisboa Académica*, # 1/2 de Junho/Julho 1992, Lisboa, Associação Académica de Lisboa.
- DUARTE, Jorge Barros - (*) «Préstamos Portugueses no Tétum», *Estudos Orientais*, vol. III, 1992, p. 243-258, Lisboa, Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa. [Inclui um dicionário dos préstamos, p. 251-258.]

- HORTA, Korinna Mathilde Schmidt - «O Léxico Português numa Ilha Remota da Oceânia (Alguns Exemplos de Palavras Portuguesas Enraizadas em Tétum - Língua Franca de Timor-Leste)», *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo - Lisboa - 1983*, Vol. II, 1ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa [vulgo "ICALP"], 1987, p. 350-360.
- LAMEIRAS-CAMPAÑOLO, Maria Olímpia & Henri Campagnolo - «Intervenção sobre a Língua Tétum num Curso de Formação de Professores». Comunicação não publicada. Lisboa/Paris, Março 1991.
- «Povos de Timor, Povo de Timor». *Coral*, # 1, Dezembro 1991, p. 33-36, Lisboa, Fundação Austronésia Borja da Costa. [Versão abreviada excepcionalmente feita para a revista *Coral* da comunicação (*) «Povos de Timor, Povo de Timor: Diversidade, Convergências», cf. *Estudos Orientais*, vol. III, 1992, p. 259-266, Lisboa, Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa.]
- MARCOS, Artur - «O Idioma Português no Canto de Manu Aman», *Jornal Lisboa Académica*, # 3 de Outubro 1992, p. 5-6, Lisboa, Associação Académica de Lisboa.
- RUHLEN, Merrit - *A Guide to the Languages of the World*, 1ª ed., Standford, Language Universals Project - Standford University, 1975.
- SÁ, Artur Basílio de - «Notas sobre Linguística Timorese - Sistema de Representação Fonética», *Estudos Coloniais*, Vol. III, 1952, p. 39-60, Lisboa, Escola Superior Colonial.
- *Textos em Teto da Literatura Oral Timorese*, (Col. "Estudos de Ciências Políticas e Sociais", # 45), 1ª ed., Lisboa, J.I.U./C.E.P.S., 1961.
- SOARES, Alberto & Maria Imaculada Soares Henrique & Artur Marcos - «De Um Professor-Catequista e de Uma Professora de Posto Escolar Leste-Timorenses». Comunicação às IV Jornadas de Timor da Universidade do Porto, Abril 1992.
- SYLVAN, Fernando - *Cantolenda Maubere / Hananuknanoi Maubere / The Legends of the Mauberes*, 1ª ed., Lisboa, Fundação Austronésia Borja da Costa, 1988.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. - «Timor: Notas Histórico-Linguísticas», *Portugaliae Historica*, Vol. II, 1974, p. 167-300, Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- «The Formation of Tetun-Praça, Vehicular Language of East Timor», PHILLIPS, Nigel & Khaidir Anwar (eds.), *Papers on Indonesian Languages and Literatures*, School of Oriental and African Studies (Londres) / Association Archipel (Paris), 1981, p. 54-83. [Cf. tb. em *Cahier d'Archipel*, # 13.]

- (*) «A Língua Portuguesa em Timor», *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo – Lisboa -1983*, Vol. I, 1ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985, p. 313-338.
- (*) *De Ceuta a Timor*, (Col. "Memória e Sociedade"), 1ª ed., Carnaxide (Linda-a-Velha / Portugal), Difel-Difusão Editorial S.A., 1994. [Reedita, entre diversos textos, alguns dos trabalhos do Autor relativos a Timor: «Relance da História de Timor», «A Língua Portuguesa em Timor», «O Afluxo ao Meio Urbano no Timor Português». Apresenta uma versão em português do artigo «The Formation of Tetun-Praça, Vehicular Language of East Timor».

BIBLIOGRAFIA DE TIMOR & ACTIVIDADE CULTURAL

(Comunicação às V Jornadas de Timor da Universidade do Porto, decorridas entre 22 e 29 de Julho de 1993.)

Se Timor Leste tem uma evidente dimensão política, de direitos humanos, de direito ao exercício de autodeterminação, é igualmente verdade que Timor Leste possui uma estimável dimensão cultural.

É da afirmação do potencial que Timor Leste enquanto matéria de cultura representa que pretendemos tratar, pois nos parece que tem sido assunto insuficientemente considerado, advindo daí prejuízo até para uma certa apresentação política da realidade leste-timorense em determinados lugares.

Para quem possam interessar, reunimos algumas observações avulsas resultantes de prática de compilação de documentos, de estudo e de diálogo com colegas universitários de diversas origens.

Devido à nossa área de actividade estar, aparentemente, mais relacionada com as chamadas Humanidades, daremos exemplos relativos a disciplinas que as integram.

Conhecer a Bibliografia, Fazer Trabalhos

Em ciência há duas possibilidades, duas formas, de trabalhar, as quais não se excluem; aliás, por vezes, até se combinam: *uma*, coligindo, avaliando, dados sobre/em realidades vivas, havendo contacto directo com entes vários; *a outra*, laborando, conjecturando, sobre dados e materiais pré-existentes, ou seja, o que é frequente, trata-se de um esforço desenvolvido a partir de papeis preparados por terceiros.

2000

SEM

guerras & violência

"Ir contra a evolução das coisas é ir contra si mesmo".

Boletim do Clube Mundo Sem Guerras e Sem Violência
• Ano 1 • nº 1 • dezembro de 1996 • Tiragem 1000 exemplares

CLAMOR POR TIMOR

Este País quer ser Livre!!!

A campanha "2000 Sem Guerras e Sem Violência", organizada pelo Movimento Humanista Internacional, sede Brasil, está se solidarizando pela campanha "Clamor Por Timor" levado a cabo pelo grupo do mesmo nome (contatos pelo tel.: (011) 853-6830).

A violência em Timor Leste nas palavras de Noam Chomsky "é comparável com o holocausto dos judeus na segunda Guerra Mundial, proporcionalmente, morreram mais pessoas em Timor Leste do que no Vietnã ou Camboja".

Os números da violência chegam à 44% da população morta, em 21 anos de invasão pela Indonésia, da população existente no território antes da ocupação.

Em 1991, 200 pessoas foram mortas no chamado "Massacre de Santa Cruz", milhares foram feridas e centenas foram presas.

O núcleo humanista pela "Liberdade do Timor", funciona no tel.: (011) 65-2621 c/ Edmundo.

"Boicote as marcas de tênis Nike e Reebok, fabricados na Indonésia, país invasor do Timor em 07/12/75".

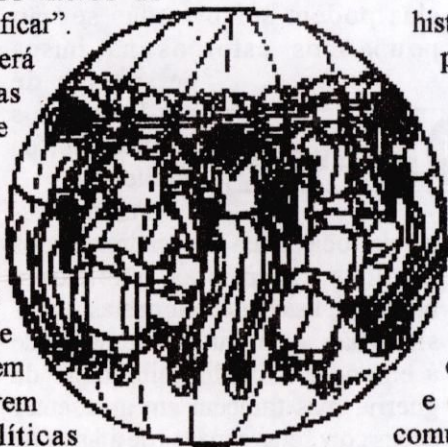
A história humana é a expressão da rebelião frente ao estabelecido

Podemos cometer a ingenuidade de supor que as guerras terminarão magicamente, não importando o que façamos, ou mesmo se não fizermos nada, e que um dia seremos informados pelos meios de comunicação que "a paz chegou para ficar". Mas não se trata de algo que ocorrerá inevitavelmente: podemos eliminar as guerras, o que não é o mesmo que afirmar que "serão eliminadas".

Aimensidão e complexidade implicadas num projeto para erradicar as guerras pode ser, em nível pessoal, uma imagem que paralise, ao invés de mobilizar. Parece difícil, depois de séculos de violência, imaginar que cessem as guerras. Entretanto, antes de serem estabelecidas estratégias políticas internacionais e planos locais, a imagem de um planeta sem guerras deverá vir primeiro, como uma visão íntima, e como um compromisso pessoal, em cada um de nós.

Este é o ponto chave, é o ponto de arranque de toda questão. Se a maioria dos seres humanos não quer as guerras, mas ao mesmo tempo não acreditam na possibilidade de detê-las, então a primeira mudança necessária está nas nossas próprias cabeças: nas nossas crenças acerca desta aparente imutável realidade. Temos que mudar a idéia de que "não é possível", porque

muitas vezes o que nos impede de transformar aquilo que chamamos "realidade", é apenas o que acreditamos dela.



O que é a história humana, senão a história da superação dos limites? Acaso poderíamos hoje pôr os recursos da natureza a nosso favor, se desde o surgimento mesmo do humano, desde os primeiros rudimentos de civilização, se não houvesse existido a rebelião frente ao estabelecido? Não fosse assim, seria possível hoje alimentar-nos, curar as enfermidades e avançar no conhecimento de nosso corpo, navegar e conhecer a profundidade oceânica, comunicar-nos instantaneamente de um extremo a outro do planeta, voar e explorar o Universo?

Este é o sentido da História: um constante esforço para superar a dor e o sofrimento pessoal e social, para alcançar a felicidade, a liberdade, a alegria de viver. Uma luta ininterrupta através dos milênios; para transformar o ambiente natural em um lugar apto para a vida humana, e o ambiente social em um lugar digno para um desenvolvimento sem limites. (Extraído do Manifesto do Clube Mundo Sem Guerras).

A imoralidade dos violentos e a força moral da Não-Violência.

Na história da humanidade as guerras sempre estiveram presentes, sendo a maior fonte de dor e sofrimento.

Há muitos interessados na produção de conflitos armados. Apresentam a violência física como um comportamento natural do ser humano, onde a idéia de "natural" subjaz ao significado daquilo que não pode ser transformado pela intenção, daquilo que será assim sempre, enquanto exista o homem. Alguns foram mais além, apresentando a violência como um "mal necessário".

O edifício humano foi construído graças a muito trabalho, criatividade, ao intercâmbio e à solidariedade das gerações. Também é certo que em algumas ocasiões um homem, um grupo ou um povo agem violentamente, produzindo destruição.

Entretanto, sempre há pré-condições a uma explosão de violência, e é aí que se pode e deve-se atuar para desviar as enormes forças que se colocam em marcha. A não-violência é ao contrário de uma atitude frágil, débil, covarde; e em nosso enfoque não exclui o direito a auto-defesa.

A atitude não-violenta é uma escolha possível e necessária, mediante a qual um homem, um grupo ou um povo mostra sua força moral e a altura de sua consciência, aos contemporâneos que o seguem na história. A violência é um "erro de resposta", não a expressão de alguma suposta maldade intrínseca do gênero humano. A menos que se queira atribuir tal rasgo patológico, de doença mental, a todo ser que nasce neste planeta, teremos que aceitar que as guerras não são um fato mecânico, incontrolável, natural como um furacão ou um terremoto. Elas respondem a interesses de pessoas e grupos concretos. A guerra é pensada e planejada por estes poucos, doentes de crueldade, de ambição de poder e dinheiro. Eles envolvem aos povos na execução de seus planos, com argumentos e justificativas que são essencialmente imorais e portanto não válidos. A morte, a loucura, o desespero, as mutilações, as doenças, as seqüelas da destruição, da fome, da solidão... são as consequências de tal imoralidade. (*Extraído do Manifesto do Clube Mundo Sem Guerras*).

O que é o Clube Mundo Sem Guerra?

O Mundo Sem Guerras é um esforço de grupos e fundações de mais de 20 países, como Argentina, Áustria, Canadá, Chile, Colômbia, Inglaterra, França, Alemanha, Hungria, Islândia, Itália, México, Holanda, Peru, Rússia, Espanha, Suíça, Estados Unidos, Ucrânia, Venezuela, ex-Iugoslávia, Brasil.

O objetivo desse projeto é o seguinte: uma campanha anual, tendo como meta a cessação de todas as guerras, ao menos durante uma semana, no ano 2000, para demonstrar que um mundo sem guerras pode ser realidade.

As ações planejadas para a campanha - discussões, encontros, apresentações públicas, publicações - levarão o público a descobrir as origens reais das guerras atuais, que elas podem ser evitadas se não pouparmos esforços na busca persistente de soluções pacíficas para os problemas.

Assim o papel da sociedade - especialmente dos médicos, cientistas nucleares, biólogos, físicos, economistas - consistirá não só em ajudar a humanidade a entender a inadmissibilidade da guerra, mas também em apresentar ações concretas capazes de afastar de nossa vida essa ameaça.

Mundo SEM guerras

FICHA DE ADESÃO

à "Campanha Mundo Sem Guerras e Sem Violência"

Nome:
Entidade: Cargo/função:
Endereço: Cep:
Tel: () Fax ()
E-mail:
Data: Assinatura:

INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS e personalidades que aderiram a campanha mundial "2000 Sem Guerras":

- Dr. Salvatore Puledda (Itália)
- Mikhail Gorbachev (Rússia)
- Gorbachov Foundation
- Dr. Noam Chomsky (USA)
- Arq. Adolfo Perez Esquivel (Argentina)
- Movimento PUGWASH

Expediente

Editores:

Roberto Teraguchi

Edmundo F. C. Garcia

Caio Boucinhas

Silvio Sant'Anna

Francisco S. Santos

Diagramação: Gelson P. dos Santos

End. para cartas:

R. José Getúlio 217/ 144 S. Paulo.

Cep: 01509-000

E-mail: teraguch@uninet.com.br

Tels: 895-4648

65-2621

Fax: 00-55-11-262 8775

2000 NO WAR AND NO VIOLENCE

• O Clube Mundo Sem Guerras é uma iniciativa do Movimento Humanista.

Uma força moral organizada pode mudar a direção da história

Temos a responsabilidade e a necessidade moral de decidir se queremos continuar vivendo e em que condições queremos fazê-lo. É privilégio nosso atuar agora; por nós, pelas gerações vindouras e por aquelas que nos precederam. Fazer nossa parte e alcançar a mais alta meta: erradicar a violência como forma de relação, transformando-nos, transformar o mundo na morada de uma nova humanidade, e alcançar isto ao longo de nossa vida.

Proclamamos que o ser humano é o valor mais alto, e que a não-violência é a atitude mais digna, e convidamos a todos a definirem suas posturas nestes temas fundamentais.

Convidamos a todos a participarem nesta causa digna, preparando o caminho da nova humanidade.

Você pode informar-se sobre esta proposta, aderir-lhe e transmiti-la a outros!

Entre em contato conosco:

Tels: 895-4648 c/ Roberto

(011) 65-2621 c/Edmundo ou Santana.

Ha'u hein katak mate sira
 sei moris hi'as,
 moris foun sei mosu mai.
 Amen.

[E aqui, final da oração "Credo", interrompemos a sequência do *Ordinário da Missa* e passamos ao ponto que dá lugar à oração "Pai Nosso", a qual integra a parte do *RITO DA COMUNHÃO*.]

96. *Tendo colocado cálice e a patena sobre o altar, o sacerdote, com as mãos juntas, diz:*


Ho laran metin,
 ita tomak hamulak ba Ita Aman Maromak,
 nu'udar Kristu hanorin:

Abre os braços e, juntamente com o povo, continua:

Ami Aman, iha lalehan, [Pai nosso que estais no céu...]
 tulun ema atu hahí Ita Naran;
 halo Ita Nia reinu to'o mai ami;
 haraik tulun ba ema atu tuir Ita Nia hakarak
 iha rai nu'udar iha lalehan.
 Ohin Ne'e,
 haraik ai-han lor-loron nian mai ami;
 haraik perdua mai ami salan
 nu'udar ami perdua ba ema halo aat ami;
 labele husik ami monu ba tentasão,
 maibé hasai ami hosi buat aat.»

[Com a oração "Pai Nosso" concluímos a cópia de excertos do *Ordinário da Missa / Texto Oficial Tétum*. Esforçámo-nos por copiar competentemente, porém, sempre é possível alguma falha; assim, recordamos que qualquer eventual desconformidade, indesejada, com o texto da Diocese de Díli será de nossa responsabilidade... A.M.]

[NOTA ADICIONAL. Consta-nos ainda a existência dos seguintes livros religiosos para serviço da Igreja Católica em Timor Leste: *Missal Dominical em Tétum* (2 vols.); *Missal Ferial do Advento, Quaresma e Tempo Pascal em Tétum* (2 vols.); *Missal Ferial em Tétum – 1ª Semana a 17ª Semana* (1 vol.); todos em edição da Paróquia de S. João Bosco, situada em Laga, Timor, e ostentando, respectivamente, as indicações de "imprimatur" datadas de 15 Ago. 1990, 15 Ago. 1992, 01 Out. 1992, firmadas por Mgr. Carlos Filipe Ximenes Belo, S.D.B., Bispo Titular de Lorum, Administrador Apostólico de Díli.]



MENSAGEM DO TERCEIRO MUNDO

1971 – Ano internacional contra o racismo

Autoria: FERNANDO SYLVAN

In: um desdobrável com o mesmo título

"Composto e impresso em Abril de 1972 na Tipografia do «Jornal do Fundão»";
tb. in *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, Lisboa, Edições Colibri, 1993.

Não tenhas medo de confessar que me sugaste o sangue
E esgravataste chagas no meu corpo
E me tiraste o mar do peixe e o sal do mar
E a água pura e a terra boa
E levantaste a cruz contra os meus deuses
E me calaste nas palavras que eu pensava.
Não tenhas medo de confessar que te inventaste mau
Nas torturas em milhões de mim
E que me davas só o chão que recusavas
E o fruto que te amargava
E o trabalho que não querias
E menos de metade do alfabeto.
Não tenhas medo de confessar o esforço
De silenciar os meus batuques
E de apagar as queimadas e as fogueiras
E desvendar os segredos e os mistérios
E destruir todos os meus jogos
E também os cantares dos meus avós.

Não tenhas medo, amigo, que te não odeio.
Foi essa a minha história e a tua história.
E eu sobrevivi
Para construir estradas e cidades a teu lado
E inventar fábricas e Ciência,
Que o mundo não pôde ser feito só por ti.

2ª orelha

POEMA TRISTE

Autoria: FITUN FUIK
In: Coral, # 2 de Setembro de 1992, p. 66.

Porque calças meu solo?
Porque matas minha gente?...
Meus verdes alcantilados,
minhas azuis montanhas
querem a paz,
a paz que todos queremos.
Minha aldeia sossegada
beija os aromas puros
das minhas humildes montanhas
que querem a paz,
para no silêncio e na paz
construir a paz.
Porque tu,
com tanto progresso técnico,
tens inveja daquilo
que eu não tenho,
não possuo,
mas quero ser.
Ser como o Senhor me fez,
nascer com a paz,
viver na paz
e dormir sonhando a paz!...

Quem acredita que eles não matam,
não assassinam!
Quem crê que eles querem construir na guerra,
com o cano das suas armas,
a minha aldeia.
Minha natureza contempla,
em silêncio, suas obras.
As cascatas das águas nascentes
das minhas montanhas levam os males
que eles cometeram,
para assim dar ao mundo,
aos fortes,
a honra e a glória!
Eu, no meu silêncio, choro
para que meus choros não ultrajem
a honra dos grandes.
Falo sem nada dizer
para que meus vizinhos me não gritem.
Acredito que a Paz existe para mim,
morrendo!...



PÁTRIA

(4ª capa)?

Autoria: XANANA GUSMÃO, aliás Kay Rala Xanana Gusmão, aliás Sha'a Na Na, aliás José Alexandre Gusmão.

OBS.: Xanana Gusmão, um dos comandantes principais das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste – FALINTIL – foi capturado pelo Exército Indonésio e (quando escrevemos) padece o sequente cativeiro. A sua situação chamou a atenção de organizações como a Amnesty International e o Pen Club International, as quais continuam a seguir o seu caso. A sua condição de militar-guerrilheiro adveio com a necessidade de opor resistência à invasão estrangeira de Dezembro de 1975. Para acercamento a traços biográficos e a aspectos do pensamento político e militar de Xanana Gusmão veja-se o livro *Timor Leste – Um Povo, Uma Pátria*, uma publicação das Edições Colibri e apoiada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cujo lançamento ocorreu em Novembro de 1994.

Pátria é, pois, o sol que deu o ser
Drama, poema, tempo e o espaço,
Das gerações, que passam, forte laço
E as verdades que estamos a viver.

Pátria... é sepultura... é sofrer
De quem marca, co'a vida, um novo passo.
Ao povo – uma Pátria – é, num traço
simples... Independência até morrer!

Do trabalho o berço, paz, tormento,
Pátria é a vida, orgulho, a aliança
Da alegria, do amor, do sentimento.

Pátria... é tradições, passado e herança!
O som da bala é... Pátria, de momento!
Pátria... é do futuro a esperança!

KOLE LELE MAI

Tema: makasae.
Região: Baucau.

Refrão: Kole lele mai
Rade kokodele le
Kole le mai

- | | | |
|---|---|--|
| 1. Loi sai lesa sai
Loi lesa sai, Kolele mai
Loi sai lesa mata
Guta maderene, Kolele mai | Órfão é sempre órfão
(é um desgraçado) | Once an orphan always an orphan
(he is hapless) |
| 2. Bini lesa loi loi
Bini lesa loi, Kolele mai
Uarene naga nisi
Bini lesa loi, Kolele mai. | Está sempre só
mesmo que... | He is always alone
even when... |
| 3. Lesa tia fana fana
Lesa suma nana, Kolele mai
Lesa suma nanagau
Lesa tia fana, Kolele mai | Se se chama pelo órfão
é para o insultar. | If you call to an orphan
it will be to insult him |
| 4. Dara sula da di
Dara tame da, Kolele mai
Lesa dó dara sula
Hei tau la'a, Kolele mai. | É um vagabundo
que não encontra poiso
porque não tem
onde o encontrar. | He's a drifter
who has found nowhere to stay
because he has
nowhere to go |

UM MINUTO DE SILÊNCIO

Autoria: BORJA DA COSTA

OBS.: Francisco Borja da Costa nasceu em 14 OUT. 1946, em Fatu Berliu, Same. Os militares da República da Indonésia mataram-no aquando da invasão de Timor Leste em 07 DEZ. 1975. A morte prematura impediu-o de se afirmar artisticamente, contudo um folheto dos anos oitenta regista que «Borja da Costa destacou-se tanto no estudo como na arte de cultivar as formas clássicas da oratória e poesia, em tétum, muito tendo contribuído para o renascer da Literatura Timorense e sua transcrição». Obra dele foi publicada, que saibamos, em Timor Leste, Austrália, Moçambique, Holanda, Angola, Portugal...

ONE MINUTE OF SILENCE

Calai
Montes
Vales e fontes
Regatos e ribeiros
Pedras dos caminhos
E ervas do chão,
Calai

Calai
Pássaros do ar
E ondas do mar
Ventos que sopram
Nas praias que sobram
De terras de ninguém,
Calai

Calai
Canas e bambus
Árvores e "ai-rús"
Palmeiras e capim
Na verdura sem fim
Do pequeno Timor,
Calai

Calai
Calai-vos e calemo-nos
POR UM MINUTO
É tempo de silêncio
No silêncio do tempo
Ao tempo de vida
Dos que perderam a vida

PELA PÁTRIA
PELA NAÇÃO
PELO POVO
PELA NOSSA
LIBERTAÇÃO
CALAI - UM MINUTO DE SILÊNCIO...

Be silent
mountains
valleys and springs
rivers and streams
stony ways
and grassy reaches,
be silent

Be silent
birds of the air
and waves of the sea
winds that blow
on sands that flow
in lands that no-one owns,
be silent

Be silent
canes and bamboos
bushes and eucalypts
palms and grasses
endless verdure
of tiny Timor,
be silent

Be silent
your silence, our silence
FOR ONE MINUTE
It is a time for silence
for the silenced time
for the life times lost
the lives given

FOR THE HOMETLAND
FOR THE NATION
FOR THE PEOPLE
FOR OUR
LIBERATION
BE SILENT - ONE MINUTE OF SILENCE...

POVO SEM VOZ *

A autoria: XANANA GUSMÃO

Nosso grito é o silêncio
na passagem do tempo
e o tempo é o sangue
no silêncio do mundo!

– Ouvi, mundos!

Ouvi, gentes da política!
Invadistes a nossa Pátria com o Soeharto,
isolastes Timor-Leste na guerra fria
e torturastes-nos com a indiferença
e matastes-nos com a cumplicidade.

– Ouvi, ouvi as vossas culpas!

Desengajastes a nossa causa com Jacarta,
minimizastes o nosso direito na ONU
e prendestes-nos com iénes
e massacrastes-nos com dólares.

Nosso tempo é o silêncio
nas mudanças do mundo
e o sangue é o preço
nos mundos do silêncio!

– Ouvi, mundos!

Ouvi, gentes do poder!

Abençoastes a mortandade com Catedrais,
enterrastes a tragédia nos investimentos
e desafiastes a nossa consciência
e reprimistes os nossos anseios.

– Ouvi, ouvi as vossas culpas!

Atraiçoastes os vossos próprios princípios,
manipulastes as vossas próprias normas
e encarcerastes-nos na realpolitik
e matastes-nos como os direitos humanos.

... Somos POVO SEM VOZ

alma sem fronteira com a dor
corpo na escravidão aberto ao tempo
Pátria – um cemitério de interesses!
A nossa luta...
é a história
do poder do silêncio!

Timor Leste, 12 de Maio de 1992

MENINO JESUS DA MINHA COR *

A autoria: FERNANDO SYLVAN

In: 7 Poemas de Timor, 1965; tb. in *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, Lisboa,
Edições Colibri, 1993.

Meu Natal timor,
Meu primeiro Natal.

Quantos anos tinha?!
Nunca o soube ao certo.

Minha Mãe-Menina
Fez-me o seu presépio:
Uma encosta arrancada ao Ramelau
Com uma gruta ausente
Cheia de Maromak
E perfume de coco,
Um búfalo e um kuda
E o bafo quente dos seus pulmões.

E um menino sobre palha de arroz
E folhas de cafeeiro.

Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.

– Ínan, quem é?
– É o Maromak-Filho e teu Irmão!

E eu recuei, porque via no berço
Um menino rosado,
Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.

– Ele é, mais do que todos, teu Irmão...
– Mas como pode ser um meu irmão?
– É teu Irmão: Firma-lhe bem teus olhos, meu Amor!

E eu, obedecendo,
Firmei-me todo nEle.
E vejo-O desde então
Também da minha cor!

Significados:
Maromak = Deus
Ínan = Mãe
Kuda = Cavalão.

POEMA

Penúltimo

X Autoria: XANANA GUSMÃO

OBS: Poema dedicado por Xanana Gusmão a António Barbedo de Magalhães. Apresentamos aqui a *segunda versão*. Para comparação das duas versões, de 1989 e de 1991 (?), cf. pp. 32-35 de *O ESCRITOR – Revista da Associação Portuguesa de Escritores*, # 02, de Dezembro de 1993, que apresenta ambas.

Pisaste um dia a terra descalça
do "bua" e do "malus",
paraste um dia à sombra da casa alta
estranhando o "tuaka"
e reparaste no seu dono
cobrindo com a nudez do seu "hakfolik"
a campa dos antepassados.

Miraste o seu suor tórrido
lavando as faces do seu rosto sujo;
ouviste ainda o seu "hamulak"
entoado em "tais" do seu "lulik"
e respeitaste o "manuaten"

Conheceste, na pobreza da sua pele,
o magro olhar altivo
profundamente rude
infinitamente íntimo.

E o dono da terra guardou o seu "ai-suak"
matou o seu "karau"
e levantou o "odan"
agarrou no "tali"
e saiu em busca do seu "kuda"
esgrimindo o "surik" contra o "naog'ten";

e de longe, de mui longe,
de cá dos oceanos,
ferido, ensanguentado,
mas firme no berço do crocodilo*
arremessou o seu "diman"
e sibilando no espaço da história
rude e profundamente
te rasgou a carne
e íntima e infinitamente
abraçou a tua alma de português,
e tu amaste-o...

e de longe, de mui longe,
de cá dos oceanos,
arremessou o seu "diman"
que rude e profundamente
te atravessou a carne
e íntima e infinitamente
abraçou a tua alma...
e tu... amaste-o!...

bua – grão de areca (para mascar).

malus – folha de betel ¹, uma planta trepadeira (para mascar).

tuaka – aguardente local.

hakfolik – pano atado à cintura para tapar as partes pudicas.

hamulaks – preces, orações.

tais – pano com que o timor se veste, enrolando-o como se fosse uma saia.

lulik – sagrado.

manuaten – fígado¹ de galo (o galo de combate, com que os timorenses fazem – ou faziam – a luta de galos, é um animal de grande estimação, tratado a rigor. O galo é também o símbolo da coragem e o símbolo do próprio Povo Maubere e da sua luta).

ai-suak – alavanca de madeira afiada com que o timorense trabalha a terra.

karau – búfalo; boi.

odan – cancela de vedação.

tali – corda (com que se prende e guia o cavalo).

kuda – pequeno cavalo timorense; pónei.

surik – espada.

naog'ten – ladrão (o invasor indonésio) ¹.

* *crocodilo* – segundo a lenda, a ilha de Timor é o corpo de um crocodilo que, cansado depois de percorrer os oceanos levando no seu dorso uma criança (que antes o salvara de morrer escaldado nas areias batidas pelo sol) ao sentir-se velho e gasto, se transformou em terra firme, da qual o menino sensível, generoso, aventureiro e curioso foi o primeiro habitante.

diman – azagaia.

¹ A revista da A.P.E. em vez de "betel" tem "areca", em vez de "fígado" tem "coração". Aqui indicamos "betel" e "fígado" após um reparo que nos fez um leste-timorense que domina bem a língua tétum. Esta mesma pessoa prefere grafar <naok'ten>.

políticas erradas para com tal território, o Estado Português e o Estado Indonésio criaram nele um amadurecimento social bastante e certas condições locais que permitiriam que fosse assegurada ao povo leste-timorese a oportunidade – que ele reclama e é seu direito – de se autodeterminar legalmente e de se autogovernar com sucesso.

Redigido isto, avancemos com os textos e versões que seguem.

171

último



O CROCODILO QUE SE FEZ TIMOR

Autoria: FERNANDO SYLVAN.

In: *Cantolenda Maubere – Hananuknanoik Maubere – The legends of the Mauberes.*

Lisboa, Fundação Austronésia Borja da Costa, 1988.

Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era o ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe.

De qualquer maneira, conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava para si próprio:

- Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!
- Tem paciência, tem paciência... – dizia a si próprio.
- Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo – recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

– Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou pelo sítio um rapazinho vivaz que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

– Que tens, Crocodilo, ah!, como tu estás?! Tens as pernas partidas, caíu-te alguma coisa em cima?

– Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.

Respondeu o rapazinho:

– Se é só por isso, posso ajudar-te – e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano.

No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

– Este Rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida – e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo e, depois, devorá-lo.

– Não sejas ingrato – diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

– A fome tem os seus direitos.

– Isso, é verdade, mas olha que traír um amigo é um acto indigno. E, este, é o primeiro amigo que tens.

– Então, vou deixar-me ficar na mesma, e morrer à fome?

– O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento.

– Isso é verdade...

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe:

– Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...

– Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que mais há por esse mar fora.

– Sonho... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho... – arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem.

Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

– Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro.

– O prometido é prometido... Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo, Rapazinho. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?

– Isso, só isso, Crocodilo.

– Pois eu, agora, também. Vamos então.

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.

Era tudo tão grande e tão lindo!

O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não sabiam se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

– Ouve-me, Rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...

– O meu não vai acabar.

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perdêr a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma do crocodilo.

X PRESENTE E FUTURO DA PALAVRA MAUBERE

Autoria: FERNANDO SYLVAN

OBS.: Existe pelo menos outra versão deste texto, apresentada em fotocópias e retomada num folheto, intitulada «Futuro da Palavra Maubere». Segundo informação do Sr. Benjamim Cardoso, patrício e interlocutor de Fernando Sylvan para certos aspectos de textos deste, a versão que aqui se apresenta é a definitiva. Nesta versão o texto foi lido durante as IV Jornadas de Timor da Universidade do Porto.

Alguns timores protestam contra o uso da palavra *Maubere* no significado que, felizmente, hoje tem: nome de um povo e de tudo o que lhe é relativo. E isso, porque, dizem, se trata de um vocativo pejorativo por a palavra *maubere* significar *Zé-ninguém*; mas na região dos galólis, de onde é originária, foi desde não se sabe quando, nome masculino de gente, consequentemente substantivo próprio. O nome tornou-se vulgar e com isso ganhou força expansionista, talvez nem tanto por si mesma, mas por corrosão absorvente dos colonialistas. Não vale tentar segurá-lo.

O nome próprio *Maubere* (talvez *Mau-Bere*) tem crescido, positivamente, de forma extraordinária e espectacular. Para além de continuar como nome próprio masculino e nome de povo, é adjectivo: Na verdade, *Maubere* quer dizer actualmente povo de Timor Leste e tudo o que lhe é relativo. É a única palavra da língua tétum que se universalizou.

É difícil, por enquanto, descobrir-lhe a origem. Não pode mesmo a propósito dela dizer-se mais do que ser palavra masculina, por a partícula *mau* indicar-lhe o género.

Nenhum outro vocábulo tétum, uma das muitas línguas de Timor-Leste (Timor Maubere) e a única de serviço intercomunicário*, teve mais rápido movimento, e isso, indesmentivelmente, pelo uso que dela fez e faz a Resistência, dentro e fora, sobretudo fora das fronteiras de Timor Maubere. É esta palavra que viaja, altaneira, na Comunicação Social de todos os países, nos Organismos de Apoio em numerosos Estados, nos aréopagos internacionais, em todos os sítios, enfim, inserida na generalidade das línguas cultas.

É só por isso que a palavra *maubere* tem crescido de forma extraordinária e espectacular. Novo sentido se lhe colou e a encorpou. É palavra usada no português e internacionalmente, em conversa de rua, discurso político, texto poético ou erudito, porque, na verdade, a invasão indonésia e o genocídio consequente, com o trazer a questão dos Mauberes ao

* Talvez se deva ler [intercomunitário]. Falecido o autor não é possível esclarecer certas pequenas coisas relativas ao seu texto que num ou noutro lugar nos parece apresentar eventuais gralhas, pelo menos no exemplar a que temos acesso.

primeiro plano das preocupações nacionais e internacionais, fez com que a palavra *maubere*, tal e qual, fosse inserida, e vivesse, sem tradução, em todos os idiomas. Como, é claro, na língua portuguesa. De facto, o uso da palavra *maubere* é corrente e apreendida no seu significado maior.

E isto, apesar de ter começado por ser, apenas, vulgar antropónimo masculino. Tão vulgar como o são no português os antropónimos *António* e *João*.

O nome próprio *Maubere* (*Mau-bere*) aparece a ilustrar exemplos de casos característicos em que a partir do nome próprio dos filhos primogénitos se modificam os dos pais, acrescentados de *Inan* ou *Aman* conforme à Mãe ou ao Pai. No caso de primogénito *Mau-Bere* (*Maubere*), a mãe fica a chamar-se *Mau-Bere Inan* e o pai *Mau-Bere Aman*. *Inan*, significa feminino, mãe, mulher; *Aman*, significa masculino, Pai, Homem.

Os nomes próprios masculino *Maubere* e feminino *Bibere* ilustram exemplos característicos em que a partir do nome próprio do filho primogénito (no caso, o de *Maubere*) ou do da filha primogénita (no caso, o de *Bibere*) se modificam os nomes dos pais pela aposição de *Inan* ou *Aman*. Assim os nomes dos pais [d]e filho primogénito passam para *Maubere Inan* e *Maubere Aman* e os dos pais de filha primogénita para *Bibere Inan* e *Bibere Aman*. Tratando-se de filho ou filha ou parente de *Liurai* (*Rei*), então, ainda se antepõe ao nome já conseguido *Nai* ou *Noi*. Neste caso de primogénitos filho ou filha ou aparentados de *Liurai*, por exemplo, com os nomes de *Benjamim* ou de *Maria*, seria para o de *Benjamim*. *Nai Benjamim Inan* e *Nai Benjamim Aman*, e para o de *Maria*. *Noi Maria Inan* e *Noi Maria Aman*.

Como antigamente não havia apelidos, explicava-se a necessidade desta combinação a partir de nomes próprios, femininos ou masculinos, para identificação na estrutura familiar.

A necessidade de agrupação, por meio de apelido, impôs-se. Outros métodos empíricos, ainda hoje em uso, não cobrem a complexidade da questão, exemplo dos casos portugueses de "Estes rapazes e raparigas são filhos do Zé da Ponte" (porque toda a gente do lugar sabia que o senhor Zé morava junto da ponte), "Aqui estão as filhas e o marido da Mariana do Moleiro" (porque toda a gente sabia que a Mariana era filha de certo moleiro do lugar).

Mau-Bere (*Maubere*), tudo o indica, à partida não era senão antropónimo masculino e indicava apenas o indivíduo desse nome; era nome vulgar, frequente, pelo menos até aos anos 30.

Generalizando-se tal antropónimo, é de admitir que, então, o nome *Mau-Bere* (*Maubere*) tenha servido aos colonialistas portugueses para lhe darem sentido paralelo aos que se contém em *zé-ninguém*, *joão-dos-anzóis* ou *maria-tonta* usados em Portugal em sentido depreciativo.

Simplemente, como é óbvio, zé-ninguém não é usado para todos os Josés, João-dos-anzóis para todos os Joões, maria-tonta para todas as Marias, mas só em relação a indivíduos de quaisquer nomes para marginalizá-los, humilhá-los ou, simplesmente, caracterizá-los. Muitos portugueses usavam as palavras preto preta pretos pretas para nomear indivíduos ou raças africanas e, a tal ponto, que homens e mulheres se deixavam chamar assim, sem alternativa. Na sociedade portuguesa, como havia o hábito de caracterizar pessoas pelos defeitos físicos ou certos dos seus sinais característicos, era vulgar ouvir-se como se fossem nomes próprios *coxo, marreco, cego, preto, zarolho, chinês, mulato*. Felizmente, e quase num ápice, essas marcas caíram em desuso.

Em relação à palavra Maubere (Mau-Bere) pode explicar-se, pois, pelo complexo de superioridade dos colonialistas. Fora do funcionalismo, quase todos dos portugueses que iam para o longínquo Timor eram proscritos, marginalizados, castigados, condenados, escória social.

O antropónimo Maubere (Mau-Bere) ter-se tomado de significado pejorativo não foi, de certeza, da iniciativa de naturais de Timor, mas imposição dos colonialistas. A generalização de paralelismos com zé-ninguém e João-ninguém só foi possível por esse complexo.

Talvez primitivamente houvesse o nome Bere e fosse mais tarde precedido pelo determinativo Mau. Hipótese. Pode até admitir-se que o vocábulo tivesse, primeiro, sido usado como no português o hipocorístico e se engatinhasse como antropónimo, ao contrário da lógica.

É assim que pode ter-se generalizado o uso da palavra Maubere conexas a zé-ninguém e, conseqüentemente, se carregasse do seu sentido pejorativo por acção do colonizador, dada a maior mobilidade dele. Daí ter-se inserido nas outras línguas locais, despida do primeiro sabor nativo.

Do que não há dúvida é de que, principalmente pela projecção da Resistência a palavra Maubere se impôs como substantivo próprio e colectivo e, também, como adjectivo. O vocábulo, hoje usado na língua portuguesa e sabe-se que nas línguas cultas do mundo inteiro e em todas as situações, outra coisa não quer dizer senão povo de Timor-Leste (Timor Maubere) e o que a ele é relativo.

Os timores que defendem que o substantivo próprio Maubere (Mau-Bere), por se ter tomado, em tempos recuados, de significado pejorativo, não deve ser usado como hoje o é, estão mas é inconscientemente a castigá-lo, a tentar asfixiá-lo, para que o vocábulo não se dilate e viva no plano que já conquistou.

São tantos os vocábulos portugueses antigos e mesmo menos antigos que se modificaram para um outro ou um melhor sentido que esta sessão não chegaria para referi-los. É próprio, é mesmo sinal de vida em línguas cultas. Seria fastidioso trazer exemplos, incluindo alguns do nosso

quotidiano, de palavras que variam de significado de região para região, ou de Portugal para o Brasil, o mesmo vocábulo mudando de sentido, ou, às vezes, tornando-se até de sentido oposto, outras de sentido ofensivo ou amaneirando-se. Vejamos como a palavra *rapariga*, que em Portugal é simplesmente feminino de rapaz, mulher nova, moça, menina pequena, mas que no Brasil pode significar meretriz, mais, que correntemente o significa mesmo.

Deixo para o fim o exemplo da palavra cristão. Esta palavra não sobreveio logo à morte de Cristo. Seguidores da Via era como se designavam todos os que seguiam Cristo em vida e em memória durante quase 100 anos. Passado quase um século, ainda os cobradores de impostos em Antiochia designavam pejorativamente, ofensivamente, desprezivelmente de *cristãos* os Seguidores da Via. Como um anátema, qualquer coisa como excomunhão.

Anátema! Sabe-se o que anátema significa hoje. Ora tal palavra teve inicialmente o significado de *coisa oferecida a Deus* mas depois da versão dos Setenta surgiu com o de *coisa destinada por Deus à destruição*. O seu sentido modificou-se para o oposto.

Voltando, para terminar, à palavra Cristão, que apareceu com significado altamente pejorativo, e o manteve por largos decénios, perguntarei se alguém, religioso ou não, se atreverá agora a usá-la que não seja no sentido universal e esplendoroso que tem, que tem tido há quase dois mil anos.

Maubere! Palavra mágica! Usemo-la no coração, na inteligência, no ensino e na luta.

PEÇA DE ORATÓRIA

Autoria: LUÍS DA COSTA

[NOTA CONTEXTUALIZADORA. Em 07 de Dezembro de 1993 teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o lançamento do livro *A Voz Fagueira de Oan Timor*, o qual acto ganhou o carácter de homenagem ao homem de cultura leste-timorense Fernando Sylvan. A edição foi promovida pelas organizações AEFLUL - Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edi-